



**Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**

Rua Barão de Geremoabo, nº147; CEP: 40170-290 Campus Universitário - Ondina, Salvador - BA
Tel.: (71) 32636255 / 6256 Fax: (71) 3263-6256 E-mail: ppletba@ufba.br



**SOBRE O DISCURSO FRANCÊS DOS
ROTEIROS DE DIOGO AFONSO**

por

RITA MARIA RIBEIRO BESSA

Orientador: Prof^a. Dr^a. Célia Marques Telles

**Salvador
2005**



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
Rua Barão de Geremoabo, nº147; CEP: 40170-290 Campus Universitário - Ondina, Salvador - BA
Tel.: (71) 32636255 / 6256 Fax: (71) 3263-6256 E-mail: ppletba@ufba.br



SOBRE O DISCURSO FRANCÊS DOS ROTEIROS DE DIOGO AFONSO

por

RITA MARIA RIBEIRO BESSA

Orientador: Prof^a. Dr^a. Célia Marques Telles

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Salvador
2005

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

B557 Bessa, Rita Maria Ribeiro.
Sobre o discurso francês dos roteiros de Diogo Afonso / por Rita Maria Ribeiro
Bessa. - 2005.
94 f. + anexos.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Célia Marques Telles.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2005.

1. Análise do discurso. 2. Lingüística histórica - Séc. XVI. 3. Afonso, Diogo. 4. Portugal - Expedições exploradoras. I. Telles, Célia Marques. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDU - 81'42

CDD - 401.41

AGRADECIMENTO

De tudo, ficaram três coisas:

A certeza de que estamos sempre recomeçando...

A certeza de que precisamos continuar...

A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...

Portanto devemos fazer da interrupção um caminho novo....

Da queda um passo de dança....

Do medo, uma escada...

Do sonho, uma ponte...

Da procura, um encontro...

Fernando Sabino*

Prof^a Célia Marques Telles, muito obrigada por apontar-me novos rumos e por fazer parte da minha caminhada, incentivando-me a continuar e ensinando que, sempre, é possível recomeçar no universo inesgotável do conhecimento.

* SABINO, Fernando. *O Encontro marcado*. 10 ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1956. p. 145.

O discurso de fato se pronuncia na linguagem e, inicialmente, no mundo de uma interpelação que ocupa e discute o mundo circundante, a *atualização* possui, sem dúvida, uma função constitutiva proeminente.

A unidade ekstática da *temporalidade*, isto é, a unidade do fora de si nas retrações do porvir, vigor de ter sido e atualidade é a condição de possibilidade para que um ser exista.

Martin Heidegger **

** HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 11. ed. Petrópolis (RJ): Vozes/Univ. São Francisco, 2004. p. 148-9.

RESUMO

Os roteiros da Carreira da Índia, traduzidos em língua francesa por J. H. van Linschoten, em *Le grand routier de mer* (1610), são fundamentais para os projetos de exploração das rotas marítimas para as Índias Orientais. As principais características do discurso destes roteiros são apresentadas indicando as situações comunicativas comumente encontradas, a saber, orientação das rotas, descrições sobre os locais e sinais encontrados e sobretudo, advertências. O conceito de discurso adotado, de acordo com a natureza dos textos, é aquele proposto por E. Benveniste que traz o sujeito para o centro da cena enunciativa. Para ampliar a compreensão do discurso deste sujeito que é J. H. van Linschoten, apresenta-se a variante lingüística por ele empregada, no caso, o francês médio, língua de transição que se estende, aproximadamente, do final do século XIII ao do XVI e que representa a busca da afirmação e da unidade lingüística no território francês. Torna-se necessário, ainda, situar este sujeito no tempo e no espaço, buscando conhecer o contexto sócio-histórico e os lugares ocupados por este sujeito como determinantes do seu discurso. Dentre os fatos lingüísticos observados, são analisadas as formas verbais da língua francesa, mais freqüentes no discurso dos roteiros, que têm a função de apontar as experiências dos elocutores e as suas orientações, no que tange às ações dos alocutores. A compreensão de suas funções é feita a partir do conceito de temporalidade e através da aplicação dos pressupostos teóricos de H. Weinrich, que propõe, como critérios de análise das formas verbais da língua francesa, as noções de nível de atualidade do discurso, como também, os conceitos de grupo de formas verbais pertencentes às narrativas do mundo comentado e

àquelas do mundo narrado. Os exemplos retirados dos roteiros e que apresentam as formas verbais do modo indicativo são confrontados com a teoria de H. Weinrich, confirmando, através de índices percentuais e da função das formas verbais, que se trata de um discurso pertencente ao mundo comentado.

RÉSUMÉ

Les cours du voyage aux Indes appointés par les pilotes portugais ont été traduits en langue française par J. H. van Linschoten dans *Le grand routier de mer*, en 1610. Son oeuvre est fondamentale pour les projets d'explorations aux Indes Orientales. Le discours du *Grand routier de mer* présente des situations de communication concernant les directions, la description des lieux et des signes trouvés le long des chemins et surtout les dangers de la route. La définition de discours considérée la meilleure pour comprendre les textes analysés est celle qui est proposée par É. Benveniste. D'après sa théorie le sujet est au centre de la situation communicative. Pour bien comprendre le discours de ce sujet qui est le traducteur J. H. van Linschoten, on présente les caractéristiques du moyen français qui est la langue employée dans les textes et qui représente le moment de lutte pour l'affirmation du français. Comme il s'agit de l'analyse du discours, on présente aussi les conditions de production de celui-ci, en mettant en relief le contexte qui entoure le sujet, ainsi que la place qu'il y occupe. La théorie de H. Weinrich et la définition de temporalité sont employées pour expliquer la fonction discursive des formes verbales de la langue française relevées dans les textes. Selon H. Weinrich ces formes verbales sont classées dans deux groupes, appartenant au récit du monde commenté et à celui du monde raconté. Chaque groupe rassemble des formes verbales françaises du mode indicatif, et à chacun correspond un niveau d'actualité. Après avoir analysé les fonctions discursives des formes verbales ainsi que leur fréquence dans le discours de J. H. van Linschoten, on constate qu'il s'agit d'un discours du monde commenté d'après la théorie de H. Weinrich.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vi
LISTA DE TABELAS	vii
LISTA DE ABREVIATURAS	viii
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Os Textos dos <i>Roteiros da Carreira da Índia</i>	4
1.2 O Conceito de discurso	9
1.3 A Estrutura da dissertação	11
2 A LÍNGUA FRANCESA DOS TEXTOS DE <i>LE GRAND ROUTIER DE MER</i>	16
3 AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DE J. H. VAN LINSCHOTEN	32
3.1 O Contexto sócio-histórico e a trajetória de Jan Huygen van Linschoten	33
3.2 O Discurso de J. H. van Linschoten em <i>Le Grand Routier de mer</i>	37
3.3 O Sujeito assujeitador	43
4 A EXPRESSÃO DA TEMPORALIDADE	51
4.1 A Teoria das formas verbais de Harald Weinrich	60
5 AS FORMAS VERBAIS DO MUNDO COMENTADO EM <i>LE GRAND ROUTIER DE MER</i>	65
5.1 Présent de l'indicatif	66
5.2 Présent de l'indicatif / futur simple	68
5.3 Présent de l'impératif	71
a) PRÉSENT DE L'IMPÉRATIF / PRÉSENT DE L'INDICATIF	72
b) PRÉSENT DE L'IMPÉRATIF / FUTUR SIMPLE	74
c) PRÉSENT DE L'IMPÉRATIF / PRÉSENT DE L'INDICATIF / FUTUR SIMPLE	74
d) PRÉSENT DE L'IMPÉRATIF / PRÉSENT DE L'INDICATIF / FUTUR SIMPLE / FUTUR PROCHE	79
e) O IMPÉRATIF COMO MARCADOR DO DISCURSO	79
5.4 Passé composé	82
5.5 Futur proche	85
5.6 Futur antérieur	86
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	89
ANEXO	
Cópia dos capítulos do <i>Le Grand routier de mer</i>	

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 – A dêixis temporal segundo B. Pottier	54
Fig. 2 – Características da imagem-tempo segundo G. Guillaume	54
Fig. 3 – O eixo da temporalidade segundo G. Rojo	55
Fig. 4 – A perspectiva da dimensão temporal segundo E. Coseriu	58
Fig. 5 - Formas verbais da língua francesa pertencentes às narrativas do mundo comentado, segundo Harald Weinrich	63

LISTA DE TABELAS

- Tab. 1 – Registro e índice percentual das formas verbais no discurso de textos franceses de roteiros de navegação, segundo C. Telles 65
- Tab. 2 - Registro e índice percentual das formas verbais no discurso dos textos de *Le Grand routier de mer* 65

LISTA DE ABREVIATURAS

- CNI** *Cours de la Navigation des Indes au Cap de Bonne Esperance, signé par un autre Pilote Portugis*
- CVI** *Cours du Voyage des Indes, appointé par Diego Alfonso, Portugais Pilote du Roy*
- DA** *Roteiros da Carreira da Índia de Diogo Afonso*
- NCC** *Navigation du Cap das Correntes vers les Seches appellees Baixos de Judia, & dela a Moçambique*
- NMD** *Navigation de Monte Delin montagne celebre en la coste de Malabar, en Portugal*
- NMI** *Navigation de Moçambique aux Indes*

1 INTRODUÇÃO

Os textos dos roteiros de ida e de volta da *Carreira da Índia*, escritos pelo piloto português Diogo Afonso e traduzidos por J. H. van Linschoten em língua francesa, integram a coletânea *Le grand routier de mer*¹ (1610). Eles são uma fonte rica em situações comunicativas como indicações de rotas, descrição de lugares e advertências.

O *Le grand routier de mer* reúne diversos roteiros portugueses do século XVI. Segundo A. Fontoura da Costa², estes roteiros ocupam cerca de 161 páginas na tradução francesa. Dentre eles, encontram-se os roteiros da *Carreira da Índia* escritos pelo piloto Diogo Afonso, distribuídos em cinco capítulos.

C Telles³ tem realizado alguns estudos sobre os textos de *Le grand routier de mer*, atestando a fidedignidade da tradução de J. H. van Linschoten, assim como comparando a estrutura do discurso dos roteiros em português e espanhol. Contudo, ainda não foi desenvolvido um estudo mais aprofundado do seu discurso. Esses trabalhos, assim como os primeiros contatos com os textos franceses, motivaram a idéia de analisar determinado fato lingüístico que chamasse maior atenção no discurso de *Le grand routier de mer*, no caso, a função das formas verbais da língua francesa, em uma ótica discursiva. Considerou-se, também, a relevância dessa abordagem para a lingüística histórica, sobretudo, no que concerne à aplicação da teoria da análise do

¹ Cf. LINSCHOT, Jean Hvgves de. *Le grand routier de mer*. Nouv. trad. De flameng en François. In: id. *Histoire de la navigation au Indes Orientales*; contenant diverses description des lieux iusques à présent decouverts par le portugais.... 2. éd. agm. Amsterdam: Chez Evertsz Cloppenburch, 1619. p. 3-8 e 16-9.

² Cf. COSTA, A Fontoura da. *A marinharia dos descobrimentos*. 3 ed. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1960. p. 329.

³ Cf. TELLES, Célia Marques. *Coleção de roteiros portugueses da "Carreira da Índia" no século XVI*; edição do manuscrito FP56 da BNP. São Paulo: USP, 1988. v. 1. Tese orient. pela Profa Edith Pimentel Pinto.

discurso, proposta por H. Weinrich⁴, em textos do final do século XVI, escritos em francês médio.

As primeiras análises dos textos de J. H. van Linschoten permitiram verificar o emprego de determinadas formas verbais na narrativa. A perspectiva teórica escolhida foi, como já se disse, aquela proposta por H. Weinrich⁵, segundo a qual as formas verbais são entendidas como operadores discursivos que expressam as atitudes do falante.

Os primeiros questionamentos surgidos levaram a investigar por que certas formas verbais do modo indicativo da língua francesa são empregadas repetidamente pelo enunciador ao escrever seu discurso. Uma segunda preocupação ligou-se à indagação de existir uma intenção comunicativa que induzisse ao uso dessas formas verbais. Esses valores assumidos pelas formas verbais nos textos em análise puderam ser, na sua totalidade, verificados dentro da teoria escolhida.

Os primeiros contatos com os roteiros da *Carreira da Índia*, em *Le grand routier de mer*, também chamaram a atenção pela variante lingüística empregada por J. H. van Linschoten para traduzir os roteiros. Desta forma, procedeu-se ao estudo do estado da língua que caracterizava o discurso dos textos, a saber, o francês médio, buscando-se entender as particularidades lingüísticas, inclusive, no que se refere às formas verbais e à noção de tempo.

Após encontrar explicações lingüísticas que permitissem um maior entrosamento com os textos, iniciou-se uma nova fase do trabalho que foi a compreensão de determinadas características da literatura de viagens, especificamente dos roteiros de

⁴ Cf. WEINRICH, Harald. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Vers. esp. de Federico Latorre Madrid: Gredos, 1968.

⁵ Cf. id., *ibid.*

navegação. As informações coletadas, sobretudo, nos estudos realizados por C. Telles⁶, possibilitaram a incorporação, nesta dissertação, dos conceitos de discurso, de dêixis pessoal e, principalmente, de dêixis temporal.

Para a análise foi adotado o conceito de discurso proposto por E. Benveniste⁷, a saber, aquele que considera a interação como de fundamental importância. O enunciador não pode ser entendido dissociado do seu interlocutor.

Em seguida, teve início a etapa de coleta de informações sobre as condições de produção do discurso de J. H. van Linschoten, enfatizando a trajetória de vida do sujeito, J.H. van Linschoten, assim como os lugares ocupados por ele no contexto sócio histórico indo-português.

No que tange à dêixis temporal, mais especificamente, à função das formas verbais nos textos em análise, percebeu-se que era necessário recorrer a teorias que levassem em conta o potencial humano ao usar a linguagem. Assim, tornou-se fundamental ultrapassar os limites estabelecidos pelas gramáticas normativas do francês, no século XVI, onde o tratamento dado à noção de tempo era puramente cronológico e a preocupação se restringia, sobretudo, aos limites das mudanças morfológicas ocorridas no paradigma das conjugações.

A teoria da temporalidade apresentou-se como o suporte necessário para a análise dos textos, na perspectiva discursiva adotada, propiciando o abandono da tripartição do tempo em passado, presente ou futuro e propondo as noções de

⁶ Cf. TELLES, Célia Marques. *As categorias de "modo", "tempo" e "aspecto" em textos românicos do século XVI*. Salvador : UFBA/PGL, 1982. Dissert. orient. por Nilton Vasco da Gama; id. A categoria de tempo no discurso dos "Roteiros de Navegação". In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 1; anais. Salvador: ABRALIN, 1994. disq. 7, comun11.doc.

⁷ Cf. BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Rev. Isaac Nicolau Salum. 4 ed. Campinas: Pontes, 1995. p. 267.

anterioridade, simultaneidade e posterioridade de acontecimentos, seja em relação a outros fatos, seja em relação ao momento da fala.

Concluída a parte de estudos acima, adotou-se a teoria de H. Weinrich⁸ para a análise do corpus, visto que a sua definição de forma verbal, assim como os pressupostos teóricos conduziam a uma melhor compreensão dos fatos abordados, permitindo que os questionamentos levantados, anteriormente, sobre a função das formas verbais no discurso de J. H. van Linschoten pudessem vir a encontrar as suas respostas. Partindo, então, do conceito de eixo da temporalidade e da aplicação dos critérios de análise das formas verbais da língua francesa, de acordo com H. Weinrich, foi analisado o texto de cinco capítulos de *Le grand routier de mer*.

1.1 Os Textos dos Roteiros da Carreira da Índia

A literatura de viagens é considerada como a mais alta expressão do patrimônio cultural português no século XVI⁹. Através dos textos que a compõem é possível ter a representação e a compreensão da realidade do homem português dos fins dos

⁸ Cf. WEINRICH, Harald. op. cit.

⁹ Cf. CARVALHO, Joaquim Barradas de. L'Historiographie portugaise contemporaine et la littérature de voyages à l'époque des grandes découvertes. *Ibérida*, Rio de Janeiro, v.4, p.115, dez. 1960. A mais clara definição é fornecida pelos verbetes *Literatura de viagens* do *Dicionário de História de Portugal* e do *Dicionário de história dos descobrimentos portugueses*. Cf. CARVALHO, Joaquim Barradas de. *Literatura de viagens*. In: SERRÃO, Joel (dir.). *Dicionário de história de Portugal*. Porto: Iniciativas Editoriais, 1979. v.6, p. 283a: "Do primeiro quartel ao fim do século XV, os Portugueses levam a cabo esta série de empresas [os Descobrimentos e a expansão], destinadas a revolucionar toda a história da humanidade. Uma nova literatura surge, graças a esta extraordinária aventura humana. Literatura a que poderemos chamar - se empregarmos esta palavra num sentido bem amplo e genérico - literatura portuguesa de viagens." (p. 283a); Cf., ainda, PINTO, José Rocha. *Literatura de viagens*. In: ALBUQUERQUE, Luís de (dir.). *Dicionário de história dos descobrimentos portugueses*. Lisboa: Caminho, 1994. v.2, p. 606b: Um tal género narrativo é, antes de mais, um instrumento de apreensão, compreensão e representação da realidade, complexa e em mudança, que se deparou ao homem português enquanto trilhava as vias do processo descobridor e expansionista a que se entregara e com ele toda a Europa."

quatrocentos e dos anos quinhentos. Dela fazem parte os roteiros de navegação que são documentos elaborados ou reunidos por pilotos para serem lidos por mareantes¹⁰.

Os pilotos eram tipos característicos de Portugal, naquela época. Eles não pertenciam à classe dominante e não tinham acesso às universidades e às escolas humanistas. A cultura náutica que possuíam emergia da experiência adquirida. Eram homens simples e se expressavam em uma linguagem que podia ser facilmente entendida.

Nos roteiros, falavam das experiências pessoais e apresentavam descrições pormenorizadas das costas descobertas, com as rotas que deviam ser seguidas, os acidentes geográficos, as “conhecenças”¹¹ dos locais de escala ou de passagem obrigatória, a indicação dos ventos dominantes ou de correntes marítimas, enfim, todo um conjunto de orientações minuciosas capazes de transformar o discurso em uma fonte rica em situações comunicativas.

No caso da coleção de roteiros portugueses da Carreira da Índia, no século XVI, eles se encontram na Bibliothèque Nationale de Paris¹² (manuscrito Fonds Portugais 56). Os dois primeiros roteiros do códice são da autoria do piloto Diogo Afonso (1536). Segundo A. Fontoura da Costa¹³, foi a partir dos roteiros de Diogo Afonso que apareceram os primeiros e escassos registros do nordestear e do noroestear da agulha, nas várias regiões atravessadas, bem como as conhecenças das terras e os sinais locais derivados das aves avistadas e das plantas marítimas encontradas. Eles constituem um verdadeiro monumento, sendo o primeiro conhecido para a viagem de volta da Índia.

¹⁰ Cf. TELLES, Célia Marques. *Coleção de roteiros portugueses da “Carreira da Índia” no século XVI...*

¹¹ Define-se *conhecenças* como “pontos notáveis da terra, por meio do qual se poderá reconhecer uma região da costa” (cf. LEITÃO, Humberto. Vocabulário. In: id. (edit.). *Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino (1608-1612)*; diários de navegação coligidos por D. António de Ataíde no século XVII. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958. v.3, s.v. *sinais*).

¹² Cf. TELLES, Célia Marques. *Coleção de roteiros portugueses da “Carreira da Índia” no século XVI...*

Estes roteiros tiveram tanta influência nas rotas que foram considerados como o protótipo desta carreira, do qual viriam a surgir outros mais aperfeiçoados.

Os *Roteiros da Carreira da Índia* de Diogo Afonso foram copiados e publicados em flamengo (1596) por J. H. van Linschoten. Em seguida, ele os traduziu e publicou em inglês (1598) e francês (1610)¹⁴. A história de J. H. van Linschoten e a sua participação na viagem de ida e de volta para as Índias Orientais, em naus portuguesas, são de fundamental importância para a compreensão do seu discurso e da função que desempenhou nos projetos de expansão marítima holandesa. Estes fatos serão apresentados, posteriormente, no capítulo que trata das condições de produção do seu discurso.

Quanto aos roteiros que traduziu para o francês, em 1610, foram publicados no *Le grand routier de mer*¹⁵. Esses roteiros se distribuem em cinco capítulos, três relativos à viagem de ida de Portugal para as Índias (II, III, IV) e dois, à de volta das Índias para Portugal (VIII e IX), a saber:

II - *Cours du Voyage des Indes, appointé par Diego Alfonso, Portugais Pilote du Roy*¹⁶;

III - *Navigation du Cap das Correntes vers les Seches appellees Baixos de Judia, & dela a Moçambique*¹⁷;

IV - *Navigation de Moçambique aux Indes*¹⁸;

VIII - *Cours de la Navigation des Indes au Cap de Bonne Esperance, signé par um autre Pilote Portugis [sic]*¹⁹;

¹³ Cf. COSTA, A. Fontoura da. *A marinharia dos descobrimentos...* p. 310.

¹⁴ Cf. LINSCHOT, Jean Hvgves de. *Le grand routier de mer...* .

¹⁵ Cf. id., *ibid.*

¹⁶ Cf. id., *ibid.*, p. 3-6.

¹⁷ Cf. id., *ibid.*, p. 6-7.

¹⁸ Cf. id., *ibid.*, p. 7-8.

¹⁹ Cf. id., *ibid.*, p. 16-7.

IX - *Navigation de Monte Delin montagne celebre em la coste de malabar, em Portugal*²⁰.

Segundo J. Barassin²¹, foi através desta tradução que os franceses foram, ao menos em parte, iniciados no mundo náutico português em direção às Índias. Após a morte de J. H. van Linschoten, em 1638, surge uma nova edição da sua obra. J. Barassin diz que nos textos são apresentadas as rotas a serem seguidas na navegação para as Índias Orientais, que foram fielmente extraídas das suas memórias, assim como das observações de pilotos experientes, tanto espanhóis como portugueses, holandeses e ingleses.

Comparando a versão portuguesa do manuscrito FP 56 da BNP que foi usado como texto base para edição crítica e a versão francesa, C. Telles²² mostra que as diferenças de pormenores existentes entre ambas podem se justificar pelo fato de J. H. van Linschoten ter feito acréscimos ou por ter o compilador do manuscrito resumido ou omitido passagens, no entanto, não restam dúvidas de que a tradução é fidedigna.

J. Barassin também chama a atenção para a “probidade de Linschoten que cita com fidelidade as fontes portuguesas”²³.

A propósito das traduções de J. H. van Linschoten, vale lembrar as observações de H. Howens Post de que é verdade que sem Jean Huyghen os Holandeses não teriam conhecido a imagem primorosa do mundo oriental que ele propagou nas cores mais vivas, traduzindo as páginas de Garcia da Orta e também, sobretudo, no primeiro volume, vários capítulos de João de Barros, de Diogo do Couto, citações de Camões e de outros autores portugueses que tinham escrito sobre a Índia Portuguesa. Ninguém na

²⁰ Cf. id., *ibid.*, p. 17-9.

²¹ Cf. BARASSIN, J. Jean Hugues Linschoten. *Studia*, Lisboa, v.11, p. 252, 1963.

²² Cf. TELLES, Célia Marques. Considerações sobre uma tradução francesa de textos quinhentistas portugueses: O “Le Grand routier de mer” de J. H. van Linschoten. In: MILTON, John et al. (edit.). *Encontro Nacional de Tradutores*, 5; anais. São Paulo: Humanitas, 1996. p. 55-6.

Holanda sabia, nessa altura, o Português. Nós não podemos acusar Jean Huyghen de ser plagiário por ter traduzido tantos autores portugueses no livro que ele escreveu sobre a sua estada na Índia, pois que as idéias de seus contemporâneos eram muito menos rigorosas no que diz respeito ao plágio do que as da nossa época, mas parece-me interessante verificar num artigo seguinte a qual ponto ele traduziu literalmente os passos dos autores acima mencionados²⁴.

Registre-se ainda que David Lopes, a respeito de J. H. van Linschoten, diz ter ele viajado em navios portugueses, expressado-se em língua portuguesa, por toda a parte visto portugueses e ouvido portugueses. Trata-se de uma viagem maravilhosa num mundo português, de que se fez o pregoeiro admirador, descrevendo-a sem artifício de linguagem, com a simples documentação do que viu e viveu. É, segundo ele, a maior homenagem à expansão portuguesa, para quem queira ou saiba meditar, pois, nomes geográficos ou de pessoas na forma portuguesa, nomes de flora e de fauna também portugueses abundam no seu livro²⁵.

A. Pos e R. M. Loureiro²⁶ dizem que o interesse pelas publicações de J. H. van Linschoten foi tão grande que, além das traduções mencionadas acima, para o holandês, o inglês e o francês, elas foram escritas também em latim (1599), sendo várias de suas partes reeditadas em coleções populares de relatos de viagens e descobrimentos da época.

Outro aspecto que deve ser apontado é que, no caso da tradução francesa, J. H. van Linschoten vai empregar uma das variedades correntes da língua, mantendo a

²³ Cf. BARASSIN, J., art. cit., p. 254.

²⁴ Cf. POST, H. Howens. João Huyghen van Linschoten, administrador da casa do Arcebispo de Goa e espião da Holanda (1538-1587). *Ocidente*, Lisboa, 1960. v. 58, n. 264, p.126.

²⁵ Cf. LOPES, David. *A Expansão da língua portuguesa no oriente durante os séculos XVI, XVII e XVIII*. 2. ed. Porto: Portucalense, 1969. p. 3-4.

²⁶ Cf. POS, Arie; LOUREIRO, Rui Manuel. *Itinerário, viagem ou navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997. p. 9-11.

variante lingüística social profissional, a saber, a linguagem técnica de marinharia e acrescentando a sua experiência de viagem em navio português às Índias.

A variante francesa usada no seu discurso, as suas características, assim como os limites lingüístico e histórico onde ela se inscreve serão apresentados no capítulo denominado *A língua francesa nos textos do Le Grand routier de mer*.

1. 2 O Conceito de discurso

O conceito de discurso que melhor se adequa à análise proposta foi aquele defendido por E. Benveniste²⁷. Segundo ele, no discurso, a língua é assumida pelo homem que fala, e sob a condição da intersubjetividade, somente desta forma, a comunicação é possível. Assim, o discurso pressupõe toda enunciação onde exista um locutor e um ouvinte. O primeiro visa a influenciar o segundo. Questionando sobre qual seria a realidade à qual se refere o locutor, no caso, o *eu* e o seu interlocutor, isto é, o *tu*, E. Benveniste responde como sendo a realidade do discurso, que é algo bastante singular. Na sua concepção o *eu*, que só se define enquanto locução e jamais como objeto, significa aquele que enuncia a presente instância de discurso que contém o *eu*, instância que só é válida na sua unicidade. O sujeito que fala, aquele que é o *eu* do discurso, tem a consciência de si mesmo e esta só pode ser experimentada por contraste, assim, quando o sujeito se define como *eu*, ele necessariamente se dirige a alguém que será o *tu*, nenhum dos dois se concebe sem o outro. Esta atitude de comprometimento com a situação que expõe e com aquele com quem fala mostra que este *sujeito é ativo*²⁸ e que o seu discurso é tenso, pois se trata de algo que o afeta diretamente.

²⁷ Cf. BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral...*, p. 267.

²⁸ Cf. POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso; ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba: Criar, 2002. p. 102.

Esta definição dada por E. Benveniste acha-se na proposta de H. Weinrich²⁹, quando ele afirma que não há um protótipo para este *eu* que é, na sua classificação, um comentador. Este sujeito é singular e busca sempre influenciar o outro, o seu alocutor, esperando dele uma atitude de compromisso.

Essa relação de cumplicidade estabelecida pelos sujeitos descritos acima, e que caracteriza o discurso, pode ser facilmente verificada em *Le grand routier de mer*. A dêixis pessoal é marcada na segunda pessoa – *vous* -, o elocutor (*je*) se refere aos seus alocutores (*vous*), indicando sempre as atitudes que deverão ser tomadas por eles.

No caso do sujeito do discurso, J. H. van Linschoten será designado pelo pronome pessoal – *Je* -. Ele se apropria das informações contidas nos roteiros portugueses originais, escritos pelo piloto Diogo Afonso, e redige o seu discurso, endereçado aos mareantes (*vous*). Nos textos, apresenta, detalhadamente, todas as informações que permitiram aos navegadores portugueses percorrer os caminhos de ida e volta entre Portugal e a Índia. A análise do corpus permitiu verificar, porém, que, em diversas situações, onde o *Je* é empregado, trata-se da voz do piloto Diogo Afonso.

Neste conceito de discurso, o sujeito não se concebe dissociado do *agora*. Esta referência temporal mantém, ainda, a relação com este ser no mundo. A respeito desta coordenada – *eu-aqui-agora* – que alicerça o discurso dos textos franceses, cabe acrescentar, ainda, o que diz C. Telles³⁰ acerca do discurso dos textos da literatura de viagens, dos quais fazem parte os roteiros de navegação, e dentre eles aqueles da *Carreira da Índia*. C. Telles aponta o ser que enuncia como aquele que existe no tempo e no espaço e a sua existência se caracteriza pela sua atuação *hic et nunc*. Assim, este ser que expressa a sua vivência existe em um mundo e em um tempo existenciais do ser

²⁹ Cf. WEINRICH, Harald. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje...* p.70.

³⁰ Cf. TELLES, Célia Marques. *As categorias de modo, tempo e aspecto em textos românicos do século XVI...*, f. 1.

que são o resultado da sua experiência. O discurso constitui o meio de expressão das atitudes deste ser no tempo e no espaço.

1.3 A Estrutura da dissertação

Divide-se a dissertação em Introdução, 4 capítulos (A Língua francesa dos textos de Le grand routier de mer, As Condições de produção do discurso de J. H. van Linschoten, A Expressão da temporalidade, As Formas verbais do mundo comentado em Le grand routier de mer) e as considerações finais, a que se seguem as referências e o anexo.

Na *Introdução* é feita uma apresentação geral do trabalho. A primeira parte fala dos roteiros da *Carreira da Índia*, em *Le grand routier de mer*, que suscitaram os questionamentos que vieram a eleger o objeto de análise da dissertação, a saber, *O discurso francês dos roteiros de Diogo Afonso*. Procura-se, também, justificar a escolha do objeto, mostrando a relevância da abordagem adotada. Define-se a linha teórica proposta por H. Weinrich como norteadora das análises sobre as formas verbais do discurso francês dos roteiros. Os questionamentos que estão na base do estudo sobre as funções das formas verbais são enumerados. Ainda na *Introdução*, são feitas considerações metodológicas que procuram mostrar cada etapa de construção desta dissertação, desde os primeiros contatos com os textos de J. H. van Linschoten. O primeiro ponto elucidado se refere à delimitação do corpus, em seguida, são apresentados os assuntos que vão ser abordados ao longo da dissertação. No que tange ao ponto relativo aos textos dos roteiros da *Carreira da Índia*, como também aquele que apresenta o conceito de discurso, opta-se pela colocação de ambos na *Introdução*, pelo

fato de acreditar-se que as informações dadas facilitam a incursão no estudo proposto sobre este tipo de narrativa.

Ao tratar dos textos dos roteiros da Carreira da Índia, são apresentadas as características dos roteiros de navegação, dos quais fazem parte os da *Carreira da Índia* de Diogo Afonso, traduzidos por J. H. van Linschoten em *Le grand routier de mer* (1610), como também é mostrada a importância e a confiabilidade da tradução. Sobre o discurso, a definição que melhor se adequa a determinadas características deste tipo de narrativa é aquela proposta por E. Benveniste. Por fim, a última parte da *Introdução* consiste em explicar a estrutura da dissertação.

No segundo capítulo, intitulado *A língua francesa dos textos de Le grand routier de mer*, define-se a variante lingüística empregada por J. H. van Linschoten para escrever o seu discurso. Nesse momento, a língua é denominada francês médio. Procura-se mostrar os limites históricos e lingüísticos defendidos por historiadores da língua francesa, escolhendo, como limite lingüístico, aproximado, do francês médio o final do século XIII até o início do século XVII, quando se dá a publicação de *Le grand routier de mer* (1610). Nas considerações feitas, o francês médio constitui a etapa de transição e de afirmação da língua, sendo, neste último caso, favorecido por fatos históricos e literários. São enumerados alguns acontecimentos que vêm fortalecer o ideal de unidade lingüística, como a publicação do decreto de Villers Cottêts, a Reforma Calvinista e o movimento pela defesa e ilustração da língua francesa. O capítulo é encerrado com exemplos de fatos da língua presentes nos textos franceses dos roteiros que atestam a oscilação no uso de formas pertencentes ao francês antigo e ao moderno em fase de estruturação.

O terceiro capítulo trata das *Condições de produção do discurso de J. H. van Linschoten* e é dividido em três partes : *O contexto sócio-histórico e a trajetória de J.*

H. van Linschoten, O discurso de J. H. van Linschoten em Le grand routier de mer e O sujeito assujeitador. Apresentam-se algumas definições de condições de produção defendidas pela escola francesa de análise do discurso. Através delas, será decidido quais são os aspectos das condições de produção escolhidos para a abordagem dos textos de J. H. van Linschoten. Será dada ênfase ao contexto sócio-histórico e ao sujeito do discurso de *Le grand routier de mer*. Em seguida, serão dadas as informações sobre a trajetória de vida de J. H. van Linschoten no contexto sócio-histórico amplo, a saber, as expedições marítimas portuguesas para a Índia, onde ele ocupa um determinado lugar, assim como a sua função de informante dos holandeses, no contexto de preparação para explorar as Índias. Assinala-se, por fim, como a obra *Le grand routier de mer* foi de fundamental importância para as expedições marítimas holandesas, inglesas e francesas, contribuindo para enfraquecer o monopólio ibérico nas Índias. Mostra-se, também, que J. H. van Linschoten reuniu, não apenas, os roteiros da *Carreira da Índia* de Diogo Afonso, como os de outros pilotos portugueses e espanhóis. No que se refere ao discurso de J. H. van Linschoten dentro das suas condições de produção, destacam-se os papéis de sujeito assujeitado ou de sujeito assujeitador assumidos por ele. Para cada um dos conceitos, recorre-se aos pressupostos teóricos da escola francesa de análise do discurso, acrescentando as informações sobre o sujeito, no contexto de enunciação e exemplificando-se com os textos dos roteiros.

O quarto capítulo denomina-se *A Expressão da Temporalidade e tem, como sub-ítem, A Teoria das Formas Verbais de Harald Weinrich*. Neste capítulo, mostra-se que a noção de tempo, na perspectiva discursiva adotada nesta dissertação, abandona a tripartição da gramática tradicional francesa, e passa a ser entendida através da teoria da temporalidade. São apresentados os conceitos de temporalidade, que se constitui como uma categoria dêitica. A partir desta escolha teórica, os acontecimentos são analisados

como anteriores, simultâneos ou posteriores a uma determinada referência, a saber o momento da fala ou um outro acontecimento.

No que concerne à teoria das formas verbais de Harald Weinrich, apresenta-se a perspectiva do plano de atualidade ou atitude temporal adotada por ele como o critério de análise das formas verbais da língua francesa. H. Weinrich conceitua a forma verbal e propõe a divisão destas formas verbais francesas em dois grupos, classificando-as como pertencentes à narrativa do mundo comentado ou àquela do mundo narrado, cada uma com um eixo temporal próprio. Como os roteiros de *Le grand routier de mer*, constituem-se enquanto narrativas do mundo comentado, segundo as características apresentadas por H. Weinrich, enumeram-se as formas verbais do grupo de tempos comentadores.

No quinto capítulo, intitulado *As Formas Verbais do Mundo Comentado em Le grand routier de mer*, são apresentadas duas tabelas com os registros e índices percentuais de formas verbais do discurso dos roteiros da *Carreira da Índia*, em *Le grand routier de mer*. A primeira tabela mostra os resultados do estudo prévio realizado por C. Telles e a segunda, aqueles verificados nesta dissertação. As formas verbais são enumeradas, segundo o maior número de ocorrências encontradas, a saber : a) *Présent de l'indicatif*, b) *Présent de l'indicatif e Futur simple*, c) *Présent de l'impératif*, d) *Présent de l'impératif e Présent de l'indicatif*, e) *Présent de l'impératif e Futur simple*, f) *Présent de l'impératif, Présent de l'indicatif e Futur simple*, g) *Présent de l'impératif, Présent de l'indicatif, Futur simple e Futur proche*, h) *Passé composé*, i) *Futur proche*, j) *Futur antérieur*. São feitas considerações teóricas, acerca de algumas destas formas verbais, confrontando com os fatos atestados no corpus.

Quanto às considerações finais, são apresentados os resultados das análises feitas sobre as formas verbais comentadoras no discurso dos roteiros franceses da *Carreira da Índia*, em *Le grand routier de mer*.

Reproduz-se no anexo a cópia dos cinco capítulos de *Le grand routier de mer*, relativos à tradução dos roteiros de Diogo Afonso.

As referências constam, apenas, dos trabalhos consultados para esta dissertação com remissões em notas de rodapé, a exceção do dicionário do francês médio.

2 A LINGUA FRANCESA DOS TEXTOS DE *LE GRAND ROUTIER DE MER*

Como se viu, os textos dos *Roteiros da Carreira da Índia*³¹ foram traduzidos por J.H. van Linschoten para o francês, em um período em que a língua francesa é conhecida como francês médio. Cabe caracterizar este momento da língua para melhor entender esta variante lingüística usada por ele para elaborar o seu discurso.

Os limites lingüísticos do francês médio variam entre os autores que tratam da história da língua francesa. Segundo F. Brunot e C. Bruneau³², o francês médio se estende entre o final do século XIII (1285) e o século XV (1482). Para A. Dauzat³³ este momento da língua francesa abrange o século XIV (desde 1328), até o início do século XVII (1610). De acordo com P. Guiraud,³⁴ este período vai do início da Guerra de Cem Anos (1328) até o final das Guerras de Religião (1598). W. v. Wartburg³⁵ situa o francês médio entre a segunda metade do século XIV e o século XV. Segundo B. Müller³⁶, a passagem do francês antigo para o francês médio se dá a partir do século XIII e o seu limite é o século XVI.

Dentro dos limites lingüísticos acima citados, deve-se perceber a existência de dois momentos históricos, a Idade Média e os Tempos Modernos; esses últimos foram marcados pelo movimento de restauração da cultura clássica. Ao longo deste período, foram verificadas oposições no âmbito das idéias, das instituições, dos hábitos, das literaturas e das artes, contudo, a língua é sempre o francês médio.

³¹ Cf. TELLES, Célia Marques. Considerações sobre uma tradução francesa de textos quinhentistas portugueses: O “Le Grand routier de mer” de J. H. van Linschoten...

³² Cf. BRUNOT, Ferdinand; BRUNEAU, Charles. *Précis de grammaire historique de la langue française*. 4 éd. Paris: Masson, 1956. p. 11-15.

³³ Cf. DAUZAT, Albert. *Histoire de la langue française*. Paris: PUF, 1959. p. 69-90.

³⁴ Cf. GUIRAUD, Pierre. *Le moyen français*. 3. éd. Paris: PUF, 1972. p. 5.

O francês médio caracteriza a etapa de transição entre o francês antigo e o francês moderno. É o período onde a língua francesa vai conquistando o seu espaço no território francês, em um processo lento e gradual de mudanças. Segundo P. Guiraud³⁷, o francês médio constitui o berço do francês moderno.

O século tomado como ponto de referência para a compreensão do francês médio é o século XIII. Alguns fatos históricos e literários vão influenciar nas mudanças ocorridas na língua e no seu processo de afirmação. Dentre eles, pode ser citado, o reino de Philippe-Auguste (1180-1223), que transforma a capital da região, Paris, em uma cidade digna do reino da França. Nela, a corte se instala fazendo assim, que o franciano, dialeto da Île de France e base da língua francesa, se torne o modelo linguístico a ser seguido. Segundo B. Müller³⁸, desde este período do francês médio, atesta-se o caminhar em direção à uniformização da língua.

No campo literário, as regiões cuja literatura era forte, até o século XII, vão declinar, dentre elas a Picardia e a Normandia. Os seus poetas começam a se desfazer, em parte, das particularidades provincianas e a literatura tende a se assentar em uma base linguística comum. W. v. Wartburg³⁹ ressalta, porém, que é cedo para se falar em estabilidade e existência de um único sistema linguístico, pois a vitalidade dos dialetos e das línguas regionais vai se manter até o final do século XIV. Os reinos sucessivos – o de Louis IX (1226-1270) e o de Philippe IV, le Bel (1285-1314) – são, também, de fortalecimento do poder da monarquia. A língua francesa começa a concorrer com o latim nos atos reais.

³⁵ Cf. WARTBURG, W. v. *Évolution et structure de la langue française*. 2. éd. Berne: A. Francke, 1946. p. 115-142.

³⁶ Cf. MÜLLER, Bodo. *Le français d'aujourd'hui*. Paris: Klincksieck, 1985. p. 53.

³⁷ Cf. GUIRAUD, Pierre, op. cit., p. 5.

³⁸ Cf. MÜLLER, Bodo, op. cit., p. 134-168.

³⁹ Cf. WARTBURG, W. v. *Évolution et structure de la langue française...*, p. 89-93.

Se, por um lado, no século XIII, o território francês se caracteriza pela prosperidade e pelo começo dessa busca pela uniformização do seu sistema linguístico, com o advento da guerra dos Cem Anos (1328), a França vai mergulhar no caos. A instabilidade nos quadros político, econômico e social se refletirá sobre a língua. Para W. v. Wartburg⁴⁰, o episódio da guerra de Cem Anos é muito importante para a língua francesa, visto que fortalece o sentimento nacional, pois o povo faz a sua aliança com o rei. A necessidade de constituição de uma nação desperta o desejo de unidade linguística.

Este processo de afirmação que permeia o francês médio continua ao longo da segunda metade dos séculos XV e XVI. O fato de os textos franceses dos *Roteiros da Carreira da Índia* serem escritos em francês médio, servindo como uma fonte rica em fatos linguísticos, característicos deste momento do idioma, além da sua publicação datar de 1610, faz com que se tenda a aceitar, o seu limite, até o século XVI, como defenderam P. Guiraud e B. Muller⁴¹.

Um breve panorama da França Renascentista pode retratar a continuidade do processo de afirmação iniciado pelo francês médio. No século XVI, a França se caracteriza pelo despertar intelectual e artístico do Renascimento. As inquietações vão girar em torno da defesa e da ilustração da língua. Buscam-se a sua restauração e o seu enriquecimento. Nessa época, a França se encontra fortemente influenciada pela Itália que lhe revela o humanismo. Segundo W. v. Wartburg, o individualismo preconizado por este vem reforçar o desejo de emancipação da língua nacional, conduzindo os homens de então a sentirem a necessidade de expressarem-se na sua própria língua.

⁴⁰ Cf. id., *ibid.* p. 115-120.

⁴¹ Cf. GUIRAUD, P., *loco cit* ; MÜLLER, B., *loco. cit.*

Com o decreto de Villers-Cotterêts (1539), que F. Brunot e C. Bruneau⁴² consideram como o ato mais importante do governo em toda a história da língua francesa, os documentos do reino passam a ser escritos, exclusivamente, em língua francesa. Esta se torna, então, a língua do Estado. Além disto, dizem eles, a Reforma Calvinista (1541) vem transformar o francês em língua do culto e do ensino cristão, fato reforçado pela já existente *Bíblia* traduzida para a língua francesa (1535).

Outro fato a ser destacado, neste processo de afirmação da língua, é que a educação difundida pela Sorbonne, grande centro mantenedor do latim como língua de cultura, desde o século XIII, é ameaçada, como aponta H. Walter⁴³, pela criação do Collège de France (1530), onde o ensino é ministrado em língua francesa.

Em 1549, surgem os poetas da Pléiade que lutam para o francês ter o direito de ser uma língua artística e literária. As inquietações deste grupo vão girar, como já se disse, em torno da defesa e da ilustração da língua francesa. Torna-se necessário, pois, dotá-la de grandes obras que lhe propiciem a dignidade e a nobreza. Esta conquista só é possível retornando-se ao modelo greco-latino.

Neste momento, a língua francesa vai se enriquecer, no campo lexical, com os empréstimos, não somente do latim e do grego, como sobretudo do italiano. O objetivo era suprir as necessidades do seu vocabulário. Nos campos sintático, morfológico e fonético, o modelo continuava a ser o do francês de Paris. Além disso, era preciso ter uma língua técnica que substituísse o latim nos textos científicos.

Nesse século, também, passa a haver maior regulamentação na gramática, com L. Meigret (1550), porém, o sistema lingüístico ainda não encontra a estabilidade, a flutuação entre as formas dos sistemas antigo e moderno, em fase de estruturação, continuava a ser atestada.

⁴² Cf. BRUNOT, Ferdinand; BRUNEAU, Charles, op. cit., p. 11-5.

Só a partir do século XVII, como afirma H. Walter⁴⁴, os gramáticos vão se empenhar em codificar a língua que começa a se apresentar de forma mais sistematizada.

Analisando a língua francesa nos textos de *Le Grand routier de mer*, é possível reconhecer, com um número bastante alto de ocorrências, formas lingüísticas características do francês médio, coexistindo com aquelas do sistema antigo.

Dentre os exemplos que mais chamaram a atenção, podem ser citados:

1. No âmbito da sintaxe, dois fatos são relevantes, a perda da declinação de dois casos e a ordem dos elementos das sentenças.

A causa que levou a um maior rigor na ordem das orações na língua francesa foi a perda da declinação de dois casos – o nominativo e o acusativo –, que poderia resultar na identidade fonética entre ambos, conduzindo a erros na compreensão. No francês antigo era possível distinguir, freqüentemente, o sujeito (nominativo) e o objeto (acusativo) pelo morfema *-s*, como afirma W. v. Wartburg⁴⁵, desta forma, a ordem dos elementos podia ter maior liberdade.

No século XVI, diz G. Gougenheim⁴⁶, a ordem SVO se torna a mais freqüente, porém, é possível encontrar traços característicos da ordem das sentenças do francês antigo, a saber, SOV, OVS, VSO e VOS, sobretudo onde não há como ocorrerem equívocos no entendimento da oração.

⁴³ Cf. WALTER, Henriette. *Le français dans tous les sens*. Paris: Robert Laffont, 1988. p. 27.

⁴⁴ Cf. id., *ibid.*

⁴⁵ Cf. WARTBURG, W. v. *Problemas y metodos de la lingüística*. Trad. Damaso Alonso y Emilio Lorenzo. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas / Instituto Miguel Cervantes, 1951. p. 313-16.

⁴⁶ Cf. GOUGENHEIM, G. *Grammaire de la langue française du seizième siècle*. Paris: A. & J. Picard, 1974. p. 253-57.

Nos textos franceses de *Le Grand routier de mer*, a ordem SVO é a mais empregada, no entanto, verificam-se ordens remanescentes do francês antigo, tal como se atesta nos exemplos abaixo.

... D'ici vous prēdrez un autre chemin vers les Isles de Martin Vaas, ayant passé la Ligne, & plus droit prenez vous le chemin, mieux est il. Depuis les dites Isles, ou depuis le hauteur d'icelles iusques aux Isles de Tristan da Cunha, ayant vent favorable, vous prendrez vostre droit cours, sans conter aucun declin: car ces Isles gisent en mesme longitude que les autres; avec la difference du quadran en ceste contree, asçavoir pres des dites Isles de Tristan da Cunha, l'aiguille du quadran decline au NordEst vn ryn & demi: & quand il est une heure apres midy sur le quadran, il n'est que midy sur l'Astrolabe. (CVI, p.4, L. 7-15).

Le flux des courans vers la mer rouge est depuis le quatriesme iusques au seiziesme degré. Prenez tousiours bien garde de vous tenir a vostre avantage, & de ne point venir court. En ceste contree & route se void tousiours quantité de ceste espece d'oiseaux susmentionnee, asçavoir de Rabos de Iunco: & quand vous approchez dela coste & des bancs de Pandua vous n'en verrez plus: seulement verrez-vous aucunes couleuvres comme anguilles flottantes en mer à cinquante lieue de terre, & davantagé. (NMI, p. 7, L. 40-47).

... pourtant vous adverti-ie de vous tenir tousiours pres de la coste vous en aurez meilleur voyage, car les courans vous pousseront vers le Cap, ores que les vents ne vous aident point: ce qu'il convient entendre lors que vous partez tard de Cochin: Ici vous trouverez tousiours grande sorte de vents de Ouest... (CNI, p. 17, L.3-7).

2. Na morfologia destacam-se os pronomes pessoais sujeito, os numerais, os demonstrativos, o particípio presente, o pronome pessoal indefinido *on*.

No que tange aos pronomes pessoais sujeito, W. v. Wartburg⁴⁷ assinala que, por volta de 1400, as consoantes e as vogais finais das formas verbais francesas deixam de ser pronunciadas, o que gera a coincidência, na expressão oral, das formas verbais das

três primeiras pessoas do singular, assim como, da terceira do plural. É neste momento que o emprego do pronome sujeito se generaliza. No século XV, este uso se torna obrigatório na língua falada. G. Gougenheim⁴⁸ aponta a metade do século XVI como o período onde se torna mais comum o uso do pronome pessoal sujeito átono diante dos verbos, deixando claro, porém, que a ausência deste, nesta posição, pode ser atestada até o final do século. Para P. Guiraud⁴⁹, o francês médio tanto permite o uso do pronome pessoal sujeito, segundo a regra moderna, como aceita a sua omissão, tal como na regra antiga. Este fato serve para mostrar o estado de indecisão em que se encontrava a língua.

No *Le Grand routier de mer* registra-se o emprego do pronome pessoal sujeito átono, ao longo de todos os cinco capítulos; a sua supressão ocorre, apenas, nos exemplos a seguir, nos quais a forma verbal se encontra numa oração coordenada imediatamente após a conjunção.

Allant de Monte Delin en Portugal, en dehors de l'Isle de S. Laurent vous vous mettez NordEst & SudOuest à l'endroit de la dite montagne, dressant vostre cours à l'Est, & Est quart au Sud: ce faisant vous viendrez pres d'une Isle qui git la hauteur de dix degrez & demi, asçavoir a cinquante lieues de la dite montagne: lors vous prendrez la route du SudOuest, & SudOuest tirant sur l'Ouest, & viendrez a vingtcinq lieues de la dite Isle, la hauteur de neuf degrez et trois quarts, vous gardant de ne point tenir vostre cours de costé du Sud vers les Isles de Maldive: a demi lieue de là il y a beau fonds & bonne tenue. (NMD, p. 17, L. 33-41).

Commençant a vous esloigner vous verrez flotter des gros tiges de roseaux, asçavoir a dix ou quinze lieues de la sur le dit cours: quand vous venez a les voir c'est un bon signe, & pouvez estre hardiment asseuré d'avoir doublé le Cap de B. Esperâce. Pres du Cap das Agulhas si vous prenez garde au quadran & a l'eau du fonds, vous remarquerez biẽ dela quãd vous en estes pres: car pres de ce Cap les aiguilles des quadrãs sont fixes & egales, au lieue qu'en dedãs ou en dehors d'iceluy elles

⁴⁷ Cf. WARTBURG, W. v. *Evolution et structure de la lanque française....* p. 130-1.

⁴⁸ Cf. GOUGENHEIM, G. , op. cit., p. 68-9.

declinent au NordEst, ou au NordOuest, comme il a esté souvent dit. (NMD, p. 18, L. 43-50).

... Si tost que vous avez passé le dit Cap, & *avez veu* le pays soit de ce mesme Cap, ou de celuy das Agulhas deça ou delà, advisez de vous tenir em Mer iusques à trente lieues arriere de terre... (CVI, p. 5, L. 17-20).

No caso do pronome pessoal tônico que serve como sujeito de insistência, não há, neste momento da língua, a necessidade de ele ser retomado pelo pronome pessoal sujeito átono. Nos textos franceses, há, apenas, um registro da forma tônica *moi*, na função de sujeito, confirmando o que é dito acima por G. Gougenheim⁵⁰ acerca do seu uso, neste período.

S'il vous advenoit que vous vous trouvissez environ le dixiesme de May peu plus ou moins en la contree des dites Isles de Tristan da Cunha, vous ne passerez point au dessus de trentecinq degrez, à l'occasion des vents de Ouest qui en ce temps la sont forts vehemens & impetueux, notamment au temps de la nouvelle Lune: ce qui vous pourroit bien faire rebrousser chemin, comme il advint au Navire de Bon Iesus, qui fut engloti des vagues par la force et furie du vent, comme *moy* aussi *ay veu* advenir le mesme a Diego Alfonso, estant sur le Navire de S. Claire. (CVI, p. 5, L. 3-10).

Quanto aos numerais, segundo G. Gougenheim⁵¹ é possível ainda, no século XVI, verificar a concorrência entre o uso dos numerais ordinais gerados a partir dos cardinais, acrescidos do sufixo *-iesme* e aqueles atestados no francês antigo, a saber, *second*, *tiers*, *quart* e *quint*. Para A. Dauzat⁵², no francês médio as formas dos numerais ordinais se tornam regulares isto é, eles cedem o lugar aos cardinais, seguidos de *-iesme*, que vão caracterizar o sistema moderno.

⁴⁹ Cf. GUIRAUD, Pierre, op. cit., p. 102-3.

⁵⁰ Cf. GOUGENHEIM, G., op. cit., p. 67-69.

⁵¹ Cf. GOUGENHEIM, G., op. cit., p. 103-108.

⁵² Cf. DAUZAT, A., op. cit., p. 85.

Nos textos de *Le Grand routier de mer*, os numerais ordinais encontrados apresentam-se a partir do cardinal, acrescido de *-iesme*.

& lors ne singlez pas plus avant en mer, mais dressez vostre cours entre l'Isle de Brandaon, & celle de Lopo Soares, qui est un bon cours. Si tost que vous avez passé ceste Isle, prenez vostre chemin le lōg de l'Isle de Ioan de Lisboa: Entre ceste Isle & celle de Pedro Mascarenas il y a un bon Chemin telleme^{nt} que vous venez a passer a quatorze ou quinze lieues de l'Isle de S. Laure^{nt}. Delà prenez vostre cours sur vingtneuf degrez au Ouest SudOuest, puis singlez au Ouest & Ouest tirant sur le Sud iusques au *trentequatriesme* degré ou aussi loing qu'il vous plaist. (CNI, p. 16, L. 23-31).

S'il vous advenoit de vous trouver au commencement de febvrier a septante ou huictante lieues en mer près du dernier bout de l'Isle de S. Laurent, vous dresserez vostre cours vers le Cap das Agulhas, car alors vous aurez tousiours des vents de SudEst, si vous ne passiez point au *trentesixiesme* degré en mer (CNI , p. 17, L. 25-29).

Neste período também, atesta A. Dauzat, os cardinais passam a designar horas, como substitutos dos ordinais, usados pelo sistema antigo.

D'ici vous prendrez vostre droit cours, sans conter aucun declin: car ces Isles gisent en mesme longitude que les autres; avec la difference du quadran en ceste contree, asçavoir pres des dites Isles de Tristan da Cunha, l'aiguille du quadran decline au NordEst vn ryn & demi: & *quand il est une heure* apres midy sur le quadran, il n'est que midy sur l'Astrolabe. (CVI, p. 4, L. 7-15).

Acrescente-se a estes dados o que diz G. Gougenheim⁵³, a respeito das formas latinizantes septante, octante et nonante, que são, segundo ele, formas comuns no século XVI.

Vous tiendrez le susdit cours du Cap das Correntes si vous vous trouvez pres dudit Cap: & si vous avez vent de SudEst vous singlerez le long de l'Isle qui git au dessus des bancs de Soffala, pour parvenir tant plus tost a Moçambique, & avec le vent d'Est à la hauteur & signes ci dessus mentionnez. Vous éviterez aussi les bancs de Iudia, & ceux de l'Isle de Saint Laurent qui sont proches de ceux de Iudia. Entre les uns & les autres il y a *nonante-cinq* brasses de profondeur. (NCC, p. 7, L. 4-10).

Allant de Moçambique aux Indes, dressez vostre cours au NordEst, ce faisant vous descourirez a Ilha do Comoro distante *nonante quatre* lieues de Moçambique, la hauteur d'onze degrez et demi, asçavoir en son bout septentrional: ceste Isle est sort haute & eslevee... (NMI, p. 7, L. 18-21).

S'il vous advenoit de vous trouvez au commencement de febvrier a *septante* ou *huictante* lieues en mer pres du dernier bout de l'Isle de S. Laurent, vous dresserez vostre cours vers le Cap das Agulhas, car alors vous trouvez tousiours des vents de Sud Est, si vous ne passez point au trentesixiesme degree en mer: laquelle navigation vous ferez partant des Indes au mois de Décembre. A vingt & vingtinq lieues du dit Cap vous aurez cent trente brasses de profondeur, asçavoir sous la hauteur de trentesix degrez & demi.. (CNI, p. 17, L. 25-32).

Em relação aos demonstrativos, de acordo com W. v. Wartburg⁵⁴, no século XIV, a formas demonstrativas, herdadas do francês antigo *cist*, indicando a proximidade de pessoas e objetos, e *cil*, designando o afastamento, já não eram suficientes para as necessidades expressivas. Surgem, então, as formas adverbiais *ci* e *là*, como criações do francês médio que poderiam diminuir a insuficiência sentida no sistema demonstrativo da língua francesa. No século XV, diz W. von. Wartburg⁵⁵, atesta-se um preferência, na língua, pelo emprego da forma *cil* como pronome e *cist* como adjetivo, visto que até

⁵³ Cf. GOUGENHEIM, G, op. cit., p. 103-8.

⁵⁴ Cf. WARTBURG, W. v. *Évolution et structure de la lanque française...*, p. 133-5.

⁵⁵ Cf. id., *ibid.*

então, ambas eram usadas indistintamente. Esta tendência provém do fato de a forma *cil* ser empregada com mais freqüência, acompanhando o pronome relativo *qui*.

Assim, de dois pronomes demonstrativos iniciais, virão a surgir, no século XVI, como defendem F. Brunot e C. Bruneau⁵⁶, os sistemas dos adjetivos e dos pronomes demonstrativos. As formas de *cil* seriam: *celui*, *celle*, *ceux* e *celles*; enquanto as formas de *cist*, seriam *ce* (*cet*), *cette* e *ces*. G. Gougenheim⁵⁷ diz, porém, que, no século XVI, as formas demonstrativas do sistema antigo da língua francesa, como *cettuy*, *cestuy* e aquelas iniciadas por *i*, tal como, *icelui*, *icelle* e *iceux* podem, ainda, ser documentadas.

Os exemplos retirados dos textos de *Le Grand routier de mer* mostram a preferência pelo emprego das formas de pronomes e adjetivos demonstrativos que são verificadas no francês moderno, alternando com o uso daquelas iniciadas em *i*, segundo o sistema antigo.

Allant de Lisbonne en l'Isle de Madere vous dresserez vostre cours au SudOuest, & irez recognoistre l'Isle de Porto Santo, & de là singlerez entre l'Isle Deserte & Madere, vous gardant des petites Isles ou escueils nommez Os Salvagiens qui gisent à deux lieues de Madere au SudOuest, car il n'y a là que bancs qui de nuict sont fort dangereux: On peut passer le loing d'*iceux* du costé de l'Est, tenant vostre cours vers les Canaries. (CVI, p. 3, L. 1-7).

.. Je vous ay déclaré ci dessus ce que vous ferez estant centquarante lieues sous la Ligne: alors vous singlerez le travers d'*icelle* pour passer le Brésil: car suivant le cours sus déclaré vous ne pouvez faillir de le passer. (CVI, p. 3, L. 23-25).

Pour cognoistre si vous estes pres des dites Isles, vous aurez ces signes, asçavoir certains oiseaux volans ensemble cinq a cinq: & de la plus outre vous verrez d'autres oiseaux nommez Feignons par les Portugais, & *iceux* tachetez de marques blanches & noires. Estant Sud & Nord à l'endroit de *ces* Isles vous verrez flotter sur l'eau certaine espece d'herbe appelle par les Portugais Sargasso, semblable a peu pres à *celle* qui se trouve pres de Wieringhen en Hollande. (CVI, p. 4, L. 16-22).

⁵⁶ Cf. BRUNOT, Ferdinand; BRUNEAU, Charles, op. cit., p. 255 - 9.

Depuis les dites Isles de Tristan da Cunha iusques au Cap de Bonne Esperance, vous trovât en *ceste* contree iusques au huictiesme de Iuin, vous verrez flotter en l'eau a monceaux la mesme herbe de Sargasso avec une autre espece d'herbe nommee Trombas comme tiges de Roseaux courts & branchus, non si longs que *ceux* qui se trouvent pres du Cap de Bonne Esperance. A mesure que vous poursuivez vostre route *ces* Sargasso & Trombas viennent a diminuer: dequoy vous ne devez pas estre en peine: car *ces* herbages & bourgeons procedent de l'esmotion de la mer en ceste contree là, de sorte que plus le temps est rude sur les dites Isles, plus la Mer rend de telles choses, qui avec le vent & les vagues venans de là, sont poussees vers le cap de Bonne Esperance. Dont vous serez advertiz, quand vous trouverez telles choses de singler cent cinquante lieues arriere des dites Isles, pour éviter tempeste. (CVI, p. 4, L. 23-35).

S'il vous advenoit de passer trop loing arriere du Cap, en sorte que vous ne vissiez aucun des signes mentionnez, vous prendrez la hauteur vous servant du quadrans: mais il faut qu'il soit assure & qu'il ait un droit fil. Et si vous estiez cent cinquante lieues en dedans le Cap, estant midy sur l'Astrolabe, l'ombre du quadrans ne se trouvera point encore sur le midy, & y a a dire un ryn: & quand il est midy sur la montre, le Soleil devale & recule, un demi degré sur l'astrolabe. Quand vous trouvez *cela* soyez assure que vous estes a cinquante lieues du Cap de Bonne Esperance, ou de *celuy* das Agulhas en dedans...(CVI, p. 5, L. 45-53).

Commençant a vous esloigner vous verrez flotter des gros tiges de roseaux, asçavoir a dix ou quinze lieues de la sur le dit cours: quand vous venez a les voir c'est un bon signe, & pouvez estre hardiment assure d'avoir doublé le Cap de B. Esperance. Pres du Cap das Agulhas si vous prenez garde au quadrans & a l'eau du fonds, vous remarquerez bien⁵⁷ delà qu'and vous en estes pres: car pres de ce Cap les aiguilles des quadrans sont fixes & egales, au lieu qu'en dedans ou en dehors d'*iceluy* elles declinent au NordEst, ou au NordOuest, comme il a esté souvent dit. (NMD, p. 18, L. 43-50).

⁵⁷ Cf. GOUGENHEIM, G., op. cit., p. 75-9.

A respeito do participío presente, G. Gougenheim⁵⁸ diz que seu caráter invariável em gênero, mas variável em número, se deve à herança latina. Contudo, no século XVI, podiam verificar-se duas tendências no seu uso. A primeira concebe uma invariabilidade absoluta ; no segundo caso, a variação se daria tanto em gênero como em número.

Nos textos franceses de *Le Grand routier de mer*, vários exemplos atestam que o participío presente, na maioria das orações, é empregado como uma forma invariável. No entanto, o tradutor o utiliza, em muitos outros momentos, concordando em gênero e em número, como foi dito acima, com o substantivo que o precede.

...Quand vous voyez pres du Cap de Bonne Esperance certains Oiseaux *flottans* sur l'eau appelez Antenayas, lesquels sont grands et marquetez sachez que vous estes pres de Cabo das Agulhas. Vous y verrez aussi flottez de l'escume de Mer, de laquelle les orfevres se serve[Ⓞ]t, & si vous avez la veue du pays sur la hauteur ci dessus mentionnee, *estant* a trente lieues du Cap de Bonne Esperance, & *venant* aussi à la hauteur de trente six degrez, vous y trouverez les mesmes susdits oiseaux ...(CVI, p.5, L. 11-17).

Les vagues qui vous suivent de devers le dit Cap de l'Est au Ouest, cesseront de vous suivre si tost que vous serez pres du Cap das Agulhas en dedans, iusques a ce que vous en trouviez d'autres *venantes* du SudOuest selon l'estendue de la coste, açavoir de devers le Cap en dedans. Sachez aussi qu'ici les aiguilles des quadrans sont fixes & egales, de sorte que quand il est midy sur l'astrolabe, il est pareillement midy sur la montre ou quadran, l'un se rencontrât comme l'autre, qui est bon signe & indice, par lequel vous cognoissez que vous estes Nord & Sud endroit du dit Cap das Agulhas, ou entre ledit Cap & celui de Bonne Esperance: lequel indice est bon & seur tant au aller qu'au venir. *Allant* de là aux Indes les aiguilles des quadrans declinent derechef. (CVI, p. 5, L. 28-38).

... Et si vous prenez vostre cours pour singler en dedans l'Isle de Saint Laurent, vous trouverez certains petits oiseaux blancs *volans* de bande à vingt lieues du pays ou environ vers les bancs de Iudia: & *venant* a vingt degrez vous y trouverez

⁵⁸ Cf. GOUGENHEIM, G. , op. cit., p. 75-9.

pour signes assurez des Garagians & Alcatrasas qui sont oiseaux semblables a des Aigles de mer, alors tenez vous un bon cours: et si vous n'appercevez point ces oiseaux, vous aurez a prendre garde a vous car vous estes pres de l'Isle de Saint Laurent, ou sur les bancs de la coste Soffala; & si vous voyez plusieurs oiseaux, vous n'estes qu'a dix lieues des susdits bancs de Iudia: desquels vous vous destournerez *dressant* vostre cours au NordEst, & NordEst tirant sur le Nord iusques à ce que vous serez parvenu a dix neuf degrez & un quart: & lors vous singlerez au Nord iusques a dixhuict degrez....(CVI, p. 5, L. 54 – p. 6, L. 1-11).

Le flux des courans vers la mer rouge est depuis le quatriesme iusques au seiziesme degré. Prenez tousiours bien garde de vous tenir a vostre avantage, & de ne point venir court. En ceste contree & route se void tousiours quantité de ceste espece d'oiseaux susmentionnee, asçavoir de Rabos de Iunco: & quand vous approchez dela coste & des bancs de Pandua vous n'en verrez plus: seulement verrez-vous aucunes couleuvres comme anguilles *flottantes* en mer à cinquante lieue de terre, & davantagé. (NMI, p. 7, L. 40-47).

... Quand vous trouvez cela soyez assuré que vous estes a cinquinquante lieues du Cap de Bonne Esperance, ou de celui das Agulhas en dedans: & prenez y bien garde car vous le trouverez ainsi. Et si vous prenez vostre cours pour singler en dedans l'Isle de Saint Laurent, vous trouverez certains petits oiseaux blancs *volans* de bande à vingt lieues du pays ou environ vers les bancs de Iudia: & *venant* a vingt degrez vous y trouverez pour signes assurez des Garagians & Alcatrasas qui sont oiseaux semblables a des Aigles de mer, alors tenez vous un bon cours: et si vous n'appercevez point ces oiseaux, vous aurez a prendre garde a vous car vous estes pres de l'Isle de Saint Laurent, ou sur les bancs de la coste Soffala ... (CVI, p. 5, L. 51- p. 6, L. 1-7).

O pronome pessoal indefinido *on* é uma criação da língua francesa, segundo afirmam F. Brunot e C. Bruneau⁵⁹. Tanto em latim como no francês antigo, empregava-se o pronome de terceira pessoa do plural *ils* com o valor de indefinido. Ao longo da Idade Média, este pronome começa a se apresentar sob duas formas *on* e *l'on* com o

⁵⁹ Cf. BRUNOT, Ferdinand; BRUNEAU, Charles, op. cit., p. 272-5.

valor de sujeito. Assinalam F. Brunot e C. Bruneau⁶⁰ que o pronome *on* pode ter valores diferentes, isto é, substituindo um pronome da primeira, segunda ou terceira pessoa.

Nos textos de *Le Grand routier de mer*, o pronome *on* é empregado em cinco situações. Por se tratar de textos cujo discurso tem a dêixis pessoal marcada na segunda pessoa do plural *vous*⁶¹, apresentando a marca de primeira pessoa *je*, apenas, quando os elocutores desejam se mostrar, pode-se pensar que o uso do pronome *on* é figurado, como dizem F. Brunot e C. Bruneau⁶². Nestes casos, ele substituirá o *vous*. Apenas no último exemplo que será dado, esta forma pronominal apresenta a função indefinida.

Allant de Lisbonne en l' Isle de Madere vous dresserez vostre cours au SudOuest, & irez recognoistre l' Isle de Porto Santo, & de là cinglerez entre l'Isle Deserte & Madere, vous gardant des petites Isles ou escueils nommez Os Salvagiens qui gisent à deux lieues de Madere au SudOuest, car il n' y a là que bancs qui de nuit sont fort dangereux: *On* peut passer le loing d'iceux du costé de l'Est, tenant vostre cours vers les Canaries. (CVI, p. 3, L. 1-7).

Venant à la hauteur de trentecinq degrez plus ou moins vers le dit Cap de Bonne Esperance, vous verrez flotter tels herbages & bourgeons. Lors sachez que vous estes pres du dit Cap, açavoir a trente ou quarante lieues de là: car vous avez passé les precedens des dites Isles. Ceux ci sont longs & à peu près de la façon des cors a corner. Mais venant à trentecinq degrez & demi vous ne verrez plus tels signes & indices, mais bien quelques Oiseaux grands comme Corbeaux, ayants le plumage noir, & le Bec Blanc & plat, lesquels ne volent point plus loing du Cap de Bonne Esperance que vingt ou trente lieues. *On* y void aussi quelques autres Oiseaux gris que les Portugais appellent Alcatrases. Tels sont les vrais signes & indices du Cap de Bonne Esperance iusques au Cap das Agulhas. (CVI, p. 4, L. 36-47).

Sachez aussi que ceste traverse & passage oblique du Bresil au Cap de Bonne Esperance est beaucoup plus court & moindre qu' il n'est represente es cartes, dequoy il n'est pas expedient de rendre raison de peur que cela ne vienne à la cognoissance des estrangers, à nostre dommage. *On* trouve aussi autour de dites Isles

⁶⁰ Cf. id., *ibid.*

⁶¹ Como foi dito na *Introdução*, no item 1.2 *O Conceito de discurso*.

⁶² Cf. BRUNOT, Ferdinand; BRUNEAU, Charles, *op. cit.*, p. 272-5.

de Tristan da Cunha & du Cap de Bonne Esperance certains loups de mer: mais vous trouvant en ceste contree là sur la fin de Iuin, il peut bien advenir que vous n'y en voyez point, a cause de la froidure qui les fait retirer au dessous du pays. (CVI, p. 4, L. 48 - p. 5, L 1 -2).

La Navigation du Cap de Bonne Esperance en Portugal est sans peril iusques a la Ligne Equinoctiale, car un y a tousious un vent de SudEst qui y souffle: & quant au reste du chemin depuis la dite Ligne iusques en Portugal il est assez usité & cognu des communs mariniers. Que si *on* desiré le cognoistre, *on* peut lire ce qui en a este dit ci dessus & qui a esté signé, comme aussi ce qui en a esté representé en la description de mon voyage & retour de Indes en Portugal, ou il en est fait particuliere mention. (NMD, p. 18, L. 51- p. 19, L 1-4).

S'il vous advenoit de trouver sur ce cours asçavoir au dessus de treize degrez plusieurs Garagians volans par troupes les uns pres des autres, ne craignez pas pourtant de poursuivre vostre cours: & s' il est tard en saison, tenez vous tousiours du costé du Sud pour eviter les bancs appellez Os baixos de Lupo Soarez & les Garagians qui sont a seize degrez. Tenant ce cours vous pouvez hardiment singler tant de iour que de nuict sans craindre, car ie say par experience qu' *on* ni rencontre rien. (NMD, p.18, L. 1-7).

Após esta etapa, onde a variante lingüística usada por J. H. van Linschoten é apresentada e caracterizada, torna-se de fundamental importância entender as condições de produção do seu discurso, visto que na perspectiva adotada nesta dissertação, o sujeito da enunciação é o centro de irradiação da linguagem e a língua, como afirma F. Fonseca⁶³, é a condição e ao mesmo tempo o resultado da atuação do sujeito.

⁶³ Cf. FONSECA, Fernanda Irene. *Deixis, tempo e narração*. Porto: Fundação Eng. Antônio de Almeida, 1992. p. 34; id. *Dêixis e pragmática lingüística*. In : FÁRIA, Isabel Hub et al. (org.). *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa : Caminho, 1996. p. 437-45.

3 AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DE J. H. VAN LINSCHOTEN

A noção de condições de produção provém da psicologia social, sendo reelaborada no quadro da análise do discurso por M. Pêcheux para designar o envolvimento institucional do discurso e as representações imaginárias que os interactantes fazem da sua respectiva identidade – o lugar – assim como do referente do seu discurso. A base das representações imaginárias é o que já foi dito e ouvido – o pré-construído. Esta definição, apontada por D. Maingueneau⁶⁴, remete aos pressupostos teóricos adotados pela escola francesa de análise do discurso.

A propósito do conceito de condições de produção, H. N. Brandão⁶⁵ retoma M. Pêcheux que é considerado como aquele que tentou fazer a primeira definição empírica do termo. A contribuição dele se encontra no fato de pôr em cena os protagonistas do discurso não como seres individuais, mas como a representação de lugares determinados na estrutura de uma formação social. As estratégias discursivas serão fundadas pelo sujeito a partir das representações imaginárias, isto é de acordo como a antevisão do imaginário do outro.

J. J. Courtine⁶⁶ diz que a noção de condições de produção associa-se à análise de conteúdo tal como é feita pela psicologia social, neste caso, o sentido do conteúdo de um discurso depende do sujeito falante e do contexto situacional. Ele mostra, também, que, indiretamente, a noção de condições de produção pode se apoiar na sociolinguística

⁶⁴ Cf. MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Trad. Márcio Venício Barbosa, Maria Emílnia Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: EDUFMG, 2000. s. v.

⁶⁵ Cf. BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: UNICAMP, 2002. p. 35-7.

⁶⁶ Cf. COURTINE, Jean-Jacques. La noción de “condición de producción del discurso”. In: id. *Análisis del discurso político (el discurso comunista dirigido a los cristianos)*. Trad. María del Carmen Saint-Pierre. Fortune City, Web Hosting, Domain Names, Photo Album, 1981. p. 19-37.

na medida em que esta admite variáveis sociológicas, como o estado social do emissor e do destinatário e as condições da situação de comunicação, como responsáveis pelas condições de produção do discurso; menciona, ainda, com respeito ao sentido do termo, a determinação da correlação entre as características individuais de um enunciado e as particularidades de personalidade que provém da experiência do indivíduo, em situações interpessoais condicionadas socialmente. J. J. Courtine chama a atenção para o fato de que características individuais do enunciado e situações interpessoais designem o mesmo que sujeito da enunciação e situação de enunciação. Para E. Orlandi⁶⁷, as condições de produção compreendem os sujeitos, a situação e também a memória. Se considerada em sentido estrito, as condições de produção se restringem ao contexto imediato – as circunstâncias da enunciação. Em sentido amplo, as condições de produção vão incluir o contexto sócio-histórico e ideológico.

Situar o discurso dos textos de *Le Grand routier de mer*, traduzidos por J. H. van Linschoten⁶⁸, nas suas condições de produção, significa adotar, em uma primeira análise, segundo E. Orlandi⁶⁹, as noções de contexto amplo, isto é, definir o contexto sócio-histórico indo-português. Em seguida, apresentar as circunstâncias da enunciação – o contexto imediato. Em ambos os casos, serão mostrados os lugares ocupados por J. H. van Linschoten.

3.1 O Contexto sócio-histórico e a trajetória de Jan Huygen van Linschoten

A trajetória de J. H. van Linschoten desperta interesse devido à inegável importância histórica que ele teve, no final do século XVI e início do século XVII,

⁶⁷ Cf. ORLANDI, Eni. *Análise de discurso*; princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002. p. 30-4.

⁶⁸ Cf. LINSCHOT, Iean Hvgves de. *Le Grand routier de mer...*, p. 3-8 e 16-9.

momento em que expedições marítimas eram organizadas pelos holandeses para explorar as Índias.

J. H. van Linschoten foi um holandês, nascido em Enkhuizen, uma das mais importantes cidades portuárias da Holanda. Desde cedo, manteve contato diário com o ambiente da navegação, das histórias de viagens, das histórias de países diversos, de povos e produtos exóticos e do tráfico internacional de especiarias. Este contexto motivou a sua aspiração por uma nova vida em terras distantes. Em 1579, ele encontra seus irmãos em Sevilha para, um ano mais tarde, partir com um deles para Lisboa. A oportunidade de viajar para a Índia na nau São Salvador, onde estava D. Vicente da Fonseca, que havia sido nomeado arcebispo de Goa, surge em 1583. Nesta viagem e estadia nas Índias Orientais, ele pôde apreciar de perto o valor dos roteiros de navegação portugueses⁷⁰.

A aceitação de J. H. van Linschoten junto ao arcebispo de Goa se deu sob interferência do secretário de Felipe II, rei da Espanha, que naquele momento, era amo do irmão de J. H. van Linschoten. Naquela época, segundo A. Pos e R. M. Loureiro⁷¹, era normal que estrangeiros viajassem nas naus portuguesas, principalmente holandeses e flamengos. No entanto, não se sabe, exatamente, porque J. H. van Linschoten e o seu irmão conseguiram posições ao lado de pessoas que eram muito influentes, visto que eles nem eram fidalgos nem religiosos. Uma possibilidade que A. Pos e R. M. Loureiro⁷² levantam é de que a conquista de ambos se deve ao nível razoável de educação. J. H. van Linschoten nunca estudou na universidade, porém, as suas obras permitiram perceber que ele era conhecedor de línguas. Ele dominava a língua

⁶⁹ Cf. ORLANDI, Eni, op. cit., p. 30-4.

⁷⁰ Cf. POS, Arie; LOUREIRO, Rui Manuel, op. cit., p. 11-4.

⁷¹ Cf. id., ibid.

⁷² Cf. id., ibid.

portuguesa e a espanhola, sobretudo oralmente, e tinha um conhecimento razoável das línguas francesa, latina e italiana, assim como uma boa folha de serviços.

Para D. David⁷³, a notoriedade que J. H. van Linschoten viria a adquirir, mais tarde, nos projetos de expansão marítima de seus compatriotas se atribui ao seu testemunho e às descrições minuciosas do meio humano e geográfico que teve a oportunidade de observar nas viagens de Portugal para a Índia, assim como no seu retorno. J. H. van Linschoten desvenda o mundo da navegação da Carreira da Índia, assim como do tráfico de especiarias, até então quase exclusivamente reservado aos portugueses.

Em 1592, J. H. van Linschoten volta à sua terra natal, devido ao fato de D. Vicente da Fonseca, na ocasião em Portugal, ter falecido, o que, sem dúvida, ocasionaria o seu desemprego. Além disso, atestam A. Pos e R. M. Loureiro⁷⁴, a inquisição em Goa, por ordem de Felipe II, aumentava a perseguição a holandeses e flamengos na Índia.

Chegando em Enkhuizen, J. H. van Linschoten encontrou a sua terra natal mergulhada em circunstâncias bem diferentes das que havia deixado. O comércio crescia e faziam-se planos para grandes empreendimentos marítimos. Segundo A. Pos e R. M. Loureiro⁷⁵, as aspirações dos holandeses, no sentido de montarem um comércio direto e independente da coroa espanhola, que, desde 1581, também dominava Portugal, viriam a gerar uma guerra marítima de grandes proporções.

Em 1594, diz H. Post⁷⁶, o Rei Filipe II da Espanha proíbe a todos os navegadores, marinheiros e navios holandeses de se dirigirem às Índias Orientais e ao

⁷³ Cf. DAVID, Dionísio. Linschoten, Jan Huygen van. In: ALBUQUERQUE, Luís de (dir.). *Dicionário de história dos descobrimentos portugueses*. Lisboa: Caminho, 1994. v.2, p. 597b-598b.

⁷⁴ Cf. POS, Arie; LOUREIRO, Rui Manuel, op. cit., p. 13.

⁷⁵ Cf. id., ibid. p. 14.

⁷⁶ Cf. POST, H. Howens, art. cit., p. 124-5.

Brasil. Esta atitude é tomada, devido à intenção dos holandeses de irem buscar diretamente os produtos orientais de que foram privados nos portos portugueses por ordem de Filipe II.

J. H. van Linschoten acompanhava atentamente os planos dos holandeses para encontrar o caminho da Índia pelo cabo do Norte, que, inclusive, acreditava ser mais curto do que aquele que foi proposto pelos Portugueses. Nesse momento, ele começa a escrever as suas memórias. Ele sabia que a sua experiência no Oriente e suas informações vinham bem a propósito, já que podia indicar os caminhos para todos os portos e costas do oriente e informar os comerciantes acerca dos povos e produtos que lá podiam ser encontrados.

Segundo A. Pos e R. M. Loureiro⁷⁷, as obras de J. H. van Linschoten não só facilitam a exploração marítima holandesa e inglesa no início do século XVII, como contribuem para o declínio do império mercantil português na Índia.

O nome de J. H. van Linschoten foi sugerido para colaborar e para dar informações sobre as rotas e experiências portuguesas, através de um amigo que era envolvido ativamente na vida política como síndico da província da Frísia Ocidental e, também, antigo conselheiro do príncipe Maurício para os Estados da Holanda. O papel de J. H. van Linschoten foi tão importante para os empreendimentos marítimos holandeses que ele passou a ocupar o lugar de fiscal mor dos Estados Gerais e do Príncipe Maurício.

Sabe-se que pela necessidade desses navegadores, ele redigiu, em 1595, ano em que se iniciou a primeira navegação holandesa para as Índias, o *Reys-Gheschirift van de Navigatien der Portugaloyzers in Orienten*⁷⁸ ou *Le grand routier de mer*, contendo mais informações do que as que já havia escrito até então. Esta obra apresentava um

⁷⁷ Cf. POS, Arie; LOUREIRO, Rui Manuel, op. cit., p. 14 .

conjunto de roteiros de pilotos portugueses e espanhóis, onde era descrita, em grande pormenor, a navegação de ida e de volta de Portugal para a Índia ; da Índia para Malaca, China, Japão, Java e Sunda; da China para a Índia Espanhola, de toda a costa do Brasil ; das Antilhas da Índia Espanhola e ainda a navegação do Cabo de Lopo Gonçalves para Angola. Nesta obra se encontra a tradução dos Roteiros da Carreira da Índia de Diogo Afonso e de Vicente Rodrigues. O *Reys-Gheschrift* fornecia, também, referências marítimas bem completas para a navegação, coletadas em fontes bastante atualizadas da época. Incluíam-se uma lista de alturas de todos os portos, rios, cabos, ilhas e lugares das navegações portuguesa e espanhola, como também instruções sobre a declinação da agulha nas navegações e nas carreiras de Portugal para a Índia Oriental.

M. J. Guedes⁷⁹ aponta o *Reys-Gheschrift* como a fonte de informações sobre roteiros náuticos portugueses, na sua maioria, mas também, espanhóis, para a primeira expedição dos Países Baixos (1595). Esta obra abriu o caminho para outras explorações e levou à constituição da Companhia Unida da Índia Oriental (1602) que desafiaria o monopólio luso-espanhol.

3.2 O Discurso de J. H. van Linschoten em *Le Grand Routier de Mer*

A compreensão do discurso de *Le Grand routier de mer* requer que se leve em consideração o contexto sócio-histórico descrito acima, desde a permanência de J. H. van Linschoten com o Arcebispo de Goa até o seu engajamento nos planos dos seus compatriotas. Em ambas as circunstâncias, será dada relevância aos lugares que ocupou,

⁷⁸ Cf. id., *ibid.*, p. 24-5.

⁷⁹ Cf. GUEDES, Max Justo. A cartografia holandesa no Brasil. In: HERKENHOFF, Paulo (org.). *O Brasil e os holandeses; 1630-1654*. Rio de Janeiro: Sextante Arte, 00s, 1999. p. 69-70.

enquanto sujeito do seu discurso. Para tal, serão buscados os subsídios teóricos na escola francesa de análise dos discurso.

Segundo M. Pêcheux⁸⁰, ao se tratar do discurso, não necessariamente se fala em transmissão de uma mensagem de um sujeito **A** para um sujeito **B**, mas de um “efeito de sentidos” entre os pontos **A** e **B**. Estes não designam a presença física de organismos humanos individuais, vão corresponder a lugares determinados na estrutura de uma formação social. Assim, o que vai funcionar nos processos discursivos será uma série de formações imaginárias que mostram o lugar que **A** e **B** atribuem, cada um, a si e ao outro. Diz, ainda, M. Pêcheux que, ao se discorrer sobre a situação ou contexto no qual o discurso se inscreve, o que prevalece é o ponto de vista do sujeito. Este detém uma questão implícita, antecipando a elaboração do seu discurso, cuja resposta faz subentender a formação imaginária correspondente ao questionamento de **A** (“De que lhe falo assim ?”) ou de **B** (“De que ele me fala assim ?”). Ora, aquilo que **A** supõe que ele venha a ter como resposta de **B** sanciona as decisões de **A** sobre o que será dito e como ele o dirá.

A resposta a estas questões ficam claras nos textos franceses de *Le Grand routier de mer*, à medida em que o enunciador vai descrevendo as rotas e os sinais e lugares encontrados, orientando, explicando e advertindo. A dêixis pessoal vem claramente marcada na segunda pessoa – *vous* – no caso, os mareantes, a que se destina o texto.

Allant de Lisbonne en l’Isle de Madere *vous dresserez* vostre cours au SudOuest, & *irez* recognoistre l’Isle de Porto Santo, & de là *singlerez* entre l’Isle Deserte & Madere, *vous* gardant des petites Isles ou escueils nommez Os Salvagiens

⁸⁰ Cf. PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso*; uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997. p. 79-87.

qui gisent à deux lieues de Madere au SudOuest, car il n'y a là que bancs qui de nuit sont fort dangereux: On peut passer le loing d'iceux du costé de l'Est, tenant *vostre* cours vers les Canaries. (CVI, p.3, L. 1-7).

Depuis les dites Isles de Tristan da Cunha iusques au Cap de Bonne Esperance, *vous* trovāt en ceste contree iusques au huictiesme de Iuin, *vous* verrez flotter en l'eau a monceaux la mesme herbe de Sargasso avec une autre espece d'herbe nommee Trombas comme tiges de Roseaux courts & branchus, non si longs que ceux qui se trouvent pres du Cap de Bonne Esperance. A mesure que *vous* *poursuivez* *vostre* route ces Sargasso & Trombas viennent a diminuer: dequoy *vous* *ne devez* pas estre en peine: car ces herbages & bourgeons procedent de l'esmotion de la mer en ceste contree là, de sorte que plus le temps est rude sur les dites Isles, plus la Mer rend de telles choses, qui avec le vent & les vagues venans de là, sont poussees vers le cap de Bonne Esperance. Dont *vous* *serez advertiz*, quand *vous* *trouverez* telles choses de singler cent cinquante lieues arriere des dites Isles, pour eviter tormente. (CVI, p. 4, L. 23-35).

No capítulo XIX, intitulado *Navigation de Monte Delin en Portugal*, J. H. van Linschoten marca a sua presença através do adjetivo possessivo *mon*, tal como pôde ser verificado por C. Telles⁸¹. Ele fala de seus alocutores, reconhecendo o conhecimento, prévio, que eles possuem sobre a navegação.

... & quant au reste du chemin depuis la dite Ligne iusques en Portugal il est assez usité & cognu des communs mariniers. Que si on desiré le cognoistre, on peut lire ce qui en a esté dit ci dessus & qui a esté signé, comme aussi ce qui en a esté representé en la description de mon voyage & retour des Indes en Portugal, ou il en est fait particuliere mention. (NMD, p. 18, L. 53-4 ; p. 19, L. 1-4).

⁸¹ TELLES, Célia Marques. O Discurso na literatura de viagens. In: TERRAS & GENTES; Congresso da ABRALIC, 7; anais. Salvador: ABRALIC, 2004. p. 5-6.

M. Pêcheux⁸² mostra que a tomada de posição do sujeito resulta de processos discursivos anteriores; o seu discurso, desse modo, vai ser sempre atravessado pelo “já ouvido” e pelo “já dito”, que constituem a memória discursiva.

Ao discorrer sobre as condições de produção de um discurso, P. Charaudeau⁸³ afirma que, em um conjunto de dados não lingüísticos que organizam um ato de enunciação, alguns são decorrentes apenas da situação ou contexto, outros provêm de um saber pré-construído que circula no interdiscurso e que vai sobredeterminar o sujeito que fala. Para ele, se por um lado, o sujeito é parcialmente determinado por saberes, crenças e valores que circulam no meio social do qual faz parte e ao qual se refere, por outro, ele é sobredeterminado pelos elementos de comunicação nos quais se insere para falar e que lhe impõem certos lugares e comportamentos.

No discurso de *Le Grand routier de mer* J. H. van Linschoten é, por um lado, um sujeito assujeitado, confirmando o que se diz acima, porém, ao longo dos textos, verifica-se que ele transita entre os lugares de assujeitado e de assujeitador. Enquanto sujeito de seu discurso, ele adquire a autoridade vinculada ao lugar que ocupa.

O seu assujeitamento existe desde que se leva em consideração que ele é tradutor dos *Roteiros Portugueses da Carreira da Índia* de Diogo Afonso, o que o transforma em um sujeito assujeitado a determinadas informações do piloto português. Tal como pôde ser atestado em C. Telles⁸⁴, através da comparação dos roteiros originais do piloto português com a versão francesa. Em todas as situações citadas, o pronome pessoal *Je*

⁸² Cf. PÊCHEUX, Michel, op., cit., p. 79-87.

⁸³ Cf. CHARAUDEAU, Patrick. Condições de produção e situação de comunicação. Trad. Dilson Ferreira da Cruz Júnior. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (org.). *Dicionário de análise do discurso*. Trad. coord. por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004. p. 115.

⁸⁴ Cf. TELLES, Célia Marques. *Coleção de roteiros portugueses da “Carreira da Índia” no século XVI...*, v. 1, p. 90-132 ; id. *O Discurso na literatura de viagens...*, p. 5-6.

(equivalendo ao português *eu*) designa o piloto Diogo Afonso, mostrando a fidedignidade da tradução de J. H. van Linschoten. Como se verifica nos exemplos :

Et si le vent estoit Sud, choisissez plustost le costé de l'Est que du Ouest, encore que vous fussiez sous la Ligne. Et si longtemps que vous n'avez point de vent de SudEst, tenez vous tousiours du costé de l'Est sans vous approcher de Terra do Mallagetta, plus près que cinquante ou soixante lieues, & quãd vous en avez la hauteur et longueur, ayant passé le cap de Palmas, allant de lof faites des courtes traites, açavoir sous la Ligne, ou du costé de ça, afin que les courans ne vous entraînent point en dedans le dit Cap: & avalez tous vos voiles plustost qu'en venir là, car vous ne vous pouvez point autrement garantir, ni faire le voyage des Indes. *Ie* vous *ay déclaré* ci dessus ce que vous ferez estant centquarante lieues sous la Ligne: alors vous singlerez le travers d'icelle pour passer le Brésil: car suivant le cours sus déclaré vous ne pouvez faillir de le passer. (CVI, p. 3, L. 14-25).

Et si vous dressez vostre cours au SudOuest vous tenant là aussi longtemps que le vent dure, faites tout vostre mieux, comme dit a este de passer la ligne du costé du Bresil, pour venir à la hauteur de huict degrez, sous laquelle git le Cap de S. Augustin: Et si estant en ceste hauteur, vous desirez avoir la veue du pays, ne vous tournez point de l'autre costé, mouillez hardiment l'ancre iusques a ce que le vent se renforce pour poursuivre vostre voyage. Sachez aussi que les courans du costé du Bresil, Cap de Saint Augustin, & ceste contree, ont leur cours vers les Antilles qui sont Isles devant la nouvelle Espagne: pourtant *ie* vous *conseilleroy* pour le mieux de ne point aller de lof: car ce faisant il vous faudroit sans doute retourner en Portugal. (CVI, p. 3, L. 28-p. 4, L. 1-6).

S'il vous advenoit de trouver sur ce cours açavoir au dessus de treize degrez plusieurs Garagians volans par troupes les uns pres des autres, *ne craignez pas* pourtant de poursuivre vostre cours: & s'il est tard en saison, tenez vous tousiours du

costé du Sud pour éviter les bancs appellez Os baixos de Lupo Soarez & les Garagians qui sont a seize degrez. Tenant ce cours vous pouvez hardiment singler tant de iour que de nuict sans craindre, car ie say par experience qu'on ni rencontre rien. (NMD, p.18, L. 1-7).

.... S'il vous advient de vous trouver le sixiesme ou septiesme de febvrier a cent lieues peu plus ou moins de la derniere pointe de l'Isle de S. Laurent açavoir sur la hauteur, comme ie l' *ay trouvé*, singlez au Ouest SudOuest, iusques a ce que vous soyez à la hauteur, vous gardant tousiours des courans qui vous pourroyent tromper, car ils ont là leur plus roide cours en febvrier, à l'occasion des vents d' Est qui alors sont vehemens. (NMD, p. 18, L. 16-21) .

Quando se observa J. H. van Linschoten, enquanto um holandês que se insere no universo ibérico, no contexto das expedições marítimas portuguesas para a Índia, verifica-se, também, o seu assujeitamento a uma determinada estrutura, no caso, o poder português. Acrescente-se que, nesta circunstância, ele ocupa o lugar de guarda-livros do arcebispo de Goa, tendo conquistado a sua total confiança, a ponto de, na ausência de D. Vicente da Fonseca, ser responsável pela administração e pelas contas da casa.

Se a análise do sujeito se restringe, apenas, a estes aspectos, o seu discurso pode ser respaldado pelo que diz S. Possenti⁸⁵ acerca dos primeiros momentos da análise do discurso, quando o estruturalismo aparece associado ao marxismo e/ou à psicanálise. Segundo ele, a teoria prevê a morte efetiva do sujeito. Esta posição é corroborada pelo que ele diz constituir o pensamento de M. Pêcheux, nos primeiros momentos da análise do discurso. Assim, um processo de produção discursiva é compreendido como uma máquina auto-determinada e fechada em si mesma. O sujeito-estrutura irá determinar os

⁸⁵ Cf. POSSENTI, Sírío, op. cit., p. 91-121.

sujeitos como produtores de seus discursos e estes acreditam que “utilizam” seus discursos quando na verdade são seus “servos”, assujeitados e seus “suportes”.

Esta visão de assujeitamento total a uma estrutura fechada e homogênea tira do sujeito a possibilidade de ele ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso. Nos textos de *Le Grand routier de mer*, o que se observa, porém, é que, como já se disse, J. H. van Linschoten é também um assujeitador.

3.3 O Sujeito assujeitador

Esta nova possibilidade de leitura do sujeito parece ter sido vislumbrada por M. Pêcheux⁸⁶. Ele deixa entrever a possibilidade de um sujeito não totalmente assujeitado, quando discorre sobre as heranças deixadas pelo estruturalismo e sobre o papel do analista do discurso. Segundo ele, o analista deve ultrapassar os limites de uma descrição puramente formal do enunciado e entrar no âmbito da interpretação. Para ele, toda descrição está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro, a menos que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente. Interpretar, na perspectiva de M. Pêcheux, não significa conceber o discurso independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas entender que, só pela sua existência, todo discurso permite uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos. Todo discurso pode provocar uma agitação nas

⁸⁶ Cf. PÊCHEUX, Michel. *O discurso; estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3 ed. Campinas: Pontes, 2002. p. 56-7

filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele é ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e também um trabalho mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado por determinações inconscientes de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica, que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo, isto é, por um “erro de pessoa”, isto é, sobre o outro, objeto de identificação.

Sírio Possenti⁸⁷ defende de forma veemente a possibilidade de haver um sujeito assujeitador, quando diz que não existe um sujeito assujeitado na sua totalidade. Porém, por não ser integralmente assujeitado, não se deve entender que o sujeito seja integralmente livre. Ele defende um espaço de atividade e de escolha para o sujeito no quadro das estruturas nas quais se constitui. Desta forma, a ação do sujeito se faz dentro de condicionamentos. Nenhum sujeito é livre a ponto de fazer e dizer o que quer e quando quer. A formação discursiva estabelece limites, apontando para o que pode e deve ser dito. Entretanto, o sujeito, como já se disse, não é passivo. Certamente, há domínios em que os sujeitos são fundamentalmente efeitos, mas há situações que pedem que o sujeito seja atuante. S. Possenti acredita como de fundamental importância para a análise do discurso que se proponha uma teoria na qual o sujeito seja clivado pelo inconsciente, e não reduzido a uma peça que apenas sofre os efeitos da história e da linguagem.

S. Possenti segue uma linha de estudos que desconstrói um conceito absoluto de estrutura e de sujeito assujeitado. Para ele⁸⁸, os sujeitos são integralmente históricos e sociais e integralmente individuais. Desta forma, evita-se um subjetivismo desenfreado e a identificação do sujeito, apenas, com uma peça da estrutura. Cada discurso é

⁸⁷ Cf. POSSENTI, Sírio, op. cit., p. 91-121.

integralmente ideológico e/ou inconsciente e integralmente cooperativo e interpessoal. Neste caso, ele explica que se evita que o sujeito diga aquilo que quer, materializando apenas as suas intenções, como também se evita a idéia de que ele não tem nenhum poder de manobra e de que o seu interlocutor é irrelevante. O sujeito sabe (integralmente ?)⁸⁹ o que está dizendo e ilude-se (integralmente ?) se acreditar que sabe o que diz e que só diz o que quer. Não se pode desconhecer os saberes acumulados pelos sujeitos em suas práticas históricas que fazem parte da sua memória discursiva.

Retomando o discurso e o lugar de J. H. van Linschoten em *Le Grand routier de mer* na perspectiva de S. Possenti, pode-se verificar nas informações abaixo que o discurso que produz, no retorno à sua terra natal, vai ser histórico, social e circunstancial. J. H. Van Linschoten passa a ser o detentor de conhecimentos sobre as rotas portuguesas e o mundo luso-espanhol na Índia. Vivenciando o quadro histórico, político, econômico e social, ele percebe o tesouro que guarda, para, a partir dele, escrever as suas memórias. Quando ele é chamado para ocupar o lugar de fiscal mor dos Estados da Holanda, o seu papel começa a se redefinir. Assim, pode-se dizer que, por um lado, ele é assujeitado à estrutura correspondente ao poder holandês, para a qual o seu discurso é cooperativo, ao traduzir os roteiros portugueses da Carreira da Índia, primeiramente para o holandês (1596). Ele acrescenta conscientemente as suas experiências individuais, mostrando aquilo que viu, ouviu e viveu e que poderia facilitar as explorações marítimas holandesas. O seu discurso é sobretudo de advertência. Do mesmo modo, ele orienta, torna mais claras certas informações, através de comparações e da riqueza e minúcia do que diz. Como possuidor das informações, ele é quem decide sobre o que dizer e como fazê-lo. Sua manobra decorre, ao mesmo tempo, de um posicionamento impessoal de tradutor, assujeitado ao outro, no caso, o discurso de

⁸⁸ Cf. id., *ibid.*, p. 99

Diogo Afonso, e também de assujeitador, quando explora o seu texto para produzir um efeito específico e circunstancial para que os seus alocutores, isto é, os mareantes, possam entender detalhadamente os roteiros da Carreira da Índia.

Nos primeiros três exemplos, a seguir, fica claro o lugar de assujeitador que J. H. van Linschoten assume no discurso, quando acrescenta informações, explicando sobre os sinais que serão encontrados nas rotas. São os acréscimos, que não se acham documentados nos originais portugueses, analisados por C. Telles⁹⁰.

Et si estant en ceste hauteur, vous desirez avoir la veue du pays, ne vous tournez point de l'autre costé, mouillez hardiment l'ancre iusques a ce que le vent se renforce pour poursuivre vostre voyage. Sachez aussi que les courans du costé du Bresil, Cap de Saint Augustin, & ceste contree, ont leur cours vers les Antilles *qui sont Isles devant la nouvelle Espagne...*⁹¹ (CVI, p. 3, L. 31- p. 4, L. 1-4).

... Mais venant à trentecinq degrez & demi vous ne verrez plus tels signes & índices, mais bien quelques Oiseaux grands comme Corbeaux, ayants le plumage noir, & le Bec Blanc & plat, lesquels ne volent point plus loing du Cap de Bonne Esperance que vingt ou trente lieues. *On y void aussi quelques autres Oiseaux gris que les Portugais appellent Alcatrases. Tels sont les vrais signes & índices du Cap de Bonne Esperance iusques au Cap das Agulhas.*⁹² (CVI, p. 4, L. 40-47).

⁸⁹ Cf. id., ibid.

⁹⁰ Cf. TELLES, Célia Marques. *Coleção de roteiros portugueses da "Carreira da Índia" no século XVI...*, f. 93-132.

⁹¹ O texto de Diogo Afonso traz: "Se for caso q(ue) te aquecer q(ue) fores ver a teŕra neŕsta altura, não te faças noutra volta. Surge aqui cō a nao, q(ue) os ventos te alargarão a fazeres teu caminho. Mas <h>as de saber q(ue), neŕsta traveŕssa do Cabo de Santo Agostinho peŕra o Brasil, coŕre as aguas p(eŕ)ra as Antilhas." (DA, cap. [I], L. 28-32).

⁹² O texto de Diogo Afonso traz: "Se vieŕres por 35 graos, largos ou escassos, demãdar o Cabo de Boa Esperança e açares trombas, qoando as vires sabe q(ue) são do Cabo de Boa Esperança, porq(ue) te ŕis deixado as outras das Ilhas de Tristão da Cunha e açhas eŕstas. Sabe q(ue) não andam mais q(ue) 30 leŕgoas, ou 40. E se vieŕres por 36 e meio, não açaras estes sinaes senão forem os alcatrazes." (DA, cap. [I], L. 63-9).

Pour cognoistre si vous estes pres des dites Isles, vous aurez ces signes, açavoir certains oiseaux volans ensemble ciq a cinq: & de la plus outre vous verrez d' autres oiseaux nommez Feignons par les Portugais, & iceux tachetez de marques blanches & noires. Estant Sud & Nord à l'endroit de ces Isles vous verrez flotter sur l'eau certaine espece d' herbe appellee par les Portugais Sargasso, semblable a peu pres à celle qui se trouve pres de Wieringhen e Hollande.⁹³ (CVI, p. 4, L. 16-22).

...pourtant vous *adverti-ie* de vous tenir tousiours pres de la coste vous en aurez meilleur voyage, car les courans vous pousseront vers le Cap, ores que les vents ne vous aident point: ce qu'il convient entendre lors que vous partez tard de Cochin: Ici vous trouverez tousiours grande sorte de vents de Ouest...⁹⁴ (CNI, p. 17, L. 3-7).

No exemplo abaixo, o pronome pessoal *Je* não remete a J. H. van Linschoten, mas ao piloto Diogo Afonso, tal como se verifica em C. Telles⁹⁵.

Alors vous surviennent estant a quatre degrez au Sud, beaucoup de tonnerres, esclairs, & fortes pluyes, iusques a quatorze degrez cela se void en Febvrier, comme *ie l' ay experimenté*.⁹⁶ (CNI, p. 16, L. 18-21).

O caso seguinte, põe, inicialmente, em dúvida se o enunciador, marcado pelo pronome pessoal *Je*, é J. H. van Linschoten ou Diogo Afonso. No entanto, os roteiros

⁹³ O texto de Diogo Afonso traz: “Peçẽra saberẽs se estas peçẽrto das Ilhas, qoando açares os entenais de çinco em çinco, eçẽs cõ eçẽlas. E d’aqui te seguirão os feijões, q(ue) são huõas aves pequenas da feição de pegas pintadas. E qoando estiveçẽres noçẽrte sul cõ eçẽlas, açaras sargaço”. (DA, cap. [I], L. 46-50).

⁹⁴ O texto de Diogo Afonso traz: “Se fõr caso q(ue) açares os veõtos oeçẽstes, goveçẽrna ao sul e a quarta do sudueçẽste de podeçẽres, e senão por sul eçẽ bom caminho. Não <h>ajas medo de nenhuõa cousa neçẽsta derroçẽta”. (DA, cap. [II, b], L. 351-4).

⁹⁵ Cf. TELLES, Célia Marques. *Coleção de roteiros portugueses da “Carreira da Índia” no século XVI...*, f. 93-132.

⁹⁶ O texto de Diogo Afonso traz: “Sendo caso q(ue) te açes nestes quatro gr(aos) da linha e saltarem contigo travoadas porq(ue) as <h>a i em Fivireiro, q(ue) eu andey todo este mes cõ eçẽlas ateçẽ quatorze graos”. (DA, cap. [II, b], L. 326-8).

de Gaspar Ferreira Reimão⁹⁷ esclarecem que Diogo Afonso foi um dos pilotos da nau Santa Clara:

Nesse lugar diz Diogo Afonso, encomendando isto mesmo, que *indo êle por esta altura, acima de 36 e 37 graus na nau Santa Clara, em companhia da nau Bom Jesus com um temporal, à sua vista, a comeu o mar, pelo que assegura muito, não passardes de 32 até 33 graus até Norte e Sul.*⁹⁸

S'il vous advenoit que vous vous trouvissez environ le dixiesme de May peu plus ou moins en la contree des dites Isles de Tristan da Cunha, vous ne passerez point au dessus de trentecinq degrez, à l'occasion des vents de Ouest qui en ce temps la sont forts vehemens & impetueux, notamment au temps de la nouvelle Lune: ce qui vous pourroit bien faire rebrousser chemin, comme il advint au Navire de Bon Iesus, qui fut engloti des vagues par la force et furie du vent, comme *moy aussi ay veu advenir le mesme a Diego Alfonso, estant sur le Navire de S. Claire.*⁹⁹ (CVI, p. 5, L. 3-10).

Todas as informações apresentadas acima mostram que o discurso de J. H. van Linschoten não é apenas o resultado de algo que é pré-construído, daquilo que faz parte da sua memória, e diante do qual o sujeito não tem voz. Ele é resultante da interação deste sujeito histórico e ideológico com vários discursos diante dos quais,

⁹⁷ Cf. REIMÃO, Gaspar Ferreira. *Roteiro da navegação e carreira da Índia, com seus caminhos, & derrotas, sinais & aguageis & diferenças da agulha : tirado do que escreveu Vicente Rodrigues & Diogo Afonso, pilotos antigos ; agora novamente acrescentado a viagem de Goa por dentro de São Lourenço, & Moçambique, & outras muitas cousas, & advertências*. 2. ed. Lisboa: Agência Geral das Colônias / Divisão de Publicações e Biblioteca, 1940. p. 14.

⁹⁸ Cf. id., *ibid.*

⁹⁹ O texto de Diogo Afonso traz: “Se for caso q(ue) te aches a de ~~z~~ dias de Maio, pouco mais ou menos, cõ e ~~estas~~ Ilhas de Tristão da Cunha, não passes de trinta e çinco graos pe ~~ra~~ cima, por quanto entram aqui os ponentes em Maio, e traze ~~o~~ grande força. E mais se for sobre lu ~~a~~ no ~~va~~, porq(ue) te não aque ~~ça~~ o q(ue) aqueço ao Bom Jesu<s>, q(ue) o comeo o mar e o tempo.” (DA, cap . [I], L. 78-83).

deliberadamente, faz opções para construir o seu discurso. Assim, este sujeito não será integralmente assujeitado, um mero ocupante de um lugar por onde o discurso passa vindo de estruturas diversas; ele será ativo.

Quanto à possibilidade de J. H. van Linschoten ter sido um espião da Companhia Holandesa das Índias Orientais, esta serve para reforçar a dualidade dos seus papéis. A. Pos e R. M. Loureiro¹⁰⁰ apontam alguns fatos interessantes. Eles dizem que os dados que J. H. van Linschoten vai fornecer sobre a navegação da Carreira da Índia, a situação dos portos, do comércio, das moedas, pesos e medidas revelam grande rigor e segurança. Pode-se supor que, com relação à navegação, ele pode ter recorrido aos roteiros que possuía e que traduziu; quanto às informações sobre as naus, as tripulações e a vida à bordo, pode-se remontar às suas experiências pessoais em naus portuguesas. De toda forma, segundo A. Pos e R. M. Loureiro¹⁰¹, é difícil acreditar que J. H. van Linschoten não tenha tido acesso a documentos oficiais. Além de bem informado, possuía dados atualizados sobre documentos considerados secretos que abrangiam não só os roteiros da Carreira da Índia, como os regimentos das capitânicas e os rendimentos anuais da Coroa Espanhola. A conclusão a que se pode chegar é de que os contatos que ele possuía eram de alto nível e de que ele tinha a oportunidade de consultar e copiar não apenas os documentos que permaneciam na casa do Arcebispo.

Segundo D. David¹⁰², a maioria dos estudiosos é unânime em dizer que J. H. van Linschoten serviu de conselheiro e informante dos mercadores e mareantes flamengos, segerindo que ele revelou até mesmo quais as frentes vulneráveis do Império Português, o que facilitaria o ataque com maior chance de sucesso.

¹⁰⁰ Cf. POS, Arie; LOUREIRO, Rui Manuel, op. cit., p. 36-8.

¹⁰¹ Cf. id., ibid.

¹⁰² Cf. DAVID, Dionísio, art. cit.

Ainda sobre o possível lugar de espião, H. Post¹⁰³ mostra que a anexação de Portugal à Espanha, acontecimento assistido por J. H. van Linschoten, em 1581, ano em que ele se encontrava em Portugal, a intolerância cada vez maior de Filipe II e do Santo Ofício e a guerra entre Holanda e Espanha poderiam ser considerados fatos que motivaram J. H. van Linschoten à espionagem, lhe servindo de base para as indicações que posteriormente forneceria às autoridades holandesas. Além de que, ter conseguido ser o homem de confiança do Arcebispo, sem possuir altas qualificações, é algo de se estranhar, o que reforçaria esta hipótese.

Todas as considerações feitas acerca das condições de produção do discurso de J. H. van Linschoten são de fundamental importância para entender o nível de atualidade do seu discurso, assim como a noção de temporalidade e as funções discursivas das formas verbais que ele utiliza.

¹⁰³ Cf. POST, H. Howens, art. cit., p.125.

4 A EXPRESSÃO DA TEMPORALIDADE

A noção de tempo no discurso não se reduz a divisões cronológicas: presente, passado ou futuro, tal como é feito, comumente, pelas gramáticas tradicionais da língua francesa. O tempo, na perspectiva discursiva, adotada nesta dissertação, revela a condição de intersubjetividade¹⁰⁴ da comunicação lingüística. Suas divisões próprias são compreendidas nos atos de fala. Desta forma, ele se define e se orienta como função do discurso.

O conceito de temporalidade vai permitir que se torne mais clara a noção de tempo que se pretende adotar nas análises que serão feitas dos textos franceses de *Le Grand routier de mer*. A temporalidade é uma categoria dêitica, orientadora de situações, no discurso lingüístico, seja em relação a um ponto central, denominado ponto de origem ou a outras situações.

E. Benveniste¹⁰⁵, fala da expressão da temporalidade. Segundo ele, seja qual for o tipo de língua, existe uma organização lingüística da noção de tempo. Sempre é possível distinguir um passado e um futuro, separados pelo *presente*, como na língua francesa; ou um presente-passado oposto ao futuro, ou, ainda, um presente-futuro que se diferencia do passado, porém a referência será sempre o *presente*, que tem como referência temporal a coincidência do acontecimento descrito com a instância enunciativa. E. Benveniste¹⁰⁶ mostra, assim, que o tempo do discurso está organicamente ligado ao exercício da fala: ele é gerado a partir da instância da

¹⁰⁴ Cf. BENVENISTE, Émile, op. cit., p. 284-8.

¹⁰⁵ Cf. id., ibid., p. 289.

¹⁰⁶ Cf. id., ibid., p. 277.

enunciação, ou seja, dos atos cada vez únicos nos quais o sujeito utiliza e atualiza a língua.

Ao falar do *presente*, E. Benveniste¹⁰⁷ diz que é a partir da enunciação que se instaura a categoria do *presente* e desta é que nasce a categoria do tempo. O *presente* é a fonte que gera o tempo. Ao invés de defini-lo como o tempo do verbo que expressa o momento em que se está, melhor seria concebê-lo como o instante em que se fala. Este passa a ser o momento eternamente *presente*, apesar de não se referir jamais aos mesmos acontecimentos, pois ele é determinado cada vez por aquele que fala para cada uma das instâncias de discurso referidas. Desta forma, de experiência subjetiva, o tempo passa a se apresentar ancorado enunciativamente em um *eu* que é inseparável de um *agora* atemporal que significa o presente da instância enunciativa.

Para E. Benveniste¹⁰⁸, o tempo do discurso não se encerra em uma divisão cronológica ou em uma subjetividade solipscista. Todas as variações do paradigma verbal: aspecto, tempo, gênero e pessoa resultam dessa atualização e dessa dependência em face da instância do discurso, principalmente o tempo do verbo, que é sempre relativo à instância na qual figura a forma verbal.

Santo Agostinho já apontava esta possibilidade de leitura e compreensão do *presente* quando mencionou, nas *Confissões*, ao tratar de *O Homem e o tempo*, no Livro XI:

O que agora claramente transparece é que nem há tempos futuros nem pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que

¹⁰⁷ Cf. id, *ibid.*, p. 289.

¹⁰⁸ Cf. id, *ibid.*

não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expressões, vejo então três tempos e confesso que são três.

Diga-se também que há três tempos: pretérito, presente e futuro, como ordinária e abusivamente se usa. Não me importo nem me oponho nem critico tal uso, contanto que se entenda o que se diz e não se julgue que aquilo que é futuro já possui existência, ou que o passado subsiste ainda. Poucas são as coisas que exprimimos com terminologia exata. Falamos muitas vezes sem exatidão, mas entende-se o que pretendemos dizer.¹⁰⁹

Esta noção de temporalidade é retomada por H. Weinrich¹¹⁰, à qual acrescenta aquela de atualidade. Assim, no momento em que discorre sobre as formas verbais da língua francesa que caracterizam as narrativas do mundo comentado, ele diz que o ponto central que corresponde, em geral, ao marco zero, isto é, ao *agora*, ao *presente* da enunciação, será a referência temporal tomada para entender as situações comentadoras. As perspectivas de análise adotadas por ele serão apresentadas, posteriormente, como suporte teórico para a compreensão da função das formas verbais nos textos de *Le Grand routier de mer*.

Na mesma linha teórica, cabe citar, também, B. Pottier¹¹¹, quando fala sobre a organização do tempo pelo locutor sobre um eixo contínuo, empregando o conceito de épocas, apontando, porém, a existência de uma referência que é o ponto zero ou o *agora*, que é também o *presente*. Assim, a sua representação seria:

¹⁰⁹ Cf. SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2001 (séc. IV). Livro XI, 20, p. 284.

¹¹⁰ Cf. WEINRICH, Harald. op., cit., p. 9-36.

¹¹¹ Cf. POTTIER Bernard. *Lingüística general; teoría y descripción*. Trad. por María Victoria Catalina. Madrid: Gredos, 1977. p.237-8.

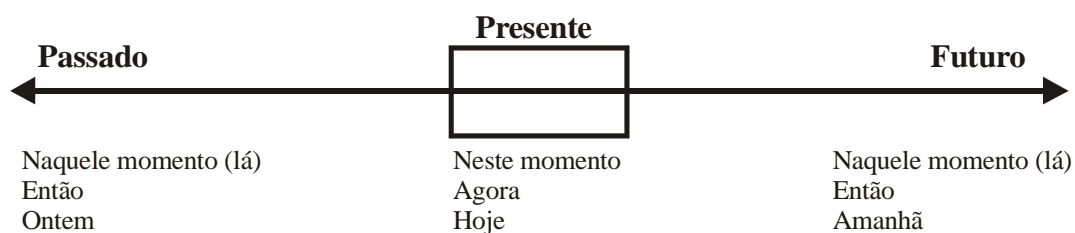


Fig. 1 – A dêixis temporal segundo B. Pottier¹¹²

Este instante denominado *presente* é definido, por B. Pottier, a partir do conceito que lhe havia sido atribuído na teoria de G. Guillaume, segundo quem, o *presente* não coincide necessariamente com o presente verdadeiro. Na sua representação sobre o eixo temporal ou cronogenético, o *presente* apresenta dois recortes que vão separá-lo do passado e do futuro. O primeiro corte (ω), no âmbito do passado, traz uma parte deste

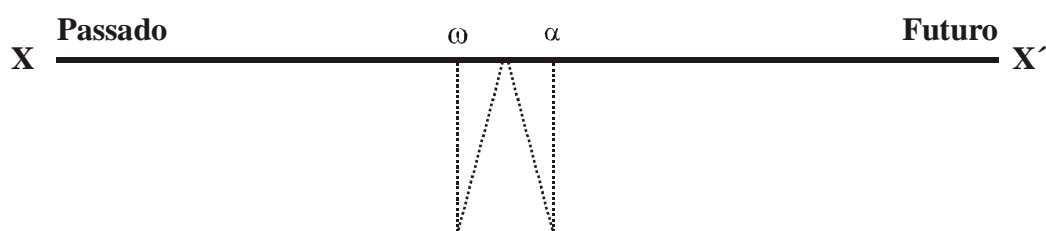


Fig. 2 – Características da imagem-tempo segundo G. Guillaume¹¹³

passado, assim como o (α), do futuro, guarda uma parcela deste futuro. Desta forma, o presente passa a ser entendido como uma referência onde aparecem justapostos o instante que acaba de passar, e que existiu efetivamente, e aquele que vai ocorrer e que G. Guillaume¹¹⁴ chama de virtual. Na sua concepção do presente, estas duas parcelas temporais são inseparáveis e são representadas através de uma única forma verbal e não como duas formas que venham a se opor. O presente assim entendido passa a ser o lugar

¹¹² Cf. id., *ibid.*

¹¹³ Cf. GUILLAUME, Gustave. *Temps et verbe; théorie des aspects, des modes et des temps*. Paris: Honoré Champion, 1970. p. 51-75.

de uma incessante conversão do tempo, que traz na sua natureza as marcas de retrospecção ou de anterioridade e de prospecção ou de posterioridade.

Estes conceitos: anterioridade, simultaneidade e posterioridade, são, também, defendidos por G. Rojo¹¹⁵, enquanto constitutivos das relações temporais possíveis, quando se adota a perspectiva da temporalidade. Desta forma, uma situação pode se apresentar como anterior, simultânea ou posterior ao ponto que corresponde à sua referência. Ele retoma o que já foi dito, anteriormente, sobre o ponto central do eixo de temporalidade ser a origem, o ponto zero. Este coincide, em geral, com o momento da enunciação que é o *agora*. Porém, o falante pode deslocar a referência em qualquer uma das direções possíveis, isto é, situá-la no *não-agora*, que corresponde à anterioridade e à posterioridade relativas ao *presente*, no eixo de temporalidade.

Os termos anterioridade, simultaneidade e posterioridade apresentados na teoria da temporalidade lingüística não significam o mesmo que passado, presente ou futuro, diz G. Rojo¹¹⁶. Para ele, estes últimos não permitem refletir todas as relações temporais que podem ser expressadas pelas formas verbais.

A representação primária da temporalidade, ou seja, aquela que se refere diretamente à origem, é, segundo G. Rojo:

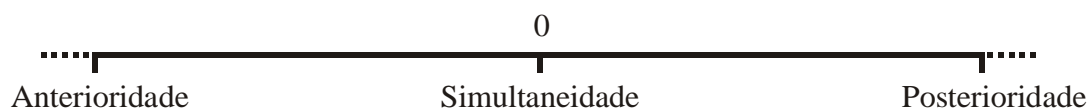


Fig. 3 – O eixo da temporalidade segundo G. Rojo ¹¹⁷

¹¹⁴ Cf. id., ibid.

¹¹⁵ Cf. ROJO, Guillermo. Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español. In: BOSQUE, Ignacio et al. (org.). *Tiempo y aspecto en español*. Madrid: Catedra, 1990. p 17-43.

¹¹⁶ Cf. id., ibid.

¹¹⁷ Cf. id., ibid., p 26.

Contemporâneo aos estudos de G. Rojo¹¹⁸ e na perspectiva da temporalidade, A. López García¹¹⁹ diz que analisar o tempo na linguagem em relação ao mundo que ela busca refletir é o campo de estudos específicos da temporalidade e da atualidade. As abordagens da noção de tempo, segundo as gramáticas tradicionais, não têm sido suficientes para dar conta das possibilidades significativas que se apresentam no discurso.

A. López García¹²⁰ diz que a temporalidade localiza a situação em um eixo temporal em relação à origem, que, como foi mostrado acima, corresponde ao *agora* que é também o *presente*. Esta relação se faz de forma direta ou indireta. Quanto ao plano de atualidade ou atitude temporal, os fatos são considerados a partir das preocupações do falante. Assim, a concepção de tempo passa a ser filtrada pela subjetividade do sujeito que fala. Serão atuais as formas verbais pertinentes ao momento da fala – o *agora*. As formas verbais inatuais são aquelas que pertencem ao mundo do dito – o *então* –, nas quais o grau de dependência em relação ao sujeito é indireto.

Nas suas análises sobre a temporalidade, M. Molho¹²¹ incorpora-lhe a noção de pessoa, introduzida no campo referencial, tal como é feito por E. Benveniste. Segundo ele, o tempo do acontecimento pode se referir à pessoa, singularmente ao *eu* pensante, e o lugar ocupado pelo *eu* é o *presente*. Este momento é único, constituindo-se como a morada deste sujeito que se caracteriza, também, pela sua unicidade, frente a todas as outras representações pessoais. O *presente*, assim concebido, é visto, ao mesmo tempo, como o *antes* de uma posição ulteriormente ocupada e como o *depois* de uma posição anteriormente ocupada. Sendo assim, o *antes* e o *depois*, que correspondem ao caráter

¹¹⁸ Cf. id., *ibid.*, p 17-43.

¹¹⁹ Cf. LÓPEZ GARCÍA, Ángel. La interpretación metalingüística de los tiempos, modos y aspectos del verbo español: ensayo de fundamentación. In: BOSQUE, Ignacio et al. (org.). *Tiempo y aspecto en español*. Madrid: Catedra, 1990. p. 107-175.

¹²⁰ Cf. id., *ibid.*

retrospectivo e prospectivo do presente, são solidários e se deixam perceber sob uma única forma verbal indissociável que é a do presente do indicativo. O pretérito e o não-pretérito se definem, apenas, em relação ao único lugar da duração que é o *presente* do ser que existe.

Uma conseqüência da inserção da pessoa no momento *presente* é estabelecer na anterioridade deste lugar ocupado por ela a representação de um pretérito antecedente, portador de acontecimentos que são restituídos pela memória e simultaneamente um não-pretérito subseqüente que contém acontecimentos que são pertencentes à imaginação.

Tal como foi exemplificado no capítulo concernente às *Condições de produção do discurso de J. H. van Linschoten*, no discurso de *Le Grand routier de mer*, a marca pessoal se faz de forma bastante nítida, através do pronome pessoal de primeira pessoa – *je* -, verificado nas situações que trazem para a cena as recordações oriundas das experiências e vivências do ser existencial, no caso J. H. van Linschoten, assim como apresentando a voz do outro, isto é, Diogo Afonso.

Ainda na perspectiva teórica apresentada acima, E. Coseriu¹²² discorre sobre o que denomina como dimensões temporais. Uma delas se refere ao plano de *atualidade*; assim, opõe o nível atual, representado pelo *presente* (onde os acontecimentos se situam em relação ao ato de fala), ao inatual, cujo centro é o *imperfeito*.

A outra dimensão temporal se refere à *perspectiva*. Neste caso, é *perspectiva* toda dimensão que serve para situar direta ou indiretamente um acontecimento em relação a um ponto de referência, que no plano atual é o momento da fala e no plano

¹²¹ Cf. MOLHO, Mauricio. *Sistemática del verbo español*; aspectos, modos e tiempos. Madrid: Gredos, 1975. p. 195-228.

¹²² Cf. COSERIU, Eugenio. Aspect verbal ou aspects verbaux? Quelques questions de théorie et de méthode. In: DAVID, Jean; MARTIN, Robert (org). *La notion d'aspect*. Metz: Centre d'Analyse Syntaxique, 1980. p. 13-25.

inatural, o momento de que se fala. As perspectivas são, nas línguas românicas, *simultâneas* (se o acontecimento se situa no presente ou no imperfeito), *prospectivas* e *retrospectivas*, quando os acontecimentos se situam, respectivamente, depois e antes dos momentos presente ou imperfeito.

Na representação feita por E. Coseriu, ele diz que a primeira perspectiva opõe o presente, o passado e o futuro, determinando espaços temporais, o do *presente*, que é não limitado e engloba o passado e o futuro, e estes últimos, limitados cada qual de um lado. No plano inatural, o imperfeito ocupa a mesma posição do *presente*.

A segunda perspectiva vai funcionar no interior desses espaços temporais. Em língua francesa, a forma verbal do *présent de l'indicatif* designa o espaço temporal do

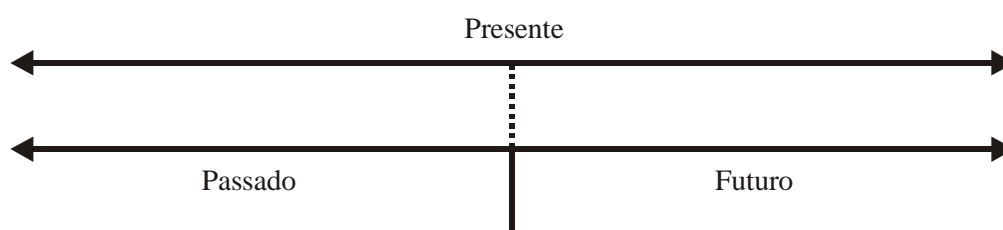


Fig. 4 – A perspectiva da dimensão temporal segundo E. Coseriu¹²³

presente, opondo no interior deste presente atual as formas verbais do *passé composé* e do *futur proche*. A forma verbal do *imparfait* se reporta ao espaço temporal do *imperfeito*, opondo no interior do plano inatural as formas verbais do *plus-que-parfait* e aquelas que expressam a condição.

C. Veters¹²⁴, ao analisar a noção de tempo, considerando os níveis frásico e textual, diz que a lingüística francesa, desde o século XVII, divide os tempos verbais em

¹²³ Cf. id., *ibid.*, p. 20.

¹²⁴ Cf. VETTERS, Carl. Temps et deixis. In: id. (org.). *Le Temps; de la phrase au texte*. Lille: Presses Universitaires, 1993. p. 85-113.

duas séries, onde por um lado se encontram os tempos *absolutos* e por outro os tempos *relativos*. Estas denominações são, posteriormente, substituídas por tempos *dêiticos* e *anafóricos*, respectivamente. Segundo ele, as definições dadas inicialmente aos dois termos não perderam a sua atualidade, isto é, quando o tempo do acontecimento está diretamente relacionado ao momento da enunciação, o tempo é *absoluto* ou *dêitico*; quando o fato mantém relação, neste caso indireta, com o instante da fala e também com o tempo de outro acontecimento, trata-se do tempo *relativo* ou *anafórico*. Na sua proposta, C. Vetters¹²⁵ não fala de tempos, mas de *temporalidade absoluta* e de *temporalidade relativa*. A oposição entre ambas torna-se interessante para determinar quais tipos de intervalos temporais são operatórios na construção da referência temporal de uma frase ou de um texto. Ele mostra que, além das duas temporalidades citadas acima, é possível falar da *temporalidade absoluta-relativa* e da *temporalidade complexa*. Assim, para ele, a *temporalidade absoluta* é uma relação temporal entre os pontos t_0 , que corresponde ao momento da enunciação, e o acontecimento; a *temporalidade relativa* é a relação entre os pontos de dois acontecimentos; a *temporalidade absoluta-relativa* é a relação entre três pontos, a saber, t_0 e aqueles de dois acontecimentos; no caso da *temporalidade complexa*, a relação se faz entre quatro pontos, que são t_0 e o primeiro acontecimento, este e o segundo fato narrado e este último e um outro fato da situação analisada.

Dentre os conceitos apresentados por C. Vetters¹²⁶, aquele que contribui para uma melhor compreensão da função das formas verbais no discurso de *Le Grand routier de mer* é o da *temporalidade absoluta*.

Outra importante contribuição sobre o conceito de *temporalidade* é apresentada por C. Kerbrat-Orecchioni¹²⁷. Segundo ela, para compreender a noção temporal, o

¹²⁵ Cf. id., *ibid.*

acontecimento deve ser situado no eixo da duração em relação a um momento **T**, tomado como referência. Este instante referencial pode corresponder a um ponto preciso, como uma data; a um ponto inscrito no contexto verbal ou cotexto – **T₁** – que corresponde na denominação dada por C. Vetters à *temporalidade relativa*, assim, a relação será de anterioridade e de posterioridade entre os acontecimentos; e ao ponto referente à instância enunciativa – **T₀** - sendo esta a referência dêitica. Neste último caso, os processos são anteriores, simultâneos ou posteriores a **T₀**.

As noções de *temporalidade* e de *plano de atualidade* ou *atitude temporal* no discurso serão retomadas a seguir, na teoria de H. Weinrich¹²⁸, para respaldar as análises que serão apresentadas sobre as formas verbais no discurso de *Le Grand routier de mer*¹²⁹.

4.1 A Teoria das formas verbais de Harald Weinrich

Ao tratar das formas verbais, H. Weinrich¹³⁰ emprega critérios que divergem daqueles apresentados, tradicionalmente, pelos gramáticos, para a estruturação do sistema temporal da língua francesa. Segundo ele, é inegável reconhecer a pertinência de determinados aspectos do paradigma temporal, como a divisão entre as formas verbais simples e compostas. Assim como, o limite combinatório, nas orações complexas, determinado pela concordância dos tempos ou *consecutio temporum*. Porém estes são insuficientes para traduzir as possibilidades expressivas do falante.

¹²⁶ Cf. id., *ibid.*

¹²⁷ Cf. KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'Énonciation: de la subjectivité dans le langage*. 3. éd. Paris: Armand Colin, 1997. p. 45-49.

¹²⁸ Cf. WEINRICH, Harald, *op. cit.* p. 9-60

¹²⁹ Cf. LINSCHOT, Iean Hvgves de. *Le grand routier de mer...*

¹³⁰ Cf. WEINRICH, Harald, *op. cit.*, p. 42-51.

Na sua teoria¹³¹, diz ele que, em casos diversos do uso da língua, a concordância entre as formas verbais não segue as regras de costume, no entanto, não pode deixar de ser admitida pela gramática, pois o contexto no qual são empregadas a justificam. Sugere, então, que ao se tratar das formas verbais, seja mantido o princípio da concordância entre elas, porém, esta se fará de acordo com a situação de comunicação, que, na sua perspectiva, são duas, a *comentadora* e a *narradora*. A natureza do próprio ato de comentar, assim como de narrar, propiciará a formação de grupos de formas verbais afins. A fronteira que vai se estabelecer entre os dois grupos de formas verbais que caracterizam estas situações não é temporal no sentido cronológico, mas parte do conteúdo que elas irão expressar. Enquanto formadoras do grupo das narrativas do *mundo comentado* ou do *mundo narrado*, as formas verbais têm apenas estas funções.

A teoria desenvolvida por H. Weinrich¹³² para analisar as funções das formas verbais na língua francesa adota, como suporte teórico, a perspectiva do *plano de atualidade* ou de *atitude temporal*. Ele¹³³ cita, como seus norteadores, o estudo desenvolvido por J. Damourette e E. Pichon acerca das formas verbais na língua francesa, assim como aquele apresentado por E. Benveniste.

Dentre os critérios apresentados por J. Damourette e E. Pichon, H. Weinrich¹³⁴ mostra que aquele que se constitui como fundamental para explicar as formas verbais da língua francesa é o do *eixo de ação* ou *plano de atualidade*. Segundo ele, a partir deste critério, J. Damourette e E. Pichon distinguem duas séries de formas verbais que designam como pertencentes ao *noncal* (derivado do latim *nunc*) e ao *toncal* (derivado do latim *tunc*). A cada uma destas séries temporais corresponde uma atualidade ou esfera de ação, sendo a do *noncal*, que constitui o centro de interesse dessa dissertação,

¹³¹ Cf. Id., *ibid.*

¹³² Cf. *id.*, *ibid.*

¹³³ Cf. *id.*, *ibid.*, p. 55-6.

determinado pela coordenação dêitica do *eu-aqui-agora*. O *toncal*, por sua vez, corresponde ao *não-agora*.

A partir deste referencial teórico, H. Weinrich¹³⁵, ao estruturar o sistema temporal francês, divide as formas verbais em dois grupos temporais, o da narrativa do *mundo comentado*, cujo eixo norteador é o *eu-aqui-agora*, e o daquela do *mundo narrado*. As formas verbais pertencentes a cada um destes grupos passam a ser entendidas como detentoras de informações que expressam as atitudes do falante relativamente a uma referência no eixo de temporalidade que vai determinar o nível de atualidade do acontecimento relatado, conduzindo, assim, a uma melhor compreensão dos enunciados. Isto significa que serão atuais as formas verbais pertinentes ao momento da fala, cuja referência no eixo da temporalidade é o *agora* e que, segundo a classificação de H. Weinrich, apresentada acima, pertencem ao grupo da narrativas do *mundo comentado*; aquelas formas verbais que pertencem ao mundo do que foi dito e que se afastam do momento da fala, sem, contudo, deixar de estabelecer com esta uma relação indireta, são denominadas *inatuais*. Para H. Weinrich, se, até então, se buscou interpretar as formas verbais mediante o conceito de tempo cronológico, baseado em uma tripartição em passado, presente ou futuro, na sua proposta, ele convida a uma inversão de papéis, isto é, o tempo cronológico passa a ser compreendido a partir do tempo humano.

As formas verbais da língua francesa que pertencem ao grupo das narrativas do *mundo comentado* e que são regidas pelo *eu-aqui-agora*, fazem parte do modo indicativo e são, em francês, segundo a teoria de H. Weinrich¹³⁶, a que se junta a do modo imperativo:

¹³⁴ Cf. id., *ibid.*

¹³⁵ Cf. id., *ibid.*, p. 61-94.

¹³⁶ Cf. WEINRICH, Harald, *op. cit.*, p. 52.

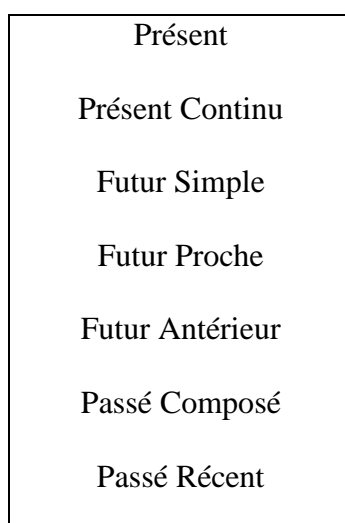


Fig. 5 – Formas verbais da língua francesa pertencentes às narrativas do mundo comentado, segundo H. Weinrich

Segundo H. Weinrich¹³⁷, o sistema verbal da língua francesa, assim concebido, não é o resultado de um marco extralingüístico, ele pode ser lido e ouvido na linguagem.

Esta estruturação do sistema de formas verbais francesas feita por H. Weinrich¹³⁸ teve como precursora a proposta apresentada por E. Benveniste¹³⁹, que foi quem estabeleceu, anteriormente, em uma nova perspectiva, os dois sistemas temporais na língua francesa, ambos disponíveis para o locutor, porém cada um manifestando um determinado plano de enunciação, aquele da história e o outro do discurso, que correspondem na denominação de H. Weinrich¹⁴⁰, às narrativas do *mundo narrado* e àquela do *mundo comentado*, respectivamente.

Estes pressupostos, trazidos para a perspectiva de análise adotada neste trabalho, conduzem à inserção dos textos de *Le Grand routier de mer*¹⁴¹ no grupo referente ao

¹³⁷ Cf. id., *ibid.*, p. 61-94.

¹³⁸ Cf. id., *ibid.*, p. 56-8.

¹³⁹ Cf. BENVENISTE, Émile, *op. cit.*, p. 284.

¹⁴⁰ Cf. WEINRICH, Harald, *op. cit.*, p. 61-94.

¹⁴¹ Cf. LINSCHOT, Iean Hvgves de. *Le grand routier de mer.....*

discurso ou às narrativas do mundo comentado, cujo plano de atualidade é o do *eu-aqui-
agora*. As formas verbais encontradas no *corpus*, concernentes a este grupo, serão
apresentadas, detalhadamente, no capítulo seguinte.

5 AS FORMAS VERBAIS DO MUNDO COMENTADO EM *LE GRAND ROUTIER DE MER*

A tabela a seguir mostra os dados registrados e o índice percentual de formas verbais encontrados por C. Telles¹⁴² em textos franceses dos roteiros de navegação, atestando, assim, que o discurso dos roteiros é uma narrativa do *mundo comentado*, tal como é classificada por H. Weinrich¹⁴³.

Tab. 1 – Registro e índice percentual das formas verbais no discurso de textos franceses de roteiros de navegação, segundo C. Telles¹⁴⁴

Formas Verbais		Présent de l'indicatif		Futur Simple		Passé Composé		Imparfait		Passé Simple		Impératif Présent	
n ^o	%	n ^o	%	n ^o	%	n ^o	%	n ^o	%	n ^o	%	n ^o	%
158	100	72	46	37	23	8	5	12	8	3	2	26	16

A partir destes dados, os textos de *Le Grand routier de mer* foram analisados, sendo encontrados os seguintes números de formas verbais:

Tab. 2 - Registro e índice percentual das formas verbais no discurso dos textos de *Le Grand routier de mer*

Formas Verbais		Présent de l'indicatif		Futur Simple		Passé Composé		Impératif Présent		Futur Proche		Futur Antérieur	
n ^o	%	n ^o	%	n ^o	%	n ^o	%	n ^o	%	n ^o	%	n ^o	%
375	100	223	59,5	76	20,3	11	2,9	63	16,8	1	0,3	1	0,3

Este resultado é compatível com aquele atestado por C. Telles¹⁴⁵. Estas formas verbais foram encontradas em situações características dos roteiros de navegação, a saber, indicação das rotas, descrições dos sinais encontrados e naquelas que J.H. van

¹⁴² Cf. TELLES, Célia Marques. *As categorias de modo, tempo e aspecto em textos românicos do século XVI...*, f. 63-66.

¹⁴³ Cf. WEINRICH, Harald, op. cit., p. 61-81

¹⁴⁴ Cf. TELLES, Célia Marques. op., cit., f. 63-6.

¹⁴⁵ Cf. id., *ibid.*

Linschoten acrescenta ao seu discurso, como as suas observações, os conselhos que dá, as explicações detalhadas e, sobretudo, as advertências.

A apresentação das formas verbais extraídas do corpus será feita a partir do maior número de ocorrências encontrado.

5.1 Présent de l'indicatif

Na perspectiva de H. Weinrich¹⁴⁶, o *présent de l'indicatif* é uma forma verbal neutra, sem perspectivas, o que significa que ela pode se apresentar, de acordo com a atitude do falante, como prospectiva ou retrospectiva. Para ele, como já se mostrou, a forma verbal do *présent de l'indicatif* pode designar todas as fases temporais: anterioridade, simultaneidade e posterioridade. Na sua teoria, as outras formas verbais comentadoras já apresentam, pela sua própria natureza, marcas de prospecção ou de retrospecção.

A forma verbal do *présent de l'indicatif* foi registrada em maior número nos textos de *Le Grand routier de mer*¹⁴⁷, confirmando aquilo que é dito na teoria de H. Weinrich¹⁴⁸ sobre esta forma verbal ser a mais empregada e a principal das narrativas do mundo comentado.

Em situações como orientações sobre as rotas, informações sobre o que pode ser visto e feito pelos alocutores – os mareantes –, ao longo dos caminhos percorridos, assim como, nas advertências feitas pelo elocutor, verifica-se o emprego do *présent de l'indicatif* com 223 ocorrências, correspondendo a 59,5% do total de formas verbais

¹⁴⁶ Cf. WEINRICH, Harald, op. cit., p. 71-5.

¹⁴⁷ Cf. LINSCHOT, Iean Hvgves de. *Le grand routier de mer...*

¹⁴⁸ Cf. WEINRICH, Harald, op. cit., p. 71-5.

encontradas e que pertencem à narrativa do mundo comentado. Esta forma verbal se apresenta nos exemplos seguintes com o valor prospectivo.

On trouve aussi autour de dites Isles de Tristan da Cunha & du Cap de Bonne Esperance certains loups de mer: mais vous trouvant en ceste contree là sur la fin de Juín, il *peut* bien advenir que vous n'y en *voyez* point, a cause de la froidure qui les *fait* retirer au dessous du pays. (CVI, p. 4, L. 51- p. 5, L. 1-2).

Au cours du Bresil vers le Cap de Bonne Esperance, vous *vous trouvez* tousiours suivi de sorte oiseaux, lesquels vous *perdez* venant droitement à la veue dudit Cap. Vous y *voyez* aussi parfois des oiseaux noirs cõme Corbeaux, comme a esté dit ci dessus: afin que vous puissiez tant plus asseurement cognoistre quand vous *estes* en dedans du Cap asçavoir du costé Oriental des Indes. (CVI, p. 5, L. 22-7).

Et pour tenir le coste de mer de l'Isle de Brandaon, vous *pouvez* prendre vostre cours entre les Isles dos yrmaos qui *gisent* a quatre degrez au Sud, & dela vous *pouvez* ordonner vostre cours vers les Isles de Pedro Mascarenas, poursuivant ainsi vostre chemin.... (CNI, p. 16, L. 14-8).

La Navigation du Cap de Bonne Esperance en Portugal *est* sans peril iusques a la Ligne Equinoctiale, car un y *a* tousiours un vent de SudEst qui y *souffle*: & quant au reste du chemin depuis la dite Ligne iusques en Portugal il *est* assez usité & cognu des communs mariniers. Que si on *desire*¹⁴⁹ le cognoistre, on *peut* lire ce qui en a esté dit ci dessus & qui a esté signé, comme aussi ce qui en a esté représenté en la description de mon voyage & retour de Indes en Portugal, ou il en est fait particuliere mention. (NMD, p.18, L. 51- p. 19, L. 1-4).

¹⁴⁹ O texto traz um erro óbvio : *desiré* por *desire*.

5.2 Présent de l'indicatif / Futur Simple

A forma verbal do *futur simple* apresenta 76 registros, correspondendo a 20,3% do total das formas comentadoras. Nas situações apresentadas estas forma verbal alterna com a do *présent de l'indicatif*.

Allant de Lisbonne en l'Isle de Madere vous *dresserez* vostre cours au SudOuest, & *irez* recognoistre l'Isle de Porto Santo, & de là *singlerez* entre l'Isle Deserte & Madere, vous gardant des petites Isles ou escueils nommez Os Salvagiens qui *gisent* à deux lieues de Madere au SudOuest, car il *n'y a* là que bancs qui de nuict *sont* fort dangereux: On *peut* passer le loing d'iceux du costé de l'Est, tenant vostre cours vers les Canaries. (CVI, p. 3, L. 1-7).

D'ici vous *prẽdrez* un autre chemin vers les Isles de Martin Vaas, ayant passé la Ligne, & plus droit *prenez* vous le chemin, mieux *est* il. Depuis les dites Isles, ou depuis la hauteur d'icelles iusques aux Isles de Tristan da Cunha, ayant vent favorable, vous *prendrez* vostre droit cours, sans conter aucun declin: car ces Isles *gisent* en mesme longitude que les autres; avec la difference du quadran en ceste contree, asçavoir pres des dites Isles de Tristan da Cunha, l'aiguille du quadran *decline* au NordEst vn ryu & demi: & quand il *est* une heure apres midy sur le quadran, il *n'est* que midy sur l'Astrolabe. (CVI, p.4, L. 7-15).

Pour cognoistre si vous *estes* pres des dites Isles, vous *aurez* ces signes, asçavoir certains oiseaux volans ensemble cinq a cinq: & de la plus outre vous *verrez* d'autres oiseaux nommez Feignons par les Portugais, & iceux tachetez de marques blanches & noires. Estant Sud & Nord à l'endroit de ces Isles vous *verrez* flotter sur l'eau certaine espece d'herbe appellee par les Portugais Sargasso, semblable a peu pres à celle qui *se trouve* pres de Wieringhen en Hollande. (CVI, p. 4, L. 16-22).

Depuis les dites Isles de Tristan da Cunha iusques au Cap de Bonne Esperance, vous trovãt en ceste contree iusques au huictiesme de Iuin, vous *verrez* flotter en l'eau a monceaux la mesme herbe de Sargasso avec une autre espece d'herbe nommee Trombas comme tiges de Roseaux courts & branchus, non si longs

que ceux qui *se trouvent* pres du Cap de Bonne Esperance. A mesure que vous *poursuivez* vostre route ces Sargasso & Trombas *viennent a diminuer*: dequoy vous ne *devez* pas estre en peine: car ces herbages & bourgeons *procedent* de l'esmotion de la mer en ceste contree là, de sorte que plus le temps *est* rude sur les dites Isles, plus la Mer *rend* de telles choses, qui avec le vent & les vagues venans de là, sont poussees vers le cap de Bonne Esperance. Dont vous serez advertiz, quand vous *trouverez* telles choses de singler cent cinquante lieues arriere des dites Isles, pour eviter tormente. (CVI, p. 4, L. 23-35).

Venant à la hauteur de trentecinq degrez plus ou moins vers le dit Cap de Bonne Esperance, vous *verrez* flotter tels herbages & bourgeons. Lors sachez que vous *estes* pres du dit Cap, asçavoir a trente ou quarante lieues de là: car vous avez passé les precedens des dites Isles. Ceux ci *sont* longs & à peu près de la façon des cors a corner. Mais venant à trentecinq degrez & demi vous ne *verrez* plus tels signes & indices, mais bien quelques Oiseaux grands comme Corbeaux, ayants le plumage noir, & le Bec blanc & plat, lesquels ne *volent* point plus loing du Cap de Bonne Esperance que vingt ou trente lieues. On y *void* aussi quelques autres Oiseaux gris que les Portugais *appellent* Alcatrases. Tels *sont* les vrais signes & indices du Cap de Bonne Esperance iusques au Cap das Agulhas. (CVI, p. 4, L. 36-47).

Les vagues qui vous *suivent* de devers le dit Cap de l'Est au Ouest, *cesseront* de vous suivre si tost que vous *serez* pres du Cap das Agulhas en dedans, iusques a ce que vous en trouviez d'autres venantes du SudOuest selon l'estendue de la coste, asçavoir de devers le Cap en dedans. Sachez aussi qu'ici les aiguilles des quadrans *sont* fixes & egales, de sorte que quand il *est* midy sur l'astrolabe, il *est* pareillement midy sur la montre ou quadran, l'un se rencontrât comme l'autre, qui *est* bon signe & indice, par lequel vous *cognoissez* que vous *estes* Nord & Sud endroit du dit Cap das Agulhas, ou entre ledit Cap & celuy de Bonne Esperance: lequel indice *est* bon & seurtant au aller qu'au venir. Allant de là aux Indes les aiguilles des quadrans *declinent* derechef. (CVI, p. 5, L. 28-38).

Du Cap das Agulhas iusques à Moçambique l'espace de trente lieues, la coste *s'estend* Est & Ouest. Vous *aviserez* ayant passé le dit Cap, & vous trouvant à six ou sept lieues delà en Mer, de ne point prendre vostre cours vers le dit Cap, mais au SudOuest, & SudOuest tirant sur le Ouest: car il *est* ainsi de besoin pour sauver ce

chemin, a l'occasion des courans qui *ont* leur cours vers les Bayes & Goulfes devers le pays. (CVI, p.5, L. 39-44).

Et si vous *prenez* vostre cours pour singler en dedans l'Isle de Saint Laurent, vous *trouverez* certains petits oiseaux blancs volans de bande à vingt lieues du pays ou environ vers les bancs de Iudia: & venant a vingt degrez vous y *trouverez* pour signes assurez des Garagians & Alcatrases qui sont oiseaux semblables a des Aigles de mer, alors *tenez vous* un bon cours: et si vous n'*appercevez* point ces oiseaux, vous *aurez* a prendre garde a vous car vous *estes* pres de l'Isle de Saint Laurent, ou sur les bancs de la coste Soffala; & si vous *voyez* plusieurs oiseaux, vous n'*estes* qu'a dix lieues des susdits bancs de Iudia: desquels vous *vous destournerez* dressant vostre cours au NordEst, & NordEst tirant sur le Nord iusques à ce que vous serez parvenu a dix neuf degrez & un quart: & lors vous *singlerez* au Nord iusques a dixhuict degrez.... (CVI, p. 5, L. 54 - p. 6, L. 1-11).

Vous *tiendrez* le susdit cours du Cap das Correntes si vous *vous trouvez* pres dudit Cap: & si vous *avez* vent de SudEst vous *singlerez* le long de l'Isle qui *git* au dessus des bancs de Soffala, pour parvenir tant plus tost a Moçambique, & avec le vent d'Est à la hauteur & signes ci dessus mentionnez. Vous *éviterez* aussi les bancs de Iudia, & ceux de l'Isle de Saint Laurent qui *sont* proches de ceux de Iudia. Entre les uns & les autres il y *a* nonante-cinq brasses de profondeur. (NCC, p. 7, L. 4-10).

Si vous *desirez* singler sur la rade de Moçambique, vous *devez* passer à l'entree les deux petites Isles de S. George & S. Iaques, lesquelles vous *lairrez* du costé du SudOuest, vous esloignant quelque peu de celle de S. George sur la profondeur de six & sept brasses, poursuivant ainsi vostre cours iusques en dedans, prenant tousiours de pres garde aux bancs sur lesquels vous *voyez* l'eau se rompre iusques a ce que vous soyez devant l' Isle & forteresse de Moçambique. (NCC, p. 7, L. 11-7).

S'il vous advenoit de vous trouver au commencement de febvrier a septante ou huictante lieues en mer pres du dernier bout de l'Isle de S. Laurent, vous *dresserez* vostre cours vers le Cap das Agulhas, car alors vous *trouvez* tousiours des vents de Sud Est, si vous ne *passiez* point au trentesixiesme degree en mer: laquelle navigation vous *ferez* partant des Indes au mois de Décembre. A vingt & vingtinq lieues du dit Cap vous *aurez* cent trente brasses de profondeur, asçavoir sous la hauteur de trentesix degrez & demi.. (CNI, p. 17, L. 25-32).

Allant de Monte Delin en Portugal, en dehors de l'Isle de S. Laurent vous *vous mettez* NordEst & SudOuest à l'endroit de la dite montagne, dressant vostre cours à l'Est, & Est quart au Sud: ce faisant vous *viendrez* pres d'une Isle qui *git* la hauteur de dix degrez & demi, asçavoir a cinquante lieues de la dite montagne: lors vous *prendrez* la route du SudOuest, & SudOuest tirant sur l'Ouest, & *viendrez* a vingtcing lieues de la dite Isle, la hauteur de neuf degrez et trois quarts, vous gardant de ne point tenir vostre cours de costé du Sud vers les Isles de Maldive: a demi lieue de là il y a beau fonds & bonne tenue. (NMD, p. 17, L. 33-41).

& si alors il estoit midy sur le quadran, ou qu' il n'y eust difference que d'un fil, c'est un bon signe en voyage de Portugal aux Indes tant au aller qu'au venir, & les aiguilles des quadrans *sont* fixes & egales: Que si elles *declinent* de l'un ou de l'autre costé, elles *tourneront* au NordEst, ou au NordOuest apres que vous serez parti de la Ligne Meridionale: autant y a il pareillement de difference sur la monstre. (NMD, p. 18, L. 24-30).

Commençant a vous esloigner vous *verrez* flotter des gros tiges de roseaux, asçavoir a dix ou quinze lieues de la sur le dit cours: quand vous *venez* a les voir c'est un bon signe, & *pouvez* estre hardiment asseuré d'avoir doublé le Cap de B. Esperâce. Pres du Cap das Agulhas si vous *prenez garde* au quadran & a l'eau du fonds, vous *remarquerez* biẽ dela quãd vous en *estes* pres: car pres de ce Cap les aiguilles des quadrãs *sont* fixes & egales, au lieue qu'en dedãs ou en dehors d'iceluy elles *declinent* au NordEst, ou au NordOuest, comme il a esté souvent dit. (NMD, p. 18, L. 43-50).

5.3 Présent de l'impératif

Verifica-se o uso do *présent de l'impératif* em 63 ocorrências, que correspondem a 17% do total de formas verbais encontradas nos roteiros, caracterizando a narrativa do mundo comentado. O *présent de l'impératif* é empregado nas situações de informação,

orientação sobre as rotas e advertências. Nestas últimas, esta forma verbal expressa uma obrigação.

Apesar de H. Weinrich¹⁵⁰ não incluir o *présent de l'impératif* no grupo de formas verbais relativas à narrativa do mundo comentado, ele diz que esta forma é aparentada estruturalmente com as formas verbais comentadoras na língua francesa; não reconhece nela, entretanto, a noção de perspectiva.

Nos exemplos seguintes, porém, foram verificadas 53 ocorrências do *présent de l'impératif*, apresentando o mesmo valor prospectivo que o *présent de l'indicatif* e o *futur simple*, registrando-se alternância de uso entre: a) *présent de l'impératif* e *présent de l'indicatif*; b) *présent de l'impératif* e *futur simple*; c) *présent de l'impératif*, *présent de l'indicatif* e *futur simple*; d) *présent de l'impératif*, *présent de l'indicatif*, *futur simple* e *futur proche*.

a) PRÉSENT DE L'IMPÉRATIF / PRÉSENT DE L'INDICATIF

Et si le vent estoit Sud, *choisissez* plustost le costé de l'Est que du Ouest, encore que vous sussiez sous la Ligne. Et si longtemps que vous n'*avez* point de vent de SudEst, *tenez vous* tousiours du costé de l'Est sans vous approcher de Terra do Mallagetta, plus près que cinquante ou soixante lieues, & quãd vous en *avez* la hauteur et longueur, ayant passé le cap de Palmas, allant de lof *faites* des courtes traites, asçavoir sous la Ligne, ou du costé de ça, afin que les courans ne vous *entraignent* point en dedans le dit Cap: & *avalez* tous vos voiles plustost qu'en venir là, car vous ne vous *pouvez* point autrement garantir, ni faire le voyage des Indes. (CVI, p. 3, L. 14-23).

Si tost que vous *commencez* a passer l'Isle de S. Laurent, *prenez* le cours susmentionné: & quand vous *commencez* a découvrir la bouche du Canal qui *est* entre la dite Isle & Moçambique vous *avez* incontinent le flux des courans vers le Cap

¹⁵⁰ Cf. WEINRICH, Harald, op. cit., p. 347-363.

de Bonne Esperance, & *ne doutez point* en ceste contree de prendre vostre cours au SudOuest: car d'ordinaire vous *avez* incontinent le vent au Sud, & tout ce que vous avec singlé au OuestNordOuest cest autant d'avancé. (CNI, p. 16, L. 39- p. 17, L. 1-3).

Si tost que vous avez passé ces Isles soit tost ou tard en saison, *dressez* vostre cours au SudOuest, & SudOuest tirant sur le Sud, iusques a ce que vous soyez outre la Ligne: & si vous trouviez là des vents de Ouest, *tenez* le cours du Sud & Sud tirant sur le Ouest si faire si peut, au defaut du Sud, qui *est* un bon cours lequel vous *pouvez* poursuivre sans crainte. (NMD, p. 17, L. 41-6).

S'il vous advenoit de trouver sur ce cours asçavoir au dessus de treize degrez plusieurs Garagians volans par troupes les uns pres des autres, *ne craignez pas* pourtant de poursuivre vostre cours: & s'il *est* tard en saison, *tenez vous* tousiours du costé du Sud pour eviter les bancs appellez Os baixos de Lupo Soarez & les Garagians qui *sont* a seize degrez. Tenant ce cours vous *pouvez* hardiment singler tant de iour que de nuit sans craindre, car ie say par experience qu'on ni *rencontre* rien. (NMD, p.18, L. 1-7).

S'il vous *advient* de vous trouver le sixiesme ou septiesme de febvrier a cent lieues peu plus ou moins de la derniere pointe de l'Isle de S. Laurent asçavoir sur la hauteur, comme ie l' ay trouvé, *singlez* au Ouest SudOuest, iusques a ce que vous soyez à la hauteur, vous gardant tousiours des courans qui vous pourroyent tromper, car ils *ont* là leur plus roide cours en febvrier, à l'occasion des vents d' Est qui alors *sont* vehemens: & *dressez* vostre cours vers le Cap de Bonne Esperance iusques au trentesixiesme degré & demi: & quand vous *estes* pres du Cap des Aiguilles, *regardez* quand il *est* midy sur l'Astrolabe.... (NMD, p. 18, L. 16-24).

Ayant passe les dites Isles d'Angoxas au NordEst, *dressez* vostre cours au NordEst tirant sur l'Est qui *est* un bon cours vous gardant tousiours de passer au dessous de la profondeur de vingtcinq brasses, comme dit a esté. (NCC, p. 6, L. 46 - p. 7, L. 1-3).

Et s'il vous advenoit de partir de Cochin environ le vingtiesme de Ianvier peu plus ou moins, *dressez* vostre cours en telle sorte que vous passiez les dites Isles au SudOuest, & SudOuest tirant sur le Sud iusques a ce que vous soyez sous la Ligne

Equinoctiale, a cause que vous *voyagez* tard, & pourroit advenir que vous n'aurez le vent ni le temps a comandement. (CNI, p. 16, L. 10-14).

b) *PRÉSENT DE L'IMPÉRATIF / FUTUR SIMPLE*

Allant de Moçambique aux Indes, *dressez* vostre cours au NordEst, ce faisant vous *descouurirez* a Ilha do Comoro distante nonante quatre lieues de Moçambique, la hauteur d'onze degrez et demi, açavoir en son bout septentrional: ceste Isle est sort haute & eslevee. A quinze lieues de là vous *verrez* certaine espece d'oiseaux appelez Rabos de Iuncos, c.a.d. queues de ioncs, au regard de leur forme : & de nuict vous *orrez* gazouiller les Garagians... (NMI, p. 7, L. 18-24).

Si tost que vous avez trouvé fonds, sans vouloir le pays du Cap de Bonne Esperance, *tenez* ainsi vostre cours le long de ce fonds iusques à ce que vous le perdiez derechef: *soyez* alors *assuré* d'avoir passé le Cap das Agulhas: & lors *dressez* vostre cours au OuestNordOuest, ce faisant vous *singlerez* douze lieues arriere du Cap. (NMD, p. 18, L. 40-3).

c) *PRÉSENT DE L'IMPÉRATIF/ PRÉSENT DE L'INDICATIF/ FUTUR SIMPLE*

Quand vous *voyez* pres du Cap de Bonne Esperance certains Oiseaux flottans sur l'eau appelez Antenayas, lesquels *sont* grands et marquetez sachez que vous *estes* pres de Cabo das Agulhas. Vous y *verrez* aussi flottez de l'escume de Mer, de laquelle les orfèvres *se servēt*, & si vous *avez* la veue du pays sur la hauteur ci dessus mentionnee, estant a trente lieues du Cap de Bonne Esperance, & venant aussi à la hauteur de trente six degrez, vous y *trouvez* les mesmes susdits oiseaux. Si tost que vous avez passé le dit Cap, & avez veu le pays soit de ce mesme Cap, ou de celuy das Agulhas deça ou delà, *advisez* de vous tenir em Mer iusques à trente lieues arriere de terre. Et si vostre intention *est* d'aller a Moçambique, vous *prendrez* la route du NordEst vers les bancs appelez Baixos de Iudia. (CVI, p. 5, L. 11-21).

De ceste Isle poursuivant vostre route vers les Indes, sachez que si tost que vous avez decouvert le bout septentrional de l' Isle de S. Laurent, que les courans *ont* leurs cours au Nord & NordOuest iusques au Cap de Guardafu & emboucheure du destroit de la mer rouge. Vous serez adverti si vous *avez* demi vent ou vent en poupe, de ne conter cela en la route que pour lors vous *tenez*: & prendre tousiours un rin d'abaissement ou declin, & deux rins si vous *aves* presques vent, à cause que les courans vous *poussent* tousiours au NordOuest & *prenez bien garde* a vous que quand vous *trouvez* beaucoup de hauteur cest dautant que les courans vous *poussent* ainsi qui dit a este. Et pour estre tant plus assure de pouvoir parvenir à la coste des Indes vous *vous devez* garder de l'aiguille du quadran, qui *tourne* au NordEst un rin & davantage: si vous *contez* le cours selon la droite route que *tient* le navire, vous *perdez* tout ce qui l'aiguille du quadran *decline* par son declin au NordEst, & ce que courans vous *poussent* au NordOuest; au moyen dequoy il *se trouve* trop court & en faute de pouvoir parvenir a la dite coste des Indes. Le flux des courans vers la mer rouge *est* depuis le quatriesme iusques au seiziesme degré. *Prenez* tousiours bien garde de vous tenir a vostre avantage, & de ne point venir court. En ceste contree & route *se void* tousiours quantité de ceste espece d'oiseaux susmentionnee, asçavoir de Rabos de Iunco: & quand vous *approchez* dela coste & des bancs de Pandua vous n'en *verrez* plus: seulement *verrez-vous* aucunes couleuvres comme anguilles flottantes en mer à cinquante lieue de terre, & davantagé. (NMI, p. 7, L. 25-47).

Si vous *desirez* singler sur la rade de Moçambique, vous *devez* passer à l'entree les deux petites Isles de S. George, & S. Iaques, lesquelles vous *lairrez* du costé du SudOuest, vous esloinant quelque peu de celle de S. George sur la profondeur de six & sept brasses, poursuivant ainsi vostre cours iusques en dedans, *prenez* tousiours de pres *garde* aux bancs sur lesquels vous *voyez* l'eau se rompre iusques a ce que vous soyez devant l'Isle & forteresse de Moçambique. (NCC, p. 7, L. 11-7).

Le seiziesme degré n'estant point passé, vous *pouvez* aussi singler entre les susdits bancs & l'Isle de Brandaon, & venant à la hauteur *ne faites pas* difficulté de perdre une nuit, pour ainsi aller plus seurement: & prendre garde que quand vous *trouvez* plusieurs Garagians & autres oiseaux marquetez volans en troupe, vous *estes* quarante lieues outre la dite Isle. De là vous *singlerez* quelques traites au SudOuest, & SudOuest tirant sur le Sud: Et si vous *partez* des Indes tost en saison *evitez* toutes ces Isles & bancs tenant vostre cours en pleine mer vers le Cap das Agulhas. (NMD, p. 18, L. 8-15).

En la dite coste de Mallagetta les courans au temps de la nouvelle Lune, *ont* leur cours au SudOuest: pourtant vous ne *prenez* point alors vostre cours au Bresil, estant sous la Ligne: Et si vous *dressez* vostre cours au SudOuest vous tenant là aussi longtemps que le vent *dure*, *faites* tout vostre mieux, comme dit a este de passer la ligne du costé du Bresil, pour venir à la hauteur de huict degrez, sous laquelle git le Cap de S. Augustin: Et si estant en ceste hauteur, vous *desirez* avoir la veue du pays, ne vous *tournez* point de l'autre costé, *mouillez* hardiment l'ancre iusques a ce que le vent *se renforce* pour poursuivre vostre voyage. Sachez aussi que les courans du costé du Bresil, Cap de Saint Augustin, & ceste contree, *ont* leur cours vers les Antilles qui sont Isles devant la nouvelle Espagne: pourtant ie vous *conseilleroy* pour le mieux de ne point aller de lof: car ce faisant il vous faudroit sans doute retourner en Portugal. (CVI, p. 3, L. 26 - p. 4, L. 1-6).

S'il vous advenoit de passer trop loing arriere du Cap, en sorte que vous ne vissiez aucun des signes mentionnez, vous *prenez* la hauteur vous servant du quadran: mais il *faut* qu'il soit assuré & qu'il ait un droit fil. Et si vous estiez cent cinquante lieues en dedans le Cap, estant midy sur l'Astrolabe, lombre du quadran ne *se trouvera* point encore sur le midy, & y a a dire un ryn: & quand il *est* midy sur la montre, le Soleil *devale* & *recule*, un demi degre sur l'astrolabe. Quand vous *trouvez* cela soyez assuré que vous *estes* a cinquinquante lieues du Cap de Bonne Esperance, ou de celuy das Agulhas en dedans: & *prenez* y bien *garde* car vous le *trouvez* ainsi (CVI, p. 5, L. 45-53).

Et si vous *prenez* vostre cours pour singler en dedans l'Isle de Saint Laurent, vous *trouvez* certains petits oiseaux blancs volans de bande à vingt lieues du pays ou environ vers les bancs de Iudia: & venant a vingt degrez vous y *trouvez* pour signes assurez des Garagians & Alcatrases qui sont oiseaux semblables a des Aigles de mer, alors *tenez* vous un bon cours: et si vous n'*appercevez* point ces oiseaux, vous *aurez* a prendre garde a vous car vous *estes* pres de l'Isle de Saint Laurent, ou sur les bancs de la coste Soffala; & si vous *voyez* plusieurs oiseaux, vous n' *estes* qu'a dix lieues des susdits bancs de Iudia: desquels plus vous *destournerez* dressant vostre cours au NordEst, & NordEst tirant sur le Nord iusques a ce que vous, soyez parvenu a dixneuf degrez & un quart: & lors vous singlerez au Nord iusques a dixhuict degrez. (CVI, p. 5, L. 54- p. 6, L. 1-11).

De là vous *tendrez* au Nord & Nord tirant sur l'Est, iusques a 16 degrez et trois quarts. Estant parvenu a ceste hauteur voyant beaucoup d'Alcatras, asçavoir 6, 7, 8, & dix volans ensemble, sachez que vous n'*estes* qu'a dix ou quinze lieues de l'Isle de Ioan de Nov pourtant *faites* vostre mieux iour & nuict de vous retirer de là, notamment au temps de la nouvelle Lune, prenant la route du NordOuest : ce faisant vous *viendrez* pres des Isles nommees dos angoxas: desquelles plus vous *vous destournez* au Nord, tant meilleur cours *vous tiendrez* vous vers Moçambique, prenant garde de ne point passer pres de ce pays plus que la profondeur de vingt cinq brasses: car vous n'y *trouvez* que Seches, là ou Don Ian Pereira vint a eschover, & s' y *trouve* la profondeur de treize brasses. (CVI, p. 6, L. 11-21).

S'il vous advenoit de voir le Cap das Correntes estant a six ou sept lieues de là, voulant singler vers Moçambique, *dressez* vostre cours Est-NordEst ayant fort vent: & venant a vingt degrez qui *est* la hauteur des bancs de Iudia, vous verrez quantité de Garagians volans par troupes... (NCC, p. 6, L. 22-29).

Quand vous *partez* de Cochin pour tenir la route de Portugal, *faites* tousiours *votre mieux* de singler en la hauteur de dix degrez & demi iusques a cinquante lieues delà au Ouest SudOuest, tellement que vous veniez iusques a dix degrez tout au plus, qui *est* la hauteur des Isles Mاماes: car les courans vous *tireront* tousiours vers le milieu du Canal qui *est* entre ces Isles & les Maldives a neuf degrez & demi: lors *pouvez* vous passer au large sans voir aucune de ces Isles: & *allez* tousiours asseurement la hauteur de neuf degrez & un quart, combien qu'es cartes plusieurs fausses Isles & soyent remarquees. (CNI, p. 16, L. 1-9).

Alors vous *surviennent* estant a quatre degrez au Sud, beaucoup de tonnerres, esclairs, & fortes pluyes, iusques a quatorze degrez cela *se void* en Febvrier, comme ie l'ay experimenté. Pourtant *faites* tousiours vostre mieux de parvenir a quatorze ou quinze degrez, car ordinairement vous *trouvez* a quinze ou seize degrez des vents de SudEst: & lors ne *singlez* pas plus avant en mer, mais *dressez* vostre cours entre l'Isle de Brandaon, & celle de Lopo Soares, qui *est* un bon cours. Si tost que vous avez passé ceste Isle, *prenez* vostre chemin le lög de l'Isle de Ioan de Lisboa: Entre ceste Isle & celle de Pedro Mascarenas il y a un bon Chemin telleme^{nt} que vous *venez* a passer a quatorze ou quinze lieues de l'Isle de S. Laure^{nt}. Delà *prenez* vostre cours sur vingtneuf degrez au Ouest SudOuest, puis *singlez* au Ouest & Ouest tirant sur le

Sud iusques au trentequatriesme degré ou aussi loing qu'il vous plaist. (CNI, p. 16, L. 18-31).

Tenant un tel cours & venant a cinquante ou soixante lieues pres du pays appelle Terra do Natal, vous *verrez* sorte oiseaux: & plus la tormente *sera* grande plus vous en *verrez*: & si vous en *voyez* beaucoup, *soyez assuré* d'estre loing de terre: & quand vous les *perdez* de veue, *regardez* devant vous, car si vous *estes* pres de terre vous les *perdrez* tous de veue, excepté les Corbeaux à blanc bec, desquels tant plus vous *approcherez* de terre tant plus grand nombre vous *trouverez*, combien qu'il s'en *trouve* aussi a vingt lieues de terre, mais point plus loing. (CNI, p.16, L.32-9).

Sachez aussi qu'en Mars & Avril en tout ce chemin depuis le dernier bout de l'Isle de S. Laurent iusques au Cap, les vents de Nord & NordEst y *soufflent* d'ordinaire: de sorte que s'il y a un iour ou deux de vents, de SudEst, ou de Sud, *cest* comme miracle: & ne *faut faire* aucun conte sur cela: car en tout ce temps là ils *soufflent* fort rarement en tout ce voyage iusques au Cap: & plus vous *approchez* du Cap, plus *avez* vous de vent de Nord : mais quand le vent de Nord *vient* avec bruine & les brouillars, *attendez* vous pour certain d'avoir des vents de Ouest, car tel *est* le naturel de ces vents en ceste contree. Vous serez aussi adverti que l'an du bissexe il *fait* plus dangereux en ceste contree qu'es autres annees, a cause que les conionctions des planettes & des corps *sont* alors differentes, & que les corps inferieurs *sont* suiets aux superieurs & *sont* Regis par iceux. Vous *trouverez* en ceste contree depuis le trentiesme degre en avāt que si tost qu'il *fait* vent de Nord avec menue pluye il s'en *enfuit* incontinent grand orage : pourtant *soyez sur vos gardes* afin que vous ne soyez surpris: car si le torme^{te} vous *survient* a l'improviste, vous ne pourriez estre garanti qu'a grand difficulté & par un singuliere faveur de Dieu, tant *est* grande & furieuse la tormente quand elle *se leve*. (CNI, p. 7, L. 24).

Quand vous *venez* au Cap des Aiguilles, ou plus outre, *prenez garde* à l'eau, & si elle *se trouve* verte *retournez* au trentesixiesme degré & demi, & *iettez* la fonde, & vous *trouverez* trente brasses, & estant au trentesixiesme degré & deux tiers vous *trouverez* nonante brasses, & ne *verrez* pas beaucoup de corbeaux a blanc bec, ni d'Alcatrases : vous en *verrez* beaucoup a l'un & l'autre costé dudit Cap da Agulhas tant en la coste qu'a vint lieues de la en pleine mer mais point plus loin : si longtemps que vous ne *venez* point sur la dite profondeur vous *trouveres* l'eau claire & verdastre avec de lescume de mer flottant dessus..... (NMD, p. 18, L. 31-9).

d) *PRÉSENT DE L'IMPÉRATIF/ PRÉSENT DE L'INDICATIF/ FUTUR SIMPLE/ FUTUR PROCHE*

D'ici vous *dresserez* vostre cours au NordEst, & NordEst tirant sur le l'Est iusques a dixneuf degrez & un quart : & dela vous *singlerez* an NordEst iusques a dixhuict degrez: & dela au Nord & Nord tirant sur l'Est iusques a seize degrez & trois quarts. Estant en ceste hauteur, vous *verrez* quantité d'Alcatrasas : lors soyez assuree que vous *estes* tout pres de l'Isle de Ioan de Nova : & si vous les *voyez* six & sept ensemble, sachez que vous n'*estes* qu'a dix ou quinze lieues de là, car *cest* là qu'ils vont querre leur nourriture : pourtant faites vostre mieux de sortir de la hauteur de ceste Isle, laquelle *git* a seize degrez & demi : Et pour aller plus seurement, *singlez* au NordOuest: ce faisant vous *viendrez* pres les Isles d'Angoxas, qui *sont* proches de la coste de Moçambique: & plus vous *tendez* au Nord plus vous *approchez* de Moçambique. Vous *prendrez* garde qu'en allant des dites Isles à Moçambique vous ne passiez point au dessous de la profondeur de vingt cinq brasses outre les Corals, la ou Don Ian Pereira se perdit, & ou *se trouve* la profondeur de treize brasses. (NCC, p. 6, L. 32-46).

e) O *IMPÉRATIF* COMO MARCADOR DO DISCURSO

Por outro lado, o *présent de l'impératif* é encontrado em menor número, dez ocorrências, em situações informativas, sem o valor prospectivo atestado anteriormente.

Nestes registros, observa-se que o elocutor emprega apenas o verbo *savoir* como introdutor das informações que deseja transmitir. Acredita-se que, nestas situações, a forma verbal do *présent de l'impératif de savoir* tenha a função de um marcador da narrativa.

Segundo J. Portolés¹⁵¹, há marcadores cujo significado proporciona, sobretudo, instruções referentes à distribuição de comentários. Estes marcadores são denominados estruturadores da informação e suas instruções são, essencialmente, informativas. Assim, estes marcadores deixam subentendido que o comentário que os precede é uma

¹⁵¹ Cf. PORTOLÉS, José. *Marcadores do discurso*. Barcelona: Ariel, 1998. p. 116-118.

preparação, um pré-comentário necessário para que o alocutor compreenda o que será dito após o marcador.

Ao tratar da função de *y'know* no discurso, D. Schriffrin¹⁵² o considera como o marcador de um meta-conhecimento daquilo que é compartilhado pelo elocutor-alocutor.

Nas narrativas, a forma *y'know* é empregada com a função de convidar o alocutor, que desempenha um papel singular e interativo no discurso, a compartilhar tanto das informações apresentadas ao longo do discurso como, estritamente, de determinadas informações que são de fundamental importância para ele.

Nas ocorrências, verifica-se que o elocutor utilizou repetidas vezes a forma verbal do *présent de l' impératif, sachez*, para introduzir informações mais detalhadas sobre pontos dos comentários anteriores ao marcador.

Sachez aussi que les courans du costé du Bresil, Cap de Saint Augustin, & ceste contree, ont leur cours vers les Antilles qui sont Isles devant la nouvelle Espagne: pourtant ie vous conseilleroy pour le mieux de ne point aller de lof: car ce faisant il vous faudroit sans doute retourner em Portugal. (CVI, p. 4, L. 2-6).

Venant à la hauteur de trentecinq degrez plus ou moins vers le dit Cap de Bonne Esperance, vous verrez flotter tels herbages & bourgeons. Lors *sachez* que vous estes pres du dit Cap, asçavoir a trente ou quarante lieues de là: car vous avez passé les precedens des dites Isles... (CVI, p. 4, L. 36-9).

Sachez aussi que ceste traverse & passage oblique du Bresil au Cap de Bonne Esperance est beaucoup plus court & moindre qu'il n'est represente es cartes, dequoy il n'est pas expedient de rendre raison depeur que cela ne vienne à la cognoissance des estrangers, à nostre dommage. (CVI, p. 4, L. 48-51).

Quand vous voyez pres du Cap de Bonne Esperance certains Oiseaux flottans sur l'eau appelez Antenayas, lesquels sont grands et marquetez *sachez* que vous estes pres de Cabo das Agulhas... (CVI, p. 5, L. 11-3).

¹⁵² Cf. SCHRIFFRIN, Deborah. *Discourse markers*. Cambridge : Cambridge Univ Press, 1987. p. 267-297.

Sachez aussi qu'ici les aiguilles des quadrans sont fixes & egales, de sorte que quand il est midy sur l'astrolabe, il est pareillement midy sur la montre ou quadrans. (CVI, p. 5, L. 31-3).

De là vous tendrez au Nord & Nord tirant sur l'Est, iusques a 16 degrez et trois quarts. Estant parvenu a ceste hauteur voyant beaucoup d'Alcatrasas, açavoir 6, 7, 8, & dix volans ensemble, *sachez* que vous n'estes qu'a dix ou quinze lieues de l'Isle de Ioan de Nov pourtant faites vostre mieux iour & nuit de vous retirer de là, notamment au temps de la nouvelle Lune, prenant la route du NordOuest.... (CVI, p.6, L. 11-6).

Lors soyez assuré que vous estes tout pres de l'Isle de Ioan de Nova: & si vous les voyez six & sept ensemble, *sachez* que vous n'estes qu'a dix ou quinze lieues de là, car cest la qu'ils vont querre leur nourriture: pourtant faites vostre mieux de sortir de la hauteur de ceste Isle, laquelle git a seize degrez & demi.... (NCC, p. 6, L. 36-40).

De ceste Isle poursuivant vostre route vers les Indes, *sachez* que si tost que vous avez descouvert le bout septentrional de l'Isle de Saint Laurent, que les courants ont leur cours au Nord & NordOuest iusques au Cap de Guadarfu & emboucheure du destroit de la mer rouge... (NMI, p. 7, L. 25-28).

Sachez aussi que les courans vers le Cap de Bonne Esperance iusques à la susdite saison, ont toujours leur flux de devers Cabo Delgado vers le dit Cap de Bonne Esperance au SudOuest nonobstant les traverses d'aucuns autres courans, comme de ceux qui ont leur flux le long des Ilhas primeiras au Ouest: & de ceux qui ont leur flux sur les bancs de Cabo das Correntes iusques a la riviere nommee Aguada de Boapaz, lesquelles pareillement ont leur flux au Ouest, tirans iusques aux gulfes qui sont pres de Cabo das Agulhas. Pres de Aguada de SanBrás ils ont leur flux vers terres... (NMI, p. 8, L. 1-10).

Sachez aussi qu'en Mars & Avril en tout ce chemin depuis le dernier bout de l'Isle de S. Laurent iusques au Cap, les vents de Nord & NordEst y soufflent d'ordinaire: de sorte que s'il y a un iour ou deux de vents, de SudEst, ou de Sud, cest comme miracle: & ne faut faire aucun conte sur cela: car en tout ce temps là (CNI, p. 17, L. 7-11).

5.4 Passé Composé

Benveniste¹⁵³ diz que o *passé composé* estabelece um laço vivo entre o acontecimento passado e o presente. É a forma verbal daquele que relata os fatos como testemunha. Aquele que emprega o *passé composé* visa a fazer chegar até o seu interlocutor o acontecimento referido, ligando-o ao presente. Para ele, assim como o *présent de l'indicatif*, o *passé composé* pertence ao grupo de formas verbais que ele classifica como pertencentes ao discurso, ou seja, ao grupo das formas verbais comentadoras.

Para H. Weinrich¹⁵⁴, a linguagem conhece dois tipos de passado, aquele que afeta diretamente o elocutor na situação comunicativa e aquele que se distancia deste através do filtro da narração. Segundo ele, é possível comentar o passado. Por este motivo, muitas línguas, como a francesa, prevêm uma forma verbal própria para esta finalidade que é o *passé composé*. O passado comentado é aquele que está próximo ao elocutor, se constituindo como o seu passado, uma porção da sua existência.

O *passé composé* da língua francesa é a forma verbal que apresenta o valor retrospectivo do mundo comentado. Segundo H. Weinrich¹⁵⁵, ele é um presente retrospectivo que relaciona um fato passado ao presente da enunciação. Ao se comentar o passado, não se deve, necessariamente, considerar o fato como concluído. H. Weinrich¹⁵⁶ diz, então, que o processo expressado por esta forma verbal pode alcançar o momento presente, tudo depende da intenção comunicativa.

¹⁵³ Cf. BENVENISTE, Émile, op. cit., p. 270.

¹⁵⁴ Cf. WEINRICH, Harald, op. cit., p. 104.

¹⁵⁵ Cf. id., ibid. p. 126.

¹⁵⁶ Cf. id., ibid. p. 115.

No discurso dos textos de *Le Grand routier de mer*, escritos em francês médio, esta forma verbal expressa uma ação em processo.

No *corpus*, foram encontradas onze ocorrências desta forma verbal. Dentre elas, (1%), isto é quatro registros, são atestados em situações em que o elocutor se institui como *eu*, buscando na sua memória fatos vistos ou conhecidos que poderiam servir como advertência aos seus alocutores. No eixo da temporalidade, estes fatos são retrospectivos em relação ao *agora* que, como já foi assinalado, é a referência temporal da narrativa do mundo comentado.

Cabe lembrar, como já foi explicado anteriormente, no capítulo *As Condições de Produção do discurso de J. H. van Linschoten*, que o *eu* designará, nas situações onde é empregado, tanto Diogo Afonso, como J. H. van Linschoten.

Nos exemplos seguintes, o elocutor que faz uso do *passé composé* é o tradutor J. H. van Linschoten, como se pode observar, comparando com o texto dos roteiros editado por C. Telles¹⁵⁷.

& quãd vous en avez la hauteur et longueur, ayant passé le cap de Palmas, allant de lof faites des courtes traites, açavoir sous la Ligne, ou du costé de ça, afin que les courans ne vous entraînent point en dedans le dit Cap: & avalez tous vos voiles plustost qu'en venir là, car vous ne vous pouvez point autrement garantir, ni faire le voyage des Indes. *Ie vous ay déclaré* ci dessus ce que vous ferez estant centquarante lieues sous la Ligne: alors vous singlerez le travers d'icelle pour passer le Brésil: car suivant le cours sus déclaré vous ne pouvez faillir de le passer...¹⁵⁸ (CVI, p. 3, L. 18-25).

¹⁵⁷ Cf. TELLES, Célia Marques. *Coleção de roteiros portugueses da "Carreira da Índia" no século XVI...*, p. 90-121; id., A relação autor-destinatário no discurso dos roteiros de navegação. In: SIMPOSIO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 1; anais. João Pessoa: Idéia, 1997. v. 2. p. 377-385.

¹⁵⁸ O texto de Diogo Afonso traz: "Do Cabo das Palmas, pouco maes ou menos, faz as voelras curtas, peçra te não botare ① as aguas peçra dentro do Cabo das Palmas, por te não ser bom. // Neçsta coçsta da Malagueta, cõ as luas, corre ① as aguas ao sueçste, portanto não te alargues na voçlta do Brasil, estando debaixo da linha. E qoando puse çres a proa a oeçste e enqoanto não fores neçla e te seguire ① os ventos, trabalha como te açima digo, de te chegar à linha." (DA, cap. [I], L. 18-25).

S'il vous advenoit que vous vous trouvisiez environ le dixiesme de May peu plus ou moins en la contree des dites Isles de Tristan da Cunha, vous ne passerez point au dessus de trentecinq degrez, à l'occasion des vents de Ouest qui en ce temps la sont forts vehemens & impetueux, notamment au temps de la nouvelle Lune: ce qui vous pourroit bien faire rebrousser chemin, comme il advint au Navire de Bon Iesus, qui fut engloti des vagues par la force et furie du vent, comme *moy* aussi *ay veu* advenir le mesme a Diego Alfonso, estant sur le Navire de S. Claire.¹⁵⁹ (CVI, p. 5, L. 3-10).

Apenas nos exemplos a seguir, o *passé composé* é empregado pelo *eu*, referente a Diogo Afonso.

Alors vous surviennent estant a quatre degrez au Sud, beaucoup de tonnerres, esclairs, & fortes pluyes, iusques a quatorze degrez cela se void en Febvrier, comme ie *l'ay expérimenté*.¹⁶⁰ (CNI, p. 16, L. 18-21).

S'il vous advient de vous trouver le sixiesme ou septiesme de febvrier a cent lieues peu plus ou moins de la derniere pointe de l'Isle de S. Laurent açavoir sur la hauteur, comme ie *l'ay trouvé*, singlez au Ouest SudOuest, iusques a ce que vous soyez à la hauteur, vous gardant tousiours des courans qui vous pourroyent tromper, car ils ont là leur plus roide cours en febvrier, à l'occasion des vents d'Est qui alors sont vehemens.¹⁶¹ (NMD, p. 18, L. 16-21).

Em sete exemplos (1,9 %), o uso do *passé composé* indica as ações dos locutores.

¹⁵⁹ O texto de Diogo Afonso traz: “Se for caso q(ue) te açhes a deçz dias de Maio, pouco mais ou menos, cõ estas Ilhas de Tristão da Cunha, não passes de trinta e çinco graos peçra çima, por quanto entram aqui os ponentes em Maio, e traze grande força. E mais se for sobre luçã noçva, porq(ue) te não aqueça o q(ue) aqueço ao Bom Jesu<s>, q(ue) o comeo o mar e o tempo.” (DA, cap . [I], L. 78-83).

¹⁶⁰ O texto de Diogo Afonso traz: “Sendo caso q(ue) te açhes nestes quatro gr(aos) da linha e saltarem contigo travoadas porq(ue) as <h>a i em Fivireiro, q(ue) eu andey todo este mes cõ estas quatorze graos.”

¹⁶¹ O texto de Diogo Afonso traz: “Sendo caso q(ue) te açhes a seis ou sete dias de Fevireiro pouco mais ou menos 100 leçgoas da ponta da Ilha de São L(ou)r(en)ço, em sua altura como me eu já açhei, goveçrna àloessudueçste ateç q(ue) seijas na altura do Cabo. E goarda-te das agoas q(ue) te poçdem

Venant à la hauteur de trentecinq degrez plus ou moins vers le dit Cap de Bonne Esperance, vous verrez flotter tels herbages & bourgeons. Lors sachez que vous estes pres du dit Cap, asçavoir a trente ou quarante lieues de là: car vous *avez passé* les precedens des dites Isles. (CVI, p. 4, L. 36-9).

Si tost que vous *avez passé* le dit Cap, & *avez veu* le pays soit de ce mesme Cap, ou de celuy das Agulhas deça ou delà, advisez de vous tenir em Mer iusques à trente lieues arriere de terre... (CVI, p. 5, L. 17-20).

De ceste Isle poursuivant vostre route vers les Indes, sachez que si tost que vous *avez descouvert* le bout septentrional de l'Isle de Saint Laurent, que les courants ont leur cours au Nord & NordOuest iusques au Cap de Guadarfu & emboucheure du destroit de la mer rouge... (NMI, p. 7, L. 25-28).

...& lors ne singlez pas plus avant en mer, mais dressez vostre cours entre l'Isle de Brandaon, & celle de Lopo Soares, qui est un bon cours. Si tost que vous *avez passé* ceste Isle, prenez vostre chemin le lōg de l'Isle de Ioan de Lisboa. (CNI, p.16, L. 23-6).

...& ne doutez point en ceste contree de prendre vostre cours au SudOuest: car d'ordinaire vous avez incontinent le vent au Sud, & tout ce que vous *avee singlé* au OuestNordOuest cest autant d'avancé. (CNI, p.16, L. 43 - p. 17, L. 1-3).

Si tost que vous *avez trouvé* fonds, sans vouloir le pays du Cap de Bonne Esperance, tenez ainsi vostre cours le long de ce fonds iusques à ce que vous le perdiez derechef: soyez alors assuré d'avoir passé le Cap das Agulhas... (NMD, p. 18, L. 40-3).

5.5 Futur Proche

Acrescente-se que foi registrada, apenas, uma forma verbal do *futur proche*, correspondendo a 0,3 % das formas encontradas.

fazer algu⁹ engano, que deitam mais em Fivereiro, por caso da força dos levantes.” (DA, cap. [II, b], L. 371-6).

Estant en este hauteur, vous verrez quantité d'Alcatras: lors soyez assurez que vous estes tout pres de l'Isle de Ioan de Nova: & si vous les voyez six & sept ensemble, sachez que vous n'estes qu'a dix ou quinze lieues de là, car cest la qu'ils *vont querre* leur nourriture: pourtant faites vostre mieux de sortir de la hauteur de ceste Isle, laquelle git a seize degrez & demi... (NCC, p. 6, L. 35-40).

5.6 Futur Antérieur

Do mesmo modo, verificou-se, apenas, uma ocorrência da forma verbal do *futur antérieur*, ou seja, 0,3 % dos exemplos registrados.

...& si alors il estoit midy sur le quadran, ou qu'il n'y eust difference que d'un fil, c'est un bon signe en voyage de Portugal aux Indes tant au aller qu'au venir, & les aiguilles des quadrans sont fixes & egales: Que si elles declinent de l'un ou de l'autre costé, elles tourneront au NordEst, ou au NordOuest apres que vous serez parti de la Ligne Meridionale: autant y a il pareillement de difference sur la monstre. (NMD, p. 18, L. 24-30).

A partir dos dados apresentados acima, pode-se concluir que as situações comunicativas onde as formas verbais do *présent de l'indicatif*, do *futur simple* e do *présent de l'impératif* foram empregadas se posteriorizam em relação ao *agora*, apresentando a marca de prospecção relativamente ao momento da enunciação. A forma verbal do *passé composé* se encontra como retrospectiva relativamente ao momento da fala.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fez-se a análise do discurso francês dos Roteiros de Diogo Afonso, traduzidos por J. H. van Linschoten, em *Le grand routier de mer* (1610). Foram registradas e analisadas as formas verbais características destes roteiros. Apesar da perspectiva sincrônica da análise lingüística, recorreu-se, previamente, ao estudo diacrônico do francês médio, desde o século adotado para o seu início – século XIII – até chegar ao momento em que o *Le grand routier de mer* foi publicado (1610).

A proposta da dissertação foi alcançada na medida em que a noção de tempo, restrita a divisões cronológicas de passado, presente e futuro, pôde ser substituída pelo conceito de temporalidade, cuja premissa fundamental é apresentar as situações comunicativas em relação ao *agora* que é o *presente da instância da fala*, atemporal por natureza. A teoria de H. Weinrich apresentou as diretrizes para as análises das funções das formas verbais no discurso dos roteiros, enquanto operadores que expressam as atitudes do falante. As formas verbais encontradas em maior número nos roteiros, a saber, o *présent de l'indicatif*, o *futur simple*, o *présent d'impératif*, o *passé composé*, o *futur proche* e o *futur antérieur* confirmaram a classificação de H. Weinrich, segundo a qual estas formas verbais designam as narrativas do mundo comentado, cujo eixo de ação é o *eu-aqui-agora*.

No que tange ao confronto entre os dados coletados nas análises feitas nesta dissertação, acerca das formas verbais dos roteiros, e os registros feitos por C. Telles, verificou-se a compatibilidade de resultados, de acordo com a ordem a seguir, partindo do maior índice percentual: *présent de l'indicatif*, *futur simple*, *présent de l'impératif*, *passé composé*, acrescentando-se o *futur proche* e o *futur antérieur*. Os percentuais relativos ao *imparfait* e ao *passé simple*, apresentados por C. Telles, não foram considerados nas análises, por exigirem novas abordagens que desviariam do objetivo de compreensão das formas verbais das narrativas do mundo comentado.

Quanto à afirmativa de H. Weinrich de a forma verbal do *présent de l'indicatif* ser a principal do grupo temporal comentador, as análises reiteram o que é dito, através dos índices percentuais. Sobre o *présent de l'indicatif* ser neutro, o que significa poder apresentar, além do valor de simultaneidade, aqueles de prospecção e de retrospecção, nos roteiros, as formas verbais do *présent de l'indicatif* apresentam-se como prospectivas em relação ao *agora*, ao *presente enunciativo*, nas situações mais

características como orientações de rotas e informações sobre os sinais que serão encontrados. Esta forma verbal vai alternar, nos mesmos contextos, com o *futur simple*.

Sobre o *présent de l'impératif*, este apresenta o terceiro maior índice de ocorrências, em situações como orientações das rotas, informações e advertências. No último caso, ele indica a obrigatoriedade da ação do alocutor.

Em H. Weinrich, não é reconhecida a marca de prospecção no *présent de l'impératif*, porém, nas situações de orientações e advertências, este valor é evidenciado. Nos exemplos citados o *présent de l'impératif* apresentou-se como a seguir, registrando-se alternância de uso entre: a) *présent de l'impératif* e *présent de l'indicatif*; *présent de l'impératif* e *futur simple*; c) *présent de l'impératif*, *présent de l'indicatif* e *futur simple*; d) *présent de l'impératif*, *présent de l'indicatif*, *futur simple* e *futur proche*. Foi, também, apontada a função do *impératif* como marcador do discurso.

As definições da forma verbal do *passé composé* propostas por E. Benveniste e H. Weinrich são igualmente pertinentes para as análises realizadas. O *passé composé* aparece em dois tipos de situação no corpus, no primeiro caso, quando o elocutor se institui como o *eu* da narrativa, indicando a sua experiência e advertências. No segundo caso, marcando as ações dos alocutores. Em ambas as situações, o *passé composé* tem a função comentadora, designa um passado comentado, que possui estreita relação com o presente. Ele expressa o momento de retorno à memória pelo elocutor, objetivando informar ou advertir. Esta forma verbal não necessariamente exprime um fato concluído; ela indica um processo, tudo depende, com afirmam E. Benveniste e H. Weinrich, da intenção do sujeito.

Foram registradas, também, uma forma do *futur proche* e uma do *futur antérieur*, próprias às narrativas comentadoras.

Os roteiros de J. H. van Linschoten em *Le grand routier de mer* constituem uma fonte preciosa para outros estudos, tanto no âmbito, estritamente, lingüístico, como no discursivo.

REFERÊNCIAS

- BARASSIN, J. Jean Hugues Linschoten. *Studia*, Lisboa, v.11, p. 252, 1963.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: UNICAMP, 2002.
- BRUNOT, Ferdinand; BRUNEAU, Charles. *Précis de grammaire historique de la langue française*. 4 éd. Paris: Masson, 1956.
- CARVALHO, Joaquim Barradas de. Literatura de viagens. In: SERRÃO, Joel (dir.). *Dicionário de história de Portugal*. Porto: Iniciativas Editoriais, 1979. v.6, p. 283a
- CARVALHO, Joaquim Barradas de. L'Historiographie portugaise contemporaine et la littérature de voyages à l'époque des grandes découvertes. *Ibérica*, Rio de Janeiro, v.4, p.115, dez. 1960.
- CHARAUDEAU, Patrick. Condições de produção e situação de comunicação. Trad. Dilson Ferreira da Cruz Júnior. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (org.). *Dicionário de análise do discurso*. Trad. coord. por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- COSERIU, Eugenio. Aspect verbal ou aspects verbaux ? Quelques questions de théorie et de méthode. In: DAVID, Jean; MARTIN, Robert (org). *La notion d' aspect*. Metz: Centre d'Analyse Syntaxique, 1980. p. 13-25.
- COSTA, A Fontoura. *A marinharia dos descobrimentos*. 3 ed. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1960.
- COURTINE, Jean-Jacques. La noción de condición de producción del discurso. In : id. *Análisis del discurso político (el discurso comunista dirigido a los cristianos)*. Trad. María del Carmen Saint-Pierre. Fortune City, Web Hosting, Domain Names, Photo Album, 1981. p. 19-37.
- DAUZAT, Albert. *Histoire de la langue française*. Paris: PUF, 1959.

DAVID, Dionísio. Linschoten, Jan Huygen van. In: ALBUQUERQUE, Luís de (dir.). *Dicionário de história dos descobrimentos portugueses*. Lisboa: Caminho, 1994. v.2, p. 597b-598b.

GREIMAS, Julien Algirdas; KEANE, Teresa Mari. *Dictionnaire du moyen français; la Renaissance*. Paris: Larousse, 1992.

FONSECA, Fernanda Irene. *Dêixis, tempo e narração*. Porto: Fundação Eng. Antônio de Almeida, 1992.

FONSECA, Fernanda Irene. Deixis e pragmática lingüística. In: FARIA, Isabel Hub et al. (org.). *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996. p. 437-445.

GOUGENHEIM, G. *Grammaire de la langue française du seizième siècle*. Paris: A. & J. Picard, 1974.

GUEDES, Max Justo. A cartografia holandesa no Brasil. In: HERKENHOFF, Paulo (org.). *O Brasil e os holandeses; 1630-1654*. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999. p. 69-70.

GUILLAUME, Gustave. *Temps et verbe; théorie des aspects, des modes et des temps*. Paris: Honoré Champion, 1970.

GUIRAUD, Pierre. *Le moyen français*. 3. éd. Paris: PUF, 1972.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'Énonciation: de la subjectivité dans le langage*. 3. éd. Paris: Armand Colin, 1997.

LEITÃO, Humberto. Vocabulário. In: id. (edit.). *Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino (1608-1612); diários de navegação coligidos por D. António de Ataíde no século XVII*. Lisboa: Agencia Geral do Ultramar, 1958. v.3.

LINSCHOT, Iean Hvgves de. Le grand routier de mer. Nouv. trad. De flameng en François. In: Id. *Histoire de la navigation au Indes Orientales; contenant diverses description des lieux iusques à présent découverts par le portugais....* 2. éd. agm. Amsterdam: Chez Evertsz Cloppenburch, 1619. p. 3-8 e 16-19.

LOPES, David. *A Expansão da língua portuguesa no oriente durante os séculos XVI, XVII e XVIII*. 2. ed. Porto: Portucalense, 1969.

LÓPEZ GARCÍA, Ángel. La interpretación metalingüística de los tiempos, modos e aspectos del verbo español: ensayo de fundamentación. In: BOSQUE, Ignacio et al. (org.). *Tiempo y aspecto en español*. Madrid: Catedra, 1990. p. 107-175.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Trad. Márcio Venício Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: EDUFMG, 2000.

MOLHO, Mauricio. *Sistemática del verbo español; aspectos, modos e tiempos*. Madrid: Gredos, 1975.

MÜLLER, Bodo. *Le français d'aujourd'hui*. Paris: Klincksieck, 1985.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso; princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso; uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997. p. 79-87.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso; estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 3 ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

PINTO, José Rocha. Literatura de viagens. In: ALBUQUERQUE, Luís de (dir.). *Dicionário de história dos descobrimentos portugueses*. Lisboa: Caminho, 1994. 2v.

PORTOLÉS, José. *Marcadores do discurso*. Barcelona: Ariel, 1998.

POS, Arie; LOUREIRO, Rui Manuel. *Itinerário, viagem ou navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997.

POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso; ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba: Criar Edições, 2002.

POST, H. Howens. João Huyghen van Linschoten, administrador da casa do Arcebispo de Goa e espião da Holanda (1538-1587). *Ocidente*, Lisboa, v. 58, n. 264, p.126, 1960.

POTTIER Bernard. *Lingüística general; teoría y descripción*. Trad. por María Victoria Catalina. Madrid: Gredos, 1977.

REIMÃO, Gaspar Ferreira. *Roteiro da navegação e carreira da Índia, com seus caminhos, & derrotas, sinais & aguageis & diferenças da agulha : tirado do que escreveu Vicente Rodrigues & Diogo Afonso, pilotos antigos ; agora novamente acrescentado a viagem de Goa por dentro de São Lourenço, & Moçambique, & outras muitas cousas, & advertências*. 2. ed. Lisboa, Agência Geral das Colônias/Divisão de Publicações e Biblioteca, 1940.

ROJO, Guillermo. Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español. In: BOSQUE, Ignacio et al. (org.). *Tiempo y aspecto en español*. Madrid: Catedra, 1990. p 17-43.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2001 (séc. IV). Livro XI, 20, p. 284.

SCHRIFFRIN, Deborah. *Discourse markers*. Cambridge : Cambridge Univ Press, 1987.

TELLES, Célia Marques. *As Categorias de “modo”, “tempo” e “aspecto” em textos românicos do século XVI*. Salvador : UFBA/PGL, 1982. Dissert. orient. por Nilton Vasco da Gama.

TELLES, Célia Marques. *Coleção de roteiros portugueses da “Carreira da Índia” no século XVI*; edição do manuscrito FP56 da BNP. São Paulo: USP, 1988. Tese orient. por Edith Pimentel Pinto.

TELLES, Célia Marques. Considerações sobre uma tradução francesa de textos quinhentistas portugueses: O “Le Grand routier de mer” de J. H. van Linschoten. In: MILTON, John et al. (edit.). *Encontro Nacional de Tradutores*, 5; anais. São Paulo: Humanitas, 1996. p. 55-6.

TELLES, Célia Marques. O Discurso na literatura de viagens. In: TERRAS & GENTES; Congresso da ABRALIC, 7; anais. Salvador: ABRALIC, 2004. p. 5-6.

TELLES, Célia Marques. A Relação autor-destinatário no discurso dos roteiros de navegação. In: SIMPOSIO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜISTICOS, 1; anais. João Pessoa: Idéia, 1997. v. 2. p. 377-385.

TELLES, Célia Marques. O italiano nos textos da literatura de viagens. In: CONGRESSO NACIONAL DE PROFESSORES DE ITALIANO, 9; anais. Salvador: UFBA, 2001 (no prelo).

TELLES, Célia Marques. A categoria de tempo no discurso dos “Roteiros de Navegação”. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 1, Salvador: ABRALIN, 1994. disq. 7, comun11.doc.

VETTERS, Carl. Temps et deixis. In: id. (org.). *Le Temps; de la phrase au texte*. Lille: Presses Universitaires, 1993. p. 85-113.

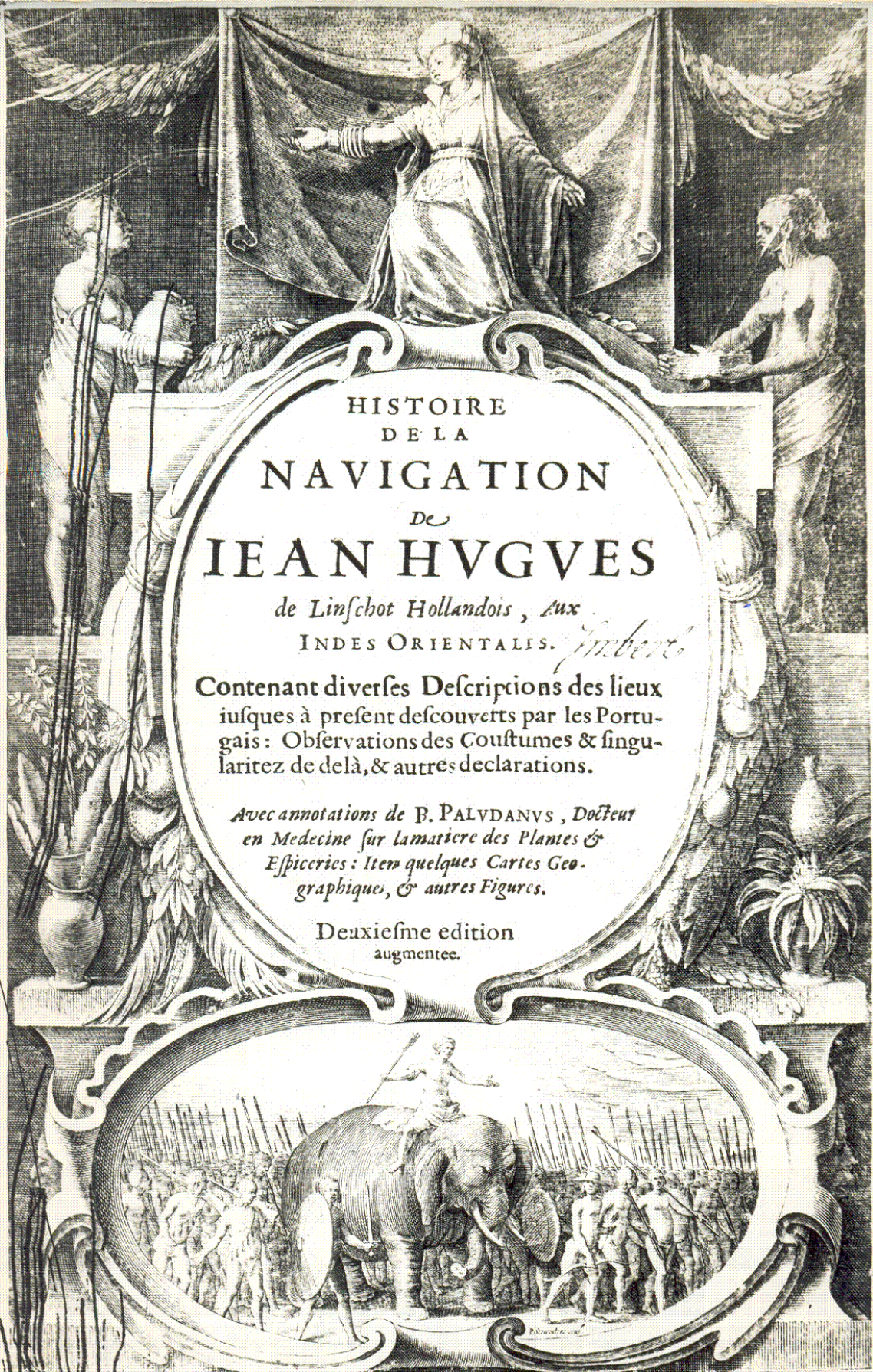
WALTER, Henriette. *Le français dans tous les sens*. Paris: Robert Laffont, 1988.

WARTBURG, W. v. *Évolution et structure de la langue française*. 2. éd. Berne: A. Francke, 1946.

WARTBURG, W. v. *Problemas y metodos de la lingüística*. Trad. Damaso Alonso y Emilio Lorenzo. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Cientificas / Instituto Miguel Cervantes, 1951.

WEINRICH, Harald. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Vers. esp. de Federico Latorre. Madrid: Gredos, 1968.

Cópia dos capítulos de
Le grand routier de mer



HISTOIRE
DE LA
NAVIGATION
De
JEAN HUYGVES

de Linschot Hollandois, Aux

INDES ORIENTALES. *Imbert*

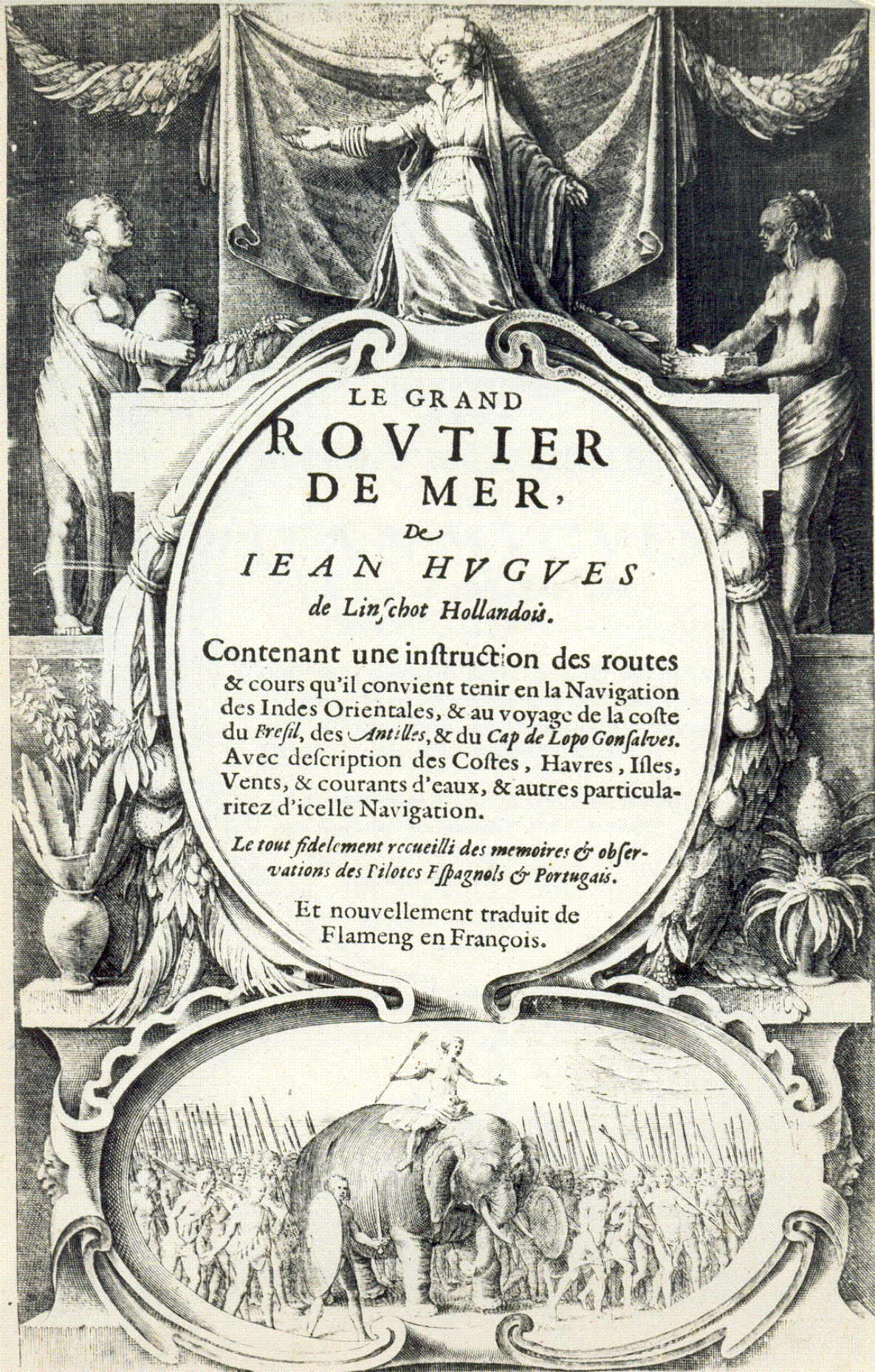
Contenant diverses Descriptions des lieux
jusques à présent descouverts par les Portu-
gais: Observations des Coustumes & singu-
laritez de delà, & autres declarations.

Avec annotations de B. PALVDANVS, Docteur
en Medecine sur Lamatiere des Plantes &
Espiceries: Item quelques Cartes Geo-
graphiques, & autres Figures.

Deuxiesme edition
augmentee.

A AMSTERDAM,

chez Jean Evertsz Cloppenchurch, Marchand libraire, demeu-
rant sur le Water à la Bible Doree. Avec Privilege pour 12. Ans. 1619.



LE GRAND
ROUTIER
DE MER,

DE
JEAN HUGVES
de Linſchot Hollandois.

Contenant une instruction des routes
& cours qu'il convient tenir en la Navigation
des Indes Orientales, & au voyage de la coste
du *Bresil*, des *Antilles*, & du *Cap de Lopo Gonſalves*.
Avec description des Costes, Havres, Isles,
Vents, & courants d'eaux, & autres particula-
ritez d'icelle Navigation.

*Le tout fidelement recueilli des memoires & obser-
vations des Pilotes Eſpagnols & Portugais.*

Et nouvellement traduit de
Flameng en François.



A AMSTERDAM,

Chez Jean Evertsz Cloppenburg, Marchand Libraire, demeu-
rant sur le Water à la Bible Dorée. Avec Privilege pour 12. Ans. 1619.

pres d'icelle, on trouvera ces signes & indices, asçavoir des Escrevices a trois cents lieues de là, & à cinquante lieues des couleuvres flottans en l'eau de la grandeur des anguilles : & est ce signe asçuré. Et à vingt lieues la profondeur est de huitante brasses : à quatorze & quinze lieues elle est de septante brasses : & ne faut point craindre d'en approcher, car le fonds y est par tout beau & net & propre à ancrer : & toutes les Isles & escueils qui sont le long de ceste coste sont proches de terre, de sorte qu'il n'y a rien à craindre.

Toutes les costes qu'on appelle proprement des Indes, s'estendēt Nord & Sud, & quelque peu Nord tirant sur le Oueſt & Sud tirant sur l'Est. Est aussi a noter que toutes les dites costes des Indes, de Perse, d'Arabie, du deſtroit de la Mer rouge, de Coromandel, de Seylon, Bengala, Pegu, Sian, Malacca, Camboia, Cauchin China, China, & Japon giſent du coſté du Nord de la ligne Equinoctiale.

Situation
de la coste
des Indes.

CHAPITRE. II.

*Cours du voyage des Indes, appointé par Diego Alfonso,
Portugais Pilote du Roy.*

Allant de Lisbonne en l'Isle de Madere vous dresserez vostre cours au SudOueſt, & irez recognoistre l'Isle de Porto Santo, & de là cinglerez entre l'Isle Deserte & Madere, vous gardant des petites Isles ou escueils nommez Os Salvagiens qui giſent à deux lieues de Madere au SudOueſt, car il n'y a là que bancs qui de nuit sont fort dangereux : On peut passer le loing d'iceux du coſté de l'Est, tenant vostre cours vers les Canaries. Ayant passé les dites Canaries vous prendrez la route du Sud iusques a la hauteur de quatorze degrez, singlant a cinquante lieues en deſſous du Cap Verd. De là vous tendrez au SudOueſt, & SudOueſt tirant sur le Oueſt iusques à ce que vous veniez à la hauteur de six degrez : & de là au SudOueſt, & SudOueſt tirant sur le Sud, pour tenir vostre cours à septante lieues de la Seche de Rio grande, & à huitante lieues de S. Anne, faisant tousiours vostre mieux de venir à la Ligne Equinoctiale, & tenant tousiours vostre cours en deſſus vers le Sud. Et si le vent estoit Sud, choisissez plustost le coſté de l'Est que du Oueſt, encore que vous fussiez sous la Ligne. Et si long temps que vous n'avez point de vent de SudEst, tenez vous tousiours du coſté de l'Est sans vous approcher de Terra do Mallagetta, plus pres que cinquante ou ſoixante lieues, & quand vous en avez la hauteur & longueur, ayant passé le Cap de Palmas, allant de loſ faites des courtes traites, asçavoir sous la ligne, ou du coſté de deça, afin que les courans ne vous entraînent point en dedans ledit Cap : & avalez tous vos voiles plustost qu'en venir là, car vous ne vous pouvez point autrement garantir, ni faire le voyage des Indes. Je vous ay declaré ci deſſus ce que vous ferez estant centquarante lieues sous la Ligne : alors vous singlerez le travers d'icelle pour passer le Bresil : car suivant le cours sus declaré vous ne pouvez faillir de le passer.

Escueils
dits Salva-
giens.

Comment
il faut sing-
ler sous la
Ligne en-
tre le Bresil
& la Gui-
nee.

En la dite coste de Mallagetta les courans au temps de la nouvelle Lune, ont leur cours au SudOueſt : pourtant vous ne prendrez point alors vostre cours au Bresil, estant sous la Ligne : Et si vous dressiez vostre cours au SudOueſt vous tenant là aussi long temps que le vent dure, faites tout vostre mieux, comme dit a esté, de passer la ligne du coſté du Bresil, pour venir à la hauteur de huit degrez, sous laquelle git le Cap de S. Augustin : Et si estant en ceste hauteur vous desirez avoir la veue du pays, ne vous tournez point

Coste de
Mallagetta

Antilles,

point de l'autre costé, mais mouillez hardiment l'ancre iusques a ce que le vent se renforce pour poursuivre vostre voyage. Sachez aussi que les courans du costé de Bresil, Cap de S. Augustin, & ceste contree, ont leur cours vers les Antilles qui sont Isles devant la nouvelle Espagne: pourtant ie vous conseilleroy pour le mieux de ne point aller de lof: car ce faisant il vous faudroit sans doute retourner en Portugal.

Isles de Martin Vaas.

D'ici vous prédrez un autre chemin vers les Isles de Martin Vaas, ayant passé la Ligne, & plus droit prenez vous le chemin, mieux est il. Depuis les dites Isles, ou depuis la hauteur d'icelles iusques aux Isles de Tristan da Cunha, ayant vent favorable, vous prendrez vostre droit cours, sans conter aucun declin: car ces Isles gisent en mesme longitude que les autres; avec la difference du quadran en ceste contree, asçavoir pres des dites Isles de Tristan da Cunha, l'aiguille du quadran decline au NordEst vn ryn & demi: & quand il est une heure apres midy sur le quadran, il n'est que midy sur l'Astrolabe.

Indices des Isles de Tristan da Cunha.

Pour cognoistre si vous estes pres des dites Isles, vous aurez ces signes, asçavoir certains oiseaux volans ensemble cinq a cinq: & de là plus outre vous verrez d'autres oiseaux nommez Feignons par les Portugais, & iceux tachetez de marques blanches & noires. Estant Sud & Nord à l'endroit de ces Isles vous verrez flotter sur l'eau certaine espeece d'herbe appellee par les Portugais Sargasso, semblable a peu pres à celle qui se trouve pres de Wieringhen en Hollande.

Depuis les dites Isles de Tristan da Cunha iusques au Cap de Bonne Esperance, vous trouvât en ceste contree iusques au huitiesme de Iuin, vous verrez flotter en l'eau a monceaux la mesme herbe de Sargasso avec une autre espeece d'herbe nommee Trombas comme tiges de Roseaux courts & branchus, non si longs que ceux qui se trouvent pres du Cap de Bonne Esperance. A mesure que vous poursuivez vostre route ces Sargasso & Trombas viennent a diminuer: dequoy vous ne devez pas estre en peine: car ces herbages & bourgeons procedent de l'esmotion de la mer en ceste contree là, de sorte que plus le temps est rude sur les dites Isles, plus la Mer rend de telles choses, qui avec le vent & les vagues venans de là, sont poussees vers le Cap de bonne Esperance. Dont vous serez advertiz, quand vous trouverez telles choses de singler cent cinquante lieues arriere des dites Isles, pour eviter tormente.

Indices du Cap de Bonne Esperance.

Corbeaux de Mer.

Venant à la hauteur de trentecinq degrez plus ou moins vers le dit Cap de Bonne Esperance, vous verrez flotter tels herbages & bourgeons. Lors sachez que vous estes pres du dit Cap, asçavoir a trente ou quarante lieues de là: car vous avez passé les precedens des dites Isles. Ceux ci sont longs & à peu pres de la façon des cors a corner. Mais venant à trentecinq degrez & demi vous ne verrez plus tels signes & indices, mais bien quelques Oiseaux grands comme Corbeaux, ayants le plumage noir, & le Bec blanc & plat, lesquels ne volent point plus loing du Cap de Bonne Esperance que vingt ou trente lieues. On y void aussi quelques autres Oiseaux gris que les Portugais appellent Alcatrafes. Tels sont les vrayes signes & indices du Cap de Bonne Esperance iusques au Cap das Agulhas.

Loups de Mer.

Sachez aussi que ceste traversé & passage oblique du Bresil au Cap de Bonne Esperance est beaucoup plus court & moindre qu'il n'est representé es cartes, dequoy il n'est pas expedient de rendre raison de peur que cela ne vienne à la cognoissance des estrangers, à nostre dommage. On trouve aussi autour des dites Isles de Tristan da Cunha & du Cap de Bonne Esperance certains loups de mer: mais vous trouvant en ceste contree là sur

sur la fin de Iuin , il peut bien advenir que vous n'y en voyez point, a cause de la froidure qui les fait retirer au dessous du pays.

S'il advenoit que vous vous trouvissiez environ le dixiesme de May peu plus ou moins en la contree des dites Isles de Tristan da Cunha , vous ne passerez point au dessus de trentecinq degrez , à l'occasion des vents de Ouest qui en ce temps la y sont fort vehemens & impetueux , notamment au temps de la nouvelle Lune : ce qui vous pourroit bien faire rebrousser chemin, comme il advint au Navire de Bon Iesus , qui fut englonti des vagues par la force & furie du vent , comme moy aussi ay veu advenir le mesme a Diego Alfonso, estant sur le Navire de S. Claire.

Tempêtes
autour des
Isles de
Tristan da
Cunha.

Quand vous voyez pres du Cap de Bonne Esperance certains Oiseaux flottans sur l'eau appelez Antenayas, lesquels sont grands & marquez sachez que vous estes pres de Cabo das Agulhas. Vous y verrez aussi flotter de l'escume de Mer, de laquelle les orfevres se servêt, & si vous avez la veue du pays sur la hauteur ci dessus mentionnee , estant a trente lieues du Cap de Bonne Esperance, & venant aussi à la hauteur de trente six degrez , vous y trouverez les mesmes susdits oiseaux. Si tost que vous avez passé le dit Cap, & avez veu le pays soit de ce mesme Cap, ou de celuy das Agulhas de ça ou delà , advisez de vous tenir en Mer iusques à trente lieues arriere de terre : Et si vostre intention est d'aller a Moçambique , vous prendrez la route du Nordest vers les bancs appelez Baixos de Iudia.

Au cours du Bresil vers le Cap de Bonne Esperance , vous vous trouvez tousiours suivi de force oiseaux, lesquels vous perdez venant droitement à la veue dudit Cap. Vous y voyez aussi par fois des oiseaux noirs come Corbeaux , comme a esté dit ci dessus : afin que vous puisiez tant plus assurement cognoistre quand vous estes en dedans du Cap a çavoir du costé Oriental des Indes.

Divers Oi-
seaux de
Mer.

Les vagues qui vous suivent de devers le dit Cap de l'Est au Ouest, cesseront de vous suivre si tost que vous serez pres du Cap das Agulhas en dedans , iusques a ce que vous en trouviez d'autres venantes du SudOuest selon l'estendue de la coste, a çavoir de devers le Cap en dedans. Sachez aussi qu'ici les aiguilles des quadrans sont fixes & egales, de sorte que quand il est midy sur l'astrolabe, il est pareillement midy sur la monstre ou quadrans, l'un se rencontrât comme l'autre, qui est un bon signe & indice, par lequel vous cognoissez que vous estes Nord & Sud endroit du dit Cap das Agulhas, ou entre ledit Cap & celuy de Bonne Esperance : lequel indice est bon & seur tant au aller qu'au venir. Allant de là aux Indes les aiguilles des quadrans declinent d'erechef.

Du Cap das Agulhas iusques à Moçambique l'espace de trente lieues , la coste s'estend Est & Ouest. Vous adviserez ayant passé le dit Cap , & vous trouvant à six ou sept lieues delà en Mer , de ne point prendre vostre cours vers le dit Cap, mais au SudOuest, & SudOuest tirant sur le Ouest: car il est ainsi de besoin pour sauver ce chemin, a l'occasion des courans qui ont leur cours vers les Bayes & Goulfes devers le pays.

Route du
Cap des
Aiguilles a
Moçambi-
que.

S'il vous advenoit de passer trop loing arriere du Cap , en sorte que vous ne vissiez aucun des signes mentionnez , vous prendrez la hauteur vous servant du quadrans : mais il faut qu'il soit assure & qu'il ait un droit fil. Et si vous estiez cent cinquante lieues en dedans le Cap , estant midy sur l'Astrolabe, l'ombre du quadrans ne se trouvera point encore sur le midy , & y a a dire un ryn: & quand il est midy sur la monstre , le Soleil devale & recule, un demi degre sur l'Astrolabe. Quand vous trouvez cela soyez assure que vous estes a cent cinquante lieues du Cap de Bonne Esperance, ou de celuy das Agulhas en dedans : & prenez y bien garde car vous le trouverez ainsi. Et si vous prenez vostre cours pour singler en dedans l'Isle de S. Laurent,

Indices de
l'Isle de S.
Laurent.

vous

vous trouverez certains petits oiseaux blancs volans de bande à vingt lieues du pays ou environ vers les bancs de Iudia : & venant à vingt degrés vous y trouverez pour signes assurez des Garagians & Alcatrafes, qui se font d'oiseaux semblables à des Aigles de mer, alors tenez vous un bon cours : & si vous n'apercevez point ces oiseaux, vous aurez à prendre garde à vous, car vous estes pres de l'Isle de S. Laurent, ou sur les bancs de la coste de Soffala; & si vous voyez plusieurs oiseaux, vous n'estes qu'à dix lieues desdits bancs de Iudia : desquels vous vous destournerez dressant vostre cours au NordEst, & NordEst tirant sur le Nord iusques à ce que vous, soyez parvenu à dixneuf degrés & un quart : & lors vous singlerez au Nord iusques à dixhuit degrés. Delà vous tendrez au Nord & Nord tirant sur l'Est, iusques à 16 degrés & trois quarts. Estant parvenu à ceste hauteur voyant beaucoup d'Alcatrafes, à sçavoir 6, 7, 8, & dix volans ensemble, tenez chez que vous n'estes qu'à dix ou quinze lieues de l'Isle de Ioan de Nova, pourtant faites vostre mieux iour & nuit de vous retirer de là, notamment au temps de la nouvelle Lune, prenant la route du NordOuest : ce faisant vous viendrez pres des Isles nommées dos angoxas : desquelles plus vous vous destournez au Nord, tant meilleur cours tiendrez vous vers Moçambiques, prenant garde de ne point passer pres de ce pays plus que la profondeur de vingt cinq brasses : car vous n'y trouvez que Seches, là ou Don Ian Pereira vint à eschover, & s'y trouve la profondeur de treize brasses.

Isle de Ioan
de Nova.

CHAPITRE. III.

Navigation du Cap das Correntes vers les Seches appellees Baixos de Iudia, & dela a Moçambique.

Indices de
la contree
des bancs
de Iudia.

Isles d'An-
goxas.

S'il vous advenoit de voir le Cap das Correntes estant à six ou sept lieues de là, voulant singler vers Moçambique, dressiez vostre cours Est-NordEst ayant fort vent : & venant à vingt deux degrés qui est la hauteur des bancs de Iudia, vous verrez quantité de Garagians volans par trouppes : & si le vent venoit quelque peu à s'espandre, vous tiendrez le cours du NordEst & NordEst tirant sur l'Est iusques à la dite hauteur. Or pour sçavoir si vous estes fort pres desdites Seches, vous verrez quantité de Garagians, & Alcatrafes voler uniment par trouppes : & si vous apercevez un grand nombre d'Alcatrafes, vous estes proche des dites Seches, mais si vous voyez seulement des Garagians sans Alcatrafes, vous n'estes qu'à vingt-trois lieues. D'ici vous dresserez vostre cours au NordEst, & NordEst tirant sur le Nord, iusques à dixneuf degrés & un quart : & delà vous singlerez au NordEst iusques à dixhuit degrés : & de là au Nord & Nord tirant sur l'Est iusques à seize degrés & trois quarts. Estant en ceste hauteur, vous verrez quantité d'Alcatrafes : lors soyez assure que vous estes tout pres de l'Isle de Ioan de Nova : & si vous les voyez six & sept ensemble, sachez que vous n'estes qu'à dix ou quinze lieues de là, car cest là qu'ils vont querre leur nourriture : pourtant faites vostre mieux de sortir de la hauteur de ceste Isle, laquelle git à seize degrés & demi : Et pour aller plus seurement, singlez au NordOuest : ce faisant vous viendrez pres des Isles d'Angoxas, qui sont proches de la coste de Moçambique : & plus vous tendez au Nord plus vous approchez de Moçambique. Vous prendrez garde qu'en allant des dites Isles à Moçambique, vous ne passiez point au dessous de la profondeur de vingt cinq brasses outre les Corals, là ou Don Ioan Pereira se perdit, & ou se trouve la profondeur de treize brasses. Ayant passé les di-

¹ Mancha da revelação fotográfica. Texto revisto segundo o microfilme do original.

Description de la route de Moçambique.

7
tes Isles d'Angoxas au NordEst, dressez vostre cours au NordEst tirant sur l'Est, qui est un bon cours vous gardant toujours de passer au dessous de la profondeur de vingt cinq brasses, comme dit a esté.

Vous tiendrez le susdit cours du Cap das Correntes si vous vous trouvez pres dudit Cap : & si vous avez vent de SudEst vous singlerez le long de l'Isle qui git au dessus des bancs de Soffala, pour parvenir tant plus tost a Moçambique, & avec le vent d'Est à la hauteur & signes ci dessus mentionnez. Vous eviterez aussi les bancs de Iudia, & ceux de l'Isle de S. Laurent qui sont proches de ceux de Iudia. Entre les uns & les autres il y a nonante cinq brasses de profondeur.

Bancs de Soffala.

Si vous desirez singler sur la rade de Moçambique, vous devez passer à l'entree les deux petites Isles de S. George, & S. Jaques, lesquelles vous lairrez du costé du SudOuest, vous esloignant quelque peu de celle de S. George sur la profondeur de six & sept brasses, poursuivant ainsi vostre cours iusques en dedans, prenant toujours de pres garde aux bancs sur lesquels vous voyez l'eau se rompre iusques a ce que vous soyez devant l'Isle & fortresse de Moçambique.

Isles de Moçambique.

CHAPITRE. IV.

Navigation de Moçambique aux Indes.

Allant de Moçambique aux Indes, dressez vostre cours au NordEst, Ce faisant vous descouvrirez a Ilha do Comoro distante nonante quatre lieues de Moçambique, la hauteur d'onze degrez & demi, a scavoir en son bout septentrional : ceste Isle est fort haute & eslevee A quinze lieues de là vous verrez certaine espeece d'oiseaux appelez Rabos de Iuncos, c. a. d. queues de ions, au regard de leur forme : & de nuit vous orrez gazouiller les Garagians.

Isle de Comoro.

Rabos de Iuncos & Garagians.

De ceste Isle poursuivant vostre route vers les Indes, sachez que si tost que vous avez descouvert le bout septentrional de l'Isle de S. Laurent, que les courans ont leur cours au Nord & NordOuest iusques au Cap de Guardafu & emboucheure du destroit de la mer rouge. Vous serez adverti si vous avez demi vent ou vent en poupe, de ne conter cela en la route que pour lors vous tenez : & prendre toujours un rin d'abbaisement ou declin, & deux rins si vous avez presques vent, à cause que les courans vous poussent toujours au NordOuest : & prenez bien garde a vous que quand vous trouvez beaucoup de hauteur cest dautant que les courans vous poussent ainsi qui dit a esté. Et pour estre tant plus asseuré de pouvoir parvenir à la coste des Indes vous vous devez garder de l'aiguille du quadrans, qui tourne au NordEst un rin & davantage : Si vous contez le cours selon la droite route que tient le navire, vous perdez tout ce que l'aiguille du quadrans decline par son declin au NordEst, & ce que les courans vous poussent au NordOuest ; au moyen dequoy il se trouve trop court & en faute de pouvoir parvenir a la dite coste des Indes. Le flux des courans vers la mer rouge est depuis le quatriesme iusques au seiziesme degre. Prenez toujours bien garde de vous tenir a vostre avantage, & de ne point venir court. En ceste contree & route se void toujours quantité de ceste espeece d'oiseaux susmentionnee, a scavoir de Rabos de Iuncos : & quand vous approchez de la coste & des bancs de Pandua vous n'en verrez plus : seulement verrez vous aucunes couleuvres comme anguilles flottantes en mer à cinquante lieues de terre, & davantage.

Quel est le flux des courans en la coste Orientale d'Afrique.

Rabos de Iuncos.

T

Sachez

Quel est le
flux des
Courans
vers le Cap
de Bonne
Esperance.

Sachez aussi que les courans vers le Cap de Bonne Esperance iusques à la susdite saison, ont tousiours leur flux de devers Cabo Delgado vers le dit Cap de Bonne Esperance au SudOuest nonobstant les traverses d'aucuns autres courans, comme de ceux qui ont leur flux le long de Ilhas primeiras au Ouest: & de ceux qui ont leur flux sur les bancs de Cabo das Correntes iusques à la riviere nommee Aguada de Boapaz, lesquels pareillement ont leur flux au Ouest, tirans iusques aux goulfes qui sont pres de Cabo das Agulhas. Pres de Aguada de San Bras ils ont leur flux vers terre. Et en ceste coste vous trouverez que plus le vent de Ouest est fort, plus les courans courent fort contre le vent.

CHAPITRE V.

Navigation de Lisbonne aux Indes appointee par Vincente Rodrigues de Lagos Portugais Pilote du Roy.

Isle de Porto Santo.

AU partir de la riviere de Lisbonne pour aller à l'Isle de Porto Santo, il faut singler au SudOuest: & estant hors de Lisbonne, il convient marquer le Soleil avec le quadran, pour en faire l'esprouve, tant au lever qu'au coucher d'iceluy, & au milieu d'iceluy, a sçavoir au Nord & au Sud, & tout ce que vous trouverez de declin de l'aiguille du quadran au NordEst, vous le singlerez au Sud: car la dite Isle de Porto Santo git NordEst & SudOuest au regard de la riviere de Lisbonne, & y correspond ainsi en tout & par tout.

Isle du Fer.

Quand vous venez a voir Porto Santo, ou l'Isle de Madere, allant vers l'Isle de la Palme, tout ce que l'aiguille du quadran decline au NordEst vous le luy adiousterez, & encore quelque peu de surplus: car elle git plus à l'Est qu'il n'est marqué sur les cartes: & de là vers l'Isle du Fer, laquelle pareillement vous trouverez estre quelque peu plus occidentale que les cartes ne la representent: pourtant ne soyez point ici nonchalant: car combien que vous preniez vostre cours à dix lieues de l'Isle de la Palme selon quelle est representee sur la carte, toutesfois vous viendrez iustement dessus.

Quand vous estes passé l'Isle de la Palme, il est bon de tenir la route du Sud, à trente lieues des Isles du Cap Verd, adioustant tousiours ce que l'aiguille du quadran decline au NordEst, ou bien vous userez de double cours, premierement au Sud, puis au Sud tirant sur l'Est, adioustant le cours au Sud, ou pour mieux entendre tout ce qui est de declin en l'aiguille du quadran, qui peut estre un demi rin, plustost moins que plus.

Eau verte
pres de Cabo
branco.

Venant du vingtdeuxiesme degré au dixhuitiesme vous verrez de l'eau verte qui est de devers la pointe appellee Cabo branco, & de devers le goulfe ou git la forteresse d'Arguin, laquelle eau si vous voyez plus de deux fois, cest signe que vous estes pres de la coste: mais si vous en voyez peu, a sçavoir moins que deux fois vous estes plus pres des Isles.

Venant à dix degrez, si long temps que vous estes pres de la coste de Guinee vous ne donnerez aucun abbaissement ou declin à l'aiguille du quadran, a cause que l'eau tire vers terre, tellement que le declin de l'aiguille au NordEst, qui peut estre le tiers d'un rin, demeure egal au flux du courant, & aussi le navire va au SudEst, & l'eau & les courans viennent tousiours de devers le Sud, au moyen dequoy il est poussé vers terre.

le quadran sera presques fix, & s'il y a quelque different, ce sera de quelque petit declin au NordEst, car pres de la dite Ile de Flores iusques à l'Ile de Fayal les quadrans sont fix & egaux, comme dessus.

C H A P I T R E. VIII.

Cours de la Navigation des Indes au Cap de Bonne Esperance, signé par un autre Pilote Portugis.

Illes Ma-
males &
Maldives.

Q Uand vous partez de Cochin pour tenir la route de Portugal, faites tousiours vostre mieux de singler en la hauteur de dix degrez & demi iusques a cinquante lieues delà au Oueſt SudOueſt, tellement que vous veniez iusques a dix degrez tout au plus, qui est la hauteur des Illes Males : car les courans vous tireront tousiours vers le milieu du Canal qui est entre ces Illes & les Maldives a neuf degrez & demi : lors pouvez vous passer au large sans voir aucune de ces Illes : & allez tousiours assurement la hauteur de neuf degrez & un quart, combien qu'es cartes plusieurs fausses Illes y soyent remarquées.

Ile de
Brandaon.
Illes dos
yrmaos.
Ile de Pe-
dro mascar-
enas.

Ile de Ioan
de Lifboa.

Et s'il vous advenoit de partir de Cochin environ le vingtiesme de Janvier peu plus ou moins, dressez vostre cours en telle sorte que vous passiez les dites Illes au SudOueſt, & SudOueſt tirant sur le Sud iusques a ce que vous soiez sous la Ligne Equinoctiale, a cause que vous voyagez tard, & pourroit advenir que vous n'aurez le vent ni le temps a commandement. Et pour tenir le costé de mer de l'Ile de Brandaon, vous pouvez prendre vostre cours entre les Illes dos yrmaos qui gisent a quatre degrez au Sud, & delà vous pouvez ordonner vostre cours vers les Illes de Pedro Mascarenas, poursuivant ainsi vostre chemin. Alors vous surviennent estant a quatre degrez au Sud, beaucoup de tonnerres, esclairs, & fortes pluyes, iusques a quatorze degrez : cela se void ordinairement en feburier, comme ie l'ay experimenté. Pourtant faites tousiours vostre mieux de parvenir a quatorze ou quinze degrez, car ordinairement vous trouverez a quinze ou seize degrez des vents de SudEst : & lors ne singlez pas plus avant en mer, mais dressez vostre cours entre l'Ile de Brandaon, & celle de Lopo Soares, qui est un bon cours. Si tost que vous avez passé ceste Ile, prenez vostre chemin le lōg de l'Ile de Ioan de Lifboa : Entre cest e Ile & celle de Pedro Mascarenas il y a un bon Chemin, tellemēt que vous venez a passer a quatorze ou quinze lieues de l'Ile de S. Laurēt. Delà prenez vostre cours sur vingtneuf degrez au Oueſt SudOueſt, puis singlez au Oueſt & Oueſt tirant sur le Sud iusques au trentequatriesme degre ou aussi loing qu'il vous plaist.

Terra do
Natal.

Tenant un tel cours & venant a cinquante ou soixante lieues pres du pays appelle Terra do Natal, vous verrez forceoiseaux : & plus la tormeſte sera grande plus vous en verrez : & si vous en voyez beaucoup, soiez assure d'estre loing de terre : & quand vous les perdez de veue, regardez devant vous, car si vous estes pres de terre vous les perdrez tous de veue, excepté les Corbeaux à blanc bec, desquels tant plus vous approcherez de terre tant plus grand nombre vous trouverez, combien qu'il s'en trouve aussi a vingt lieues de terre, mais point plus loing. Si tost que vous commencez a passer l'Ile de S. Laurent, prenez le cours susmentionné : Et quand vous commencez a descouvrir la bouche du Canal qui est entre la dite Ile & Moçambique vous avez incontinent le flux des courans vers le Cap de Bonne Esperance, & ne doutez point en ceste contree de prendre vostre

vostre cours au SudOuet: car d'ordinaire vous avez incontinent le vent au Sud, & tout ce que vous avez singlé au OuetNordOuet cest autant d'avancé: pourtant vous adverti-je de vous tenir toujours pres de la coste vous en aurez meilleur voyage, car les courans vous pousseront vers le Cap, ores que les vents ne vous aident point: ce qu'il convient entendre lors que vous partez tard de Cochin: Ici vous trouverez toujours grande force des vents de Ouet. Sachez aussi qu'en Mars & Avril en tout ce chemin depuis le dernier bout de l'Isle de S. Laurent iusques au Cap, les vents de Nord & NordEst y soufflent d'ordinaire: de sorte que s'il y a un iour ou deux de vents de SudEst, ou de Sud, cest comme miracle: & ne faut faire aucun conte sur cela: car en tout ce temps là ils soufflent fort rarement en tout ce voyage iusques au Cap: & plus vous approchez du Cap, plus avez vous de vent de Nord: mais quand le vent de Nord vient avec bruine & brouillars, attendez vous pour certain d'avoir des vents de Ouet, car tel est le naturel de ces vents en ceste contree. Vous serez aussi adverti que l'an du bissexte il fait plus dangereux en ceste contree qu'es autres annees, a cause que les conionctions des planettes & des corps sont alors differentes, & que les corps inferieurs sont suiets aux superieurs & sont regis par iceux. Vous trouverez en ceste contree depuis le trentiesme degré en avânt que si tost qu'il fait vent de Nord avec menue pluye il s'en ensuit incontinent grand orage: pourtant soyez sur vos gardes afin que vous ne soyez surpris: car si le tormête vous survient a l'improuite, vous ne pourriez estre garanti qu'a grand difficulté & par un singuliere faveur de Dieu, tant est grande & furieuse la tormente quand elle se leve.

Quels véts soufflent d'ordinaire entre le Cap de B. Esperance & l'Isle de S. Laurent.

S'il vous advenoit de vous trouver au commencement de febvrier a septante ou huitante lieues en mer pres du dernier bout de l'Isle de S. Laurent, vous dresserez vostre cours vers le Cap das Agulhas, car alors vous aurez toujours des vents de SudEst, si vous ne passez point au trentesixiesme degré en mer: laquelle navigation vous ferez partant des Indes au mois de Decembre. A vingt & vingt cinq lieues du dit Cap vous aurez cent & cent trente brasses de profondeur, a sçavoir sous la hauteur de trentesix degrez & demi.

Quel cours il faut tenir en febvrier pres de l'Isle de S. Laurent.

CHAPITRE. IX.

Navigation de Monte Delin montagne celebre en la coste de Malabar, en Portugal.

ALlant de Monte Delin en Portugal, en dehors de l'Isle de S. Laurent vous vous mettez NordEst & SudOuet à l'endroit de la dite montagne, dressant vostre cours a l'Est, & Est quart au Sud: ce faisant vous viendrez pres d'une Isle qui git la hauteur de dix degrez & demi, a sçavoir à cinquante lieues de la dite montagne: lors vous prendrez la route du SudOuet, & SudOuet tirant sur le Ouet, & viendrez à vingt cinq lieues de la dite Isle, la hauteur de neuf degrez & trois quarts, vous gardant de ne point tenir vostre cours du costé du Sud vers les Isles de Maldive: a demi lieue de là il y a beau fonds & bonne tenue. Si tost que vous avez passé ces Isles soit tost ou tard en saison, dressiez vostre cours au SudOuet, & SudOuet tirant sur le Sud, iusques à ce que vous soyez outre la Ligne: & si vous trouviez là des vents de Ouet, tenez le cours du Sud & Sud tirant sur le Ouet si faire se peut, au defaut du Sud, qui est un bon cours lequel vous pouvez poursuivre sans crainte.

Navigation en dehors de l'Isle de S. Laurent.

S'il

Bancs de Lopo Soarez.

S'il vous advenoit de trouver sur ce cours asçavoir au dessus de treize degrez plusieurs Garagians volans par troupes les uns pres des autres, ne craignez pas pourtant de poursuivre vostre cours : & s'il est tard en saison, tenez vous tousiours du costé du Sud pour eviter les bancs appelez Os baixos de Lupo Soarez & les Garagians qui sont a seize degrez. Tenant ce cours vous pouvez hardiment singler tant de iour que de nuit sans craindre, car ie say par experience qu'on n'y rencontre rien.

Le seiziesme degre n'estant point passé, vous pouvez aussi singler entre les susdits bancs & l'Isle de Brandaon, & venant à la hauteur ne faites pas difficulté de perdre une nuit, pour ainsi aller plus seurement : & prenez garde que quand vous trouverez plusieurs Garagians & autres oiseaux marquetez volans en troupe, vous estes quarante lieues outre la dite Isle. De là vous singlerez quelques traites au SudOuest, & SudOuest tirant sur le Sud : Et si vous partez des Indes tost en saison evitez toutes ces Isles & bancs tenant vostre cours en pleine mer vers le Cap das Agulhas.

Comment il faut singler en febvrier de vers l'Isle S. Laurent au Cap de B. Esperance.

S'il vous advient de vous trouver le sixiesme ou septiesme de febvrier a cent lieues peu plus ou moins de la derniere pointe de l'Isle de S. Laurent asçavoir sur sa hauteur, comme ie l'ay trouvé, singlez au Ouest SudOuest, iusques a ce que vous soyez à la hauteur, vous gardant tousiours des courans qui vous pourroyent tromper : car ils ont là leur plus roide cours en febvrier, à l'occasion des vents d'Est qui alors sont vehemens : & dressez vostre cours vers le Cap de Bonne Esperance iusques au trentesixiesme degre & demi : Et quand vous estes pres du Cap des Aiguilles, regardez quand il est midy sur l'Astrolabe, & si alors il estoit midy sur le quadran, ou qu'il n'y eust difference que d'un fil, c'est un bon signe en ce voyage de Portugal aux Indes tant au aller qu'au venir, & les aiguilles des quadrans sont fixes & egales : Que si elles declinent de l'un ou de l'autre costé, elles tourneront au NordEst, ou au NordOuest apres que vous ferez parti de la Ligne Meridionale : autant y a il pareillement de difference sur la montre.

Quand vous venez au Cap des Aiguilles, ou plus outre, prenez garde à l'eau, & si elle se trouve verte retournez au trentesixiesme degre & demi, & jettez la sonde, & vous trouverez trente brasses, & estant au trentesixiesme degre & deux tiers vous trouverez nonante brasses, & ne verrez pas beaucoup de corbeaux a blanc bec, ni d'Alcatrafes : vous en verrez beaucoup à l'un & l'autre costé dudit Cap das Agulhas : tant en la coste qu'à vint lieues de là en pleine mer mais point plus loin : si long temps que vous ne venez point sur la dite profondeur vous trouverez l'eau claire & verdastre avec de l'escume de mer flottant dessus.

Indices quand on a double le Cap des Aiguilles, & celui de B. Esperance.

Si tost que vous avez trouvé fonds, sans vouloir le pays du Cap de Bonne Esperance, tenez ainsi vostre cours le long de ce fonds iusques à ce que vous le perdiez derechef : soyez alors assuré d'avoir passé le Cap das Agulhas : & lors dressez vostre cours au Ouest NordOuest, ce faisant vous singlerez douze lieues arriere du Cap. Commençant a vous en esloigner vous verrez flotter des gros tiges de roseaux, asçavoir a dix & quinze lieues de là sur le dit cours : quand vous venez a les voir c'est un bon signe, & pouvez estre hardiment assuré d'avoir doublé le Cap de B. Esperance. Pres du Cap das Agulhas si vous prenez garde au quadran & a l'eau du fonds, vous remarquerez biē de là quand vous en estes pres : car pres de ce Cap les aiguilles des quadrans sont fixes & egales, au lieu qu'en dedās ou en dehors d'iceluy elles declinent au NordEst, ou au NordOuest, comme il a esté souvent dit.

La navigation du Cap de Bonne Esperance en Portugal est sans peril iusques a la Ligne Equinoctiale, car un y a tousiours un vent de SudEst qui y souffle : & quant au reste du chemin depuis la dite Ligne iusques en Portu-

gal il est assez usité & cognu des communs mariniers. Que si on desiré le cognoistre, on peut lire ce qui en a esté dit ci dessus & qui a esté signé, comme aussi ce qui en a esté représenté en la description de mon voyage & retour des Indes en Portugal, ou il en est fait particuliere mention.

CHAPITRE X.

Des vrais signes & indices du Cap das Correntes, & yllhas Primeiras, de tous les havres & costes iusques a Moçambique.

Les bancs de Soffala commencent au Cap de S. Sebastian, & s'estendent iusques aux yllhas Primeiras le long de la coste: & la coste s'estend Nord & Sud iusques à Soffala, ayant quelque peu du Nord tirant sur le Ouest, & du Sud tirant sur l'Est: Ici se voyent quelques rivieres, mais peu profondes pour des grands navires.

Bancs de Soffala.

La riviere nommee Maraca ou Mone gite la hauteur de vingt & un degré & demi: elle n'a en son havre à haute eau que trois brasses de profondeur: & a pour indice un haut arbre du costé du Sud, & quelques dunes le long du rivage, qui paroissent comme petites isles sans arbres: du costé du Nord se trouvent quelques bancs: On entre au havre du costé du Nord-Ouest asçavoir du costé des arbres, auquel endroit quand vous estes en dedans la pointe, on peut ancrer la profondeur de cinq & six brasses.

Quiloan ou Quiloano gite la hauteur de vingt degrez & demi, ayant du costé du Sud un haut Palmier, duquel costé le pays paroit comme un coin. Vous pouvez bien entrer audit Quiloan avec un navire de deux cents tonneaux a haute eau; mais il vous faut garder d'une seche qui gite à trois lieux du have. Ce havre a cinq brasses de profondeur à haute eau, & quand vous estes dedans vous approchant de la pointe de la riviere vous y trouverez cinq & six brasses fonds vaseux. On y entre Ouest SudOuest, & SudOuest tirant sur le Ouest, & les dites Seches gisent Est SudEst, & Ouest SudOuest comme Quiloane.

Depuis Maraca iusques à Quiloan vous appercevrez le pays estant sur la profondeur de treize & quatorze brasses: & venant à vingt & un degrez & sur la profondeur de soixante brasses, vous serez quinze lieux arriere de terre, & trouverez du Coral au fonds, & delà en dedans du menu sable. Allant de Quiloa à Soffala, dressez vostre cours au Nord, & Nord tirant sur l'Est, asçavoir en dehors de la pointe sur la profondeur de treize brasses, iusques à ce que vous ayez la veue de Soffala, & si vous desirez poser là, singlez iusques à la profondeur de six & sept brasses, qui est à six ou sept lieux arriere de terre.

Constitution de la Coste de Maraca.

Le havre de Soffala s'escoule tous les ans: pourtant vous ny pouvez point bien entrer sans quelque sondeur du pays. Ce lieu a pour marque & indice un nombre de Palmiers les uns pres des autres du costé du Nord. Allant d'ici à Moçambique vous singlerez à l'Est, iusques à ce que vous veniez sur la profondeur de quarante brasses, & de là à l'Est NordEst, tenant vostre cours à quinze ou seize lieux des yllhas primeiras: Vous trouverez toujours en ceste contree, asçavoir tout le long de la coste, du menu sable noir meslé avec de la terre, estant pres de terre à la veue du pays.

Soffala gite la hauteur de vingt degrez, & le havre de Bango à dixneuf degrez & demi: & la riviere de Cuama a dixhuiet degrez & trois quarts. Le cours de Soffala à Cuama le long de la coste est NordEst & SudOuest en distance de trente lieux. S'il vous estoit de besoin d'entrer en ceste riviere pour y recouvrer de l'eau fraische, vous y pouvez entrer avec un petit vaisseau, & vous y en trouverez par tout à souhait. De Cuama aux yllhas primeiras le cours le long de la coste est Est & Ouest,

ayant